

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 8 | JANEIRO 2025



EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

QUESTIONÁRIO
DE PROUST A...

6 NUNO GONÇALVES

PER FICTA, RESISTERE

8 PATHÉTIQUE

Ana Paula Miranda

12 O SOM DA CULPA

Ana Pinheiro

16 CUIDADO PARA NÃO SE CAIR
NA ARMADILHA

Carla Carmona

18 E SE A TUA RESPIRAÇÃO
FOSSE UMA MÚSICA

Cláudia Passarinho

20 SÉTIMO DIA

Gabriela Pacheco

22 SER OU FINGIR? EIS O SENÃO

Inês Pinto

26 MAPA ANCESTRAL

Laura Vasques Sousa

30 O SILÊNCIO QUE ECOA

Maria Bruno Esteves

32 SONS E TONS

Maria Gaio

34 O BOM GAFANHOTO

Nuno Gonçalves

38 AS COISAS HÃO DE MELHORAR

Paula Campos

40 ORAÇÃO

Ricardo Alfaia

42 MERGULHO SONORO

Sónia Pedroso

44 O MARECHAL MELÓMANO

Vera Nobre

LUSOFONIAS

96 DIÁRIO DO AMOR

João Melo

98 LÍQUOR

Oswaldo Martins

PALAVRA DE LEITOR

99 FALEMOS DE MONSTROS

Mário Rufino

101 DONA ESCURIDÃO

Paula Campos

A LITERATURA
PELOS TEMPOS

4 DO BARROCO AO
NEOCLASSICISMO:
DUALIDADES ESTÉTICO-
-LITERÁRIAS

Gisela Silva

IN METU, VERITAS

48 A VOZ DE DEUS

Carlos Aleluia

49 A CASA DE BONECAS DE MILLY

Leonor Hungria

51 A RUÍNA

Marta Nazaré

52 ESTUDO EM CARMESIM

Miguel Gonçalves

PÉS DE PETIZ

54 Ó MALHÃO, MALHÃO

Ana Costa

56 AO TOQUE DO SINO

Alexandra Maria Duarte

59 O RAPAZ DAS NOTAS MÚSICAIS

Isa Silva

62 O JANTAR DA RAPOSA E DA
CEGONHA

Teresa Dangerfield

DA PALAVRA À FORÇA

84 POSITIVIDADE TÓXICA
- O PERIGO DE (NÃO) SENTIR

Júlia Domingues

86 DE PASSATEMPOS. DE
PALAVRAS. E DA HIGIENE QUE
LHES FALTA.

Patrícia Lameida

GAVETA CRIATIVA

88 JORNALISMO VERSUS FICÇÃO

David Roque

LÍNGUA MÁTRIA

90 REVER UM TEXTO EM TEMPOS
DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ana Salgado

92 «NÃO HÁ NADA» É ERRO DE
PORTUGUÊS?

Marco Neves

A BIBLIOTERAPEUTA
SUGERE

106 DIZ-ME O QUE OUVES

Sandra Barão Nobre

RESISTENTIA POÉTICA

64 POEMA CARREGANDO O
MUNDO

Margarida Vale de Gato

66 QUE MORAL SONORA É ESSA?

Ana Ribeiro

67 AMORAL

Analita Alves dos Santos

68 POEMA SEM TÍTULO

António C. Guerreiro

70 NÃO DESPERTE AINDA, MEU
AMOR

Cidália Santos

71 A MINHA CASA

Daniela Roxo

72 O GRITO

Filipe Araújo

73 OS DEGRAUS DO VENTO

Luís Aguiar

74 VIBRAÇÕES

Maria Leonilda Pereira

75 A INTEIREZA DA PARTITURA

Maria Luísa Francisco

76 SONORIDADES

Maria Silvéria Mártires

77 UMA LÁGRIMA

Maria Teresa Portal Oliveira

SALTANDO DO
PARENTESIS

78 AS MAMAS SÃO DE QUEM AS
TEM

Ana Candeias

80 ECOS DE UMA NOVA ÉTICA

Laura Gonçalves

82 ESCUTAR E DISCERNIR

Luciana Morais

CRÓNICA DO VIAJANTE

94 WALTER BENJAMIN NUNCA
CHEGOU À PALESTINA

João Ventura

BESTIÁRIO ARDILOSO

102 O AMENTADOR DE XENDIVE

Porventura Correia

SENTENTIA

104 PORQUE MUITOS ESCRITORES
FICAM PELO CAMINHO?

James McSill

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, David Roque, Laura Vasques de Sousa, Paula Campos e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial ©2025 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

MORAL SONORA

Analita Alves dos Santos

A literatura não é apenas o que se escreve mas também o que se ouve. As frases que nos atravessam, os ritmos que nos ficam no corpo, as palavras que escolhemos amplificar. Tal como na música, na escrita há uma composição invisível, um oscilar entre som e silêncio, explícito e implícito. Ler e escrever são formas de escuta.

No poema que serve de mote a esta edição, «Moral Sonora», Gonçalo M. Tavares escreve: «Decidir a que som dar atenção é, afinal, determinar a que volume colocar as diferentes partes do mundo.» A literatura é isso: um ajuste de intensidade, um gesto que molda o que permanece e o que se dissipa. Ao lermos, escolhemos um tom, um ritmo, uma pausa entre as palavras. Cada leitura é uma afinação do mundo.

Desde agosto de 2021, a *PALAVRAR – Ler e escrever é resistir* tem sido esse espaço no qual as palavras encontram ressonância. Com esta 8.ª edição, a primeira também em papel, inauguramos um novo ciclo sem perder o essencial: a vontade de pensar o mundo através da literatura, com todas as possibilidades e desassossegos.

Também há mudanças dentro destas páginas. Diana de Castro Almeida, que concebeu e acompanhou esta revista desde o início, despede-se do papel que assumiu ao longo destes anos. Foi presença decisiva, deu forma a cada edição com o rigor e a entrega de quem sabe que uma publicação literária é mais do que a soma dos textos que a compõem – é um território de descoberta, um lugar onde se moldam futuros. A *PALAVRAR* será sempre sua filha. A quem vier, caberá continuar essa construção, reinventando sem perder a escuta atenta que nos trouxe até aqui.

Que esta edição seja lida com atenção: porque ouvir é interpretar e, na literatura, assim como na vida, essa escolha é sempre um ato de criação.

Boa leitura.

Diana Almeida

Oitavo número da revista literária *PALAVRAR – Ler e Escrever é Resistir* — fecha o quarto ano da sua existência.

Em quatro anos, a *PALAVRAR* consolidou presença como plataforma de arte, onde crescemos, exploramos e escrevemos. Principiantes e experientes, nomes desconhecidos e sonantes, géneros vários, vozes de múltiplos timbres... a *PALAVRAR* é hoje aquilo a que se propôs: um palco aberto para a exposição da escrita.

Nascida digital, a *PALAVRAR* continua a evoluir e é neste oitavo número que se materializa. Esta é a nossa primeira edição física e, assim, os escritores e leitores poderão ver as palavras como apreciam: impressas.

Percorrer este caminho tem sido fonte de aprendizagem, convívio e suporte. Como fundadora da revista, orgulho-me do trabalho alcançado a cada novo volume, do percurso que a revista descreve em contínuo e das pessoas que a enchem a cada número. É com o mote de "Moral Sonora" que passo o meu testemunho, oferecendo a novas mãos o cargo que ocupei. Neste número preenchido pela inspiração que Gonçalo M. Tavares nos emprestou, é satisfação que acompanha cada palavra, cada página.

Antecipando a felicidade pela leitura que me esperará a cada semestre, sei que a *PALAVRAR* não deixará de existir, crescer e evoluir. Será um prazer acompanhar o que esta revista ainda tem para mostrar.



DO BARROCO AO NEOCLASSICISMO: DUALIDADES ESTÉTICO-LITERÁRIAS

GISELA
SILVA

Nos séculos XVII e XVIII a literatura em Portugal viu-se marcada por profundas mudanças estéticas e culturais que refletiram os movimentos dominantes da época: o Barroco e o Neoclassicismo. As incertezas e instabilidades ao nível das questões geopolíticas e religiosas, que tinham por finalidade a união ibérica e subsequentemente a restauração da independência de Portugal, levaram a perturbações sociais que foram propícias ao surgimento do Barroco (ou Seiscentismo). Adotado da Itália e França, como uma resposta a todas essas inquietações e influenciado pelo espírito da Contrarreforma, este movimento generalizar-se-á no nosso país sobretudo como uma reação, destacando-se intencionalmente a tensão entre os valores religiosos e mundanos.

E porque de todas estas questões se faz a literatura de um país, este período será igualmente contemplado no Índice da História da Literatura Portuguesa, representando muito do que se escreveu. Denominado como «imperfeito como as pedras preciosas, mas, ainda, assim, precioso» (Mattoso. 1994:423; V. 4), será associado a uma estética de contraste, exagero, dramatização e visará despertar emoções e reflexões, nomeadamente sobre a efemeridade da vida, onde o binómio Bem/Mal será de fácil entendimento, não havendo lugar para meios termos.

Entre os autores mais representativos do Barroco em Portugal, na prosa e na oratória, destaca-se o padre António Vieira (1608-1697), comumente denominado o «revolucionário português», sobretudo pelos seus sermões, onde combinará sofisticação retórica e profundidade espiritual. A sua formação jesuíta levá-lo-á a abordar, com prontidão, temas

políticos e sociais, como a defesa dos direitos dos povos indígenas no Brasil, tecendo duras críticas às desigualdades sociais. Favorecendo-se de um jogo de palavras, metáforas exuberantes, hipérboles sublimadas, num estilo dinâmico, cativou a corte, o povo, os índios, chamando a si os que queriam ouvi-lo e os que acreditavam querer fazê-lo. Além dos seus sermões religiosos, deixou textos políticos, como «História do Futuro», onde articulou uma visão messiânica sobre Portugal, como o Quinto Império. Consideradas paradigmas da complexidade barroca, as suas obras configuram o que de mais valioso há na literatura desta época: uma ideologia centrada na atuação do Eu em relação ao Outro, divulgada nos púlpitos ou obras a partir de um jogo metafórico e paradoxal, capaz de concentrar num mesmo discurso cultismo e conceptismo de uma forma absolutamente singular, apenas aceitável num período com tais características.

No âmbito da poesia, as duas antologias mais referenciadas são *Fénix Renascida* e *Postilhão de Apolo*, reunindo os textos de vários autores. E se Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622) foi essencial na transição entre o Renascimento e o Barroco, por a sua obra mesclar temas bucólicos com a melancolia barroca, nomes como os de Francisco Manuel de Melo, Manuel Bernardes, Soror Violante do Céu e Jerónimo Baía, por exemplo, foram os que exploraram a profundidade dos sentimentos, numa visão introspetiva da condição humana, compreendendo-se a incessante luta entre o efémero e o eterno, o material e o espiritual. Mesmo se o século XVII confirmou o tempo da mudança política, social e literária, o século XVIII virá a ser o responsável pelas maiores alterações operadas na literatura portuguesa, com o advento do Iluminismo e do Neoclassicismo (Setembrismo). Estes movimentos, que certificaram um retorno aos ideais de simplicidade, ordem e equilíbrio da Antiguidade Clássica vão permitir que as demais formas de expressão reflitam uma valorização crescente da racionalidade e da clareza, capazes de exaltar a simplicidade, o bucolismo e a vida em harmonia com a natureza.

Um dos marcos do Neoclassicismo em Portugal foi a fundação da Arcádia Lusitana, em 1756, inspirada na Arcádia Italiana (1660), que reuniu escritores predispostos à depuração da exuberância emocional do Barroco, promovendo-se um traço objetivo de prioridades. A sua extinção em 1776 levou aparentemente a que se pensasse numa outra forma de expressão literária, mas a criação da Nova Arcádia, em 1790, cimentará os seus propósitos na implementação consciente de uma *Inutilia Truncat*, isto é, uma propaganda de higienização dos preceitos do Barroco (cortar o inútil), promovendo a sensação apaziguadora do recolhimento, com a *Fugere Urbem*, e a procura do *Locus Amoenus*, numa focalização interna para que equilíbrio do indivíduo buscasse a essência do *Carpe Diem*.

António Dinis da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita, Filinto Elísio, Francisco José Freire, Marquesa de Alorna, Nicolau Tolentino de Almeida serão os principais representantes do movimento arcádico. Muito menos comedido, Manuel Maria Barbosa du Bocage, que também pertenceu a este círculo literário, nem sempre respeitará as exigências arcádicas. Optou, o que lhe valerá duras críticas, pela apologia de versos carregados de emoção e subjetividade, não fosse ele, como se sabe, uma das figuras de transição para o Romantismo e um dos grandes vultos da nossa literatura. Contemporâneos afirmam que a Marquesa de Alorna o terá protegido inúmeras vezes, percebendo-lhe «o génio da exaltação e os tempos de mudança». Ora, se na poesia o século das luzes em Portugal foi marcante, na prosa este anunciou a narrativa de cunho moralizante e didático, alinhada com os ideais iluministas. Um dos maiores exemplos é o testemunho de Francisco de Pina e Melo, cujas obras pedagógicas queriam instruir os leitores. Por sua vez, o teatro verá desabrochar um dos maiores dramaturgos do século – António José da Silva, conhecido como «O Judeu», que porá em cena Óperas Joco-sérias, resgatando a importância da sátira social para criticar a hipocrisia da época. Infelizmente, virá a ser condenado à morte pela Inquisição, vetando-se a sua obra.

Ainda que o impacto do Neoclassicismo em Portugal tenha sido menor comparativamente ao resto da Europa, devido à forte presença da Igreja e à influência do absolutismo monárquico, sabemos que este abriu caminho para que o Romantismo viesse a ser implementado no século XIX como nome de reverência no panorama literário português.



Consultas bibliográficas:

- Aguar e Silva, V. (1992). *Teoria da Literatura*. Lisboa: Almedina.
- Castro, A. P. (1973). *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: C. Estudos Românicos.
- Coelho, J. do P. (1977). *A Originalidade da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Cunha, M. F. (2012). *Padre António Vieira*. Lisboa: Edições 70.
- Lopes, O; Saraiva, A. J. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora. 1999.
- Marnoto, R. (2010). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. 4, Neoclassicismo e Pré-Romantismo. Lisboa: Verbo.
- Mattoso, J. (1994). *História de Portugal*. Vol. 4, p. 423, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Mendes, M. V. (1989). *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho.
- Pires, M. L. G. e J. A. Carvalho (2001). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. 3. Maneirismo e Barroco. Lisboa: Verbo.
- Pires, M. L. G. (Ed) (2003). *Poetas do Período Barroco*. Lisboa: Edições Duarte Reis.
- Silva, V. M. A. e (1971). *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: C. de Estudos Românicos.

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

NUNO GONÇALVES



Nuno Gonçalves devora livros desde há 30 anos. O prazer da leitura fez crescer a vontade de um dia ver as suas próprias palavras no papel, encadernadas, à espera de um leitor. O caminho escolhido foi outro e a Medicina atraiu-o mais do que as letras. Manteve a ligação à literatura, retomando os hábitos de leitura e dinamizando um blogue de crítica literário durante alguns anos. Inicia agora, com pequenos passos, uma nova caminhada na escrita de ficção.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

Ser paralisado por dúvidas, inseguranças e medos, estando sempre à espera de certezas para avançar (ou de um empurrão nas costas).

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

Ter a coragem de ser uma boa pessoa.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

Possuir a mesma qualidade que eu prefiro num homem.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

Que me perdoem as vezes que não respondo a uma mensagem ou não retribuo um telefonema.

5 | Qual é o seu principal defeito?

Algo entre o medo e a indecisão (vide Pergunta 1)

6 | Qual o seu passatempo favorito?

Ler, mas nos últimos anos o tempo tem escoado sem necessidade de ser ocupado por passatempos.

7 | Qual a sua noção de felicidade?

Quatro crianças penduradas no pescoço e a minha mulher a rir-se lá atrás.

8 | Qual a sua noção de infelicidade?

A ausência de quem já esteve presente.

9 | Se não fosse você mesmo, quem seria?

Seria eu, mas tendo seguido um caminho com outras curvas, ou seja, não seria eu.

10 | Onde gostaria de morar?

Onde estivesse a minha família (nos Açores, para ser franco.)

11 | Qual a sua cor favorita?

Amarelo, acho eu, mas como sou daltónico é possível que seja verde.

12 | Qual o seu escritor favorito?

José Saramago e Terry Pratchett.

13 | Qual o seu poeta favorito?

Camões.

14 | Qual o seu herói favorito na ficção?

Da nostalgia da minha adolescência: Sherlock Holmes.

15 | Qual a sua heroína favorita na ficção?

A mulher do médico no "Ensaio sobre a Cegueira".

16 | Quais os seus pintores e compositores favoritos?

Pintor: Salvador Dali. Talvez um dia eu possa escrever como ele pintava.

Compositor: Francisco Tárrega. Devem conhecer, pelo menos, parte da Grand Vals utilizada como o toque da Nokia.

17 | Quais os seus heróis na vida real?

Uma resposta que mereceria um ensaio. Nesta fase, é a minha esposa que me continua a mostrar que as barreiras que a vida nos tenta impor não resistem a umas boas marradas.

18 | Qual a sua figura feminina favorita na história?

Marie Curie.

19 | Quais os seus nomes favoritos?

Nomes pequenos, comuns, que um dia pertenceram a reis e rainhas e que agora são dos príncipes e princesas lá de casa.

20 | O que mais odeia?

Uma má francesinha. A persistência na desinformação também me aborrece, mas em menor grau.

21 | Quais as figuras históricas que mais odeia?

Josef Mengele.

22 | Qual o evento militar que mais admira?

Batalha de Aljubarrota, que junta um outro Nuno e geometria.

23 | Qual o talento natural que gostaria de ter?

O talento de o meu nariz se manter permeável e os meus brônquios dilatados na presença de plantas a tentarem reproduzir-se.

24 | Como gostaria de morrer?

A ler, nos Açores.

25 | Qual é o seu estado mental atual?

Entre o feliz e o assoberbado.

26 | Por qual defeito tem menos tolerância?

A teimosia imune a factos.

27 | Qual o seu lema favorito?

"Não atribuas à malícia o que pode ser explicado pela incompetência."

São Petersburgo amanheceu embaciada. Mirava-se nas águas do Neva, mostrando-se um tanto indefinida com toques desfocados. O céu haveria de abrir mais tarde. As formas aristocráticas retocar-se-iam, ganhando a definição eclética habitual. Corria o ano de 1865. Piotr Ilitch Tchaikovsky concluía a sua formação no Conservatório Nacional. A mente genial manifestara-se desde a infância, sentado ao piano.

A música não fazia parte dos sonhos profissionais da família. Prepararam-no para a carreira administrativa. Sempre seria uma vida economicamente estável. Os mangas-de-alpaca não conheciam o desemprego, nem o som do roncar do estômago. Pelo contrário, satisfaziam-se com o compasso da batida dos carimbos, o restolhar dos papéis e o ressoar do aparo das canetas. No final, o *tlim* do fecho das contas batia sempre certo.

Não. Aquele não era o ritmo que o fazia vibrar, nem eram os sonhos que lhe ribombavam na cabeça. Perante a grandiosidade da máquina burocrática russa, as mãos teimavam em ritmos divergentes. A amada Rússia garantia uma carreira promissora, mas amordaçava-lhe a essência musical.

A única certeza que tinha era a de que queria compor. Revelar ao mundo a imensidão dos sons. Provocar com notas e compassos. Preencher sentidos e sentimentos que de outra forma estavam vedados pelas correntes da ética e da moral. A inspiração que lhe ia na alma e lhe queimava as veias, transbordando de adrenalina, era um espelho das emoções humanas ao ritmo de dissonâncias e contrastes.

— Não, meu caro. A sociedade russa está habituada a outras sonoridades. Não se pode ferir os ouvidos do imperador. Não se pode impor tamanha afronta. Tchaikovsky não se aquietou. Embora acolhido por grande parte da elite, era alvo de críticas dos nacionalistas musicais, que o julgavam excessivamente

«A única certeza que tinha era a de que queria compor. Revelar ao mundo a imensidão dos sons. Provocar com notas e compassos. Preencher sentidos e sentimentos que de outra forma estavam vedados pelas correntes da ética e da moral. A inspiração que lhe ia na alma e lhe queimava as veias, transbordando de adrenalina, era um espelho das emoções humanas ao ritmo de dissonâncias e contrastes.»

européu. Entre o que se esperava e o impensável, compôs obras que moldariam a música para sempre. Quem não conhece ou já não ouviu falar de *O Quebra-Nozes*, *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida*, *a Marcha Eslava* ou *Romeu e Julieta*? Perfeito! Sublime! Palmas para o compositor! Ecos de bravos em catadupa. Genial!

Ainda assim, a alma revolta nunca encontrou o mínimo de sossego. Como poderia conciliar a sensibilidade com as normas? Ah, mas que sufoco! Seria possível que as mãos da contenção se entrelçassem com a inquietação da excentricidade? O sucesso, é verdade, revelou-se ao longo do tempo, mas jamais lhe apaziguou as profundezas da angústia.

Entre êxitos e críticas demolidoras, Piotr procurou reconciliar os sons russos com os europeus para criar um estilo próprio. Pagou um preço elevado. Desassossegos e depressões acompanharam-no até os últimos dias. A 28 de outubro de 1893 conduziu a estreia da *Sinfonia n.º 6 Pathétique*, em São Petersburgo. A melodia, composta por explosões de fúria seguidas de embalos líricos, assemelha-se a uma vida cheia de ascensões ao cume da montanha e de quedas no fosso dos sentidos.

Nove dias depois, morreu, aos cinquenta e três anos. Oficialmente, de cólera. Muitos acreditam que o sofrimento interno finalmente o venceu. A verdade silenciada, talvez permaneça tão velada quanto a neblina daquela manhã em São Petersburgo.

Hoje, Adelaide continua a deixar-se levar pela poesia e desassossego das composições de Tchaikovski. Os tempos dos palcos já lá vão. Não rodopia, não dança em pontas, não encanta num *pas de deux*, nem anima paixões pela sua graciosidade na elevação do voo do corpo esguio, fruto de um trabalho árduo de bastidores.

Aos setenta anos mira-se ao espelho. Não reconhece a figura que nele se reflete. Nunca lhe foi apresentada aquela mulher de rosto enrugado e de olhar profundo. Não valia a pena submeter-se constantemente ao martírio de desdobramento de imagens. Por isso, decidiu olhar, o menos possível, para o vidro.

Floyd, o siamês roliço de pelo brilhante aninha-se aos seus pés, no sofá que a acolhe, moldando-se ao corpo que tão bem conhece. A *Sinfonia n.º 6 Pathétique* continua a ouvir-se, para mal dos ouvidos do bichano. Não suporta aquela alteração súbita de volume e de intensidade. Mal a ouve, eriça-se e larga a correr pela casa fora. O que ele gosta mesmo é de a ver a dançar o *Lago dos Cisnes* em versão trôpega e desequilibrada, num esqueleto desobediente sem companheiro para um grand battement. Mas ela insiste.

Olena, a empregada ucraniana, aparece duas vezes por semana para enxotar o pó e espantar os pelos

**«Aos setenta anos
mira-se ao espelho.
Não reconhece a
figura que nele se
reflete. Nunca lhe
foi apresentada
aquela mulher de
rosto enrugado e
de olhar profundo.
Não valia a pena
submeter-se
constantemente
ao martírio de
desdobramento
de imagens.
Por isso, decidiu
olhar, o menos
possível, para
o vidro.»**

do felino, que insistem em querer fazer parte da tessitura da carpete. Desordena sempre os CD empurra os dos compositores russos para a fila de trás. Esconde-os, por assim dizer, sob o pretexto de arrumar.

— Olena, já lhe disse para não mexer nos CD. Prefiro que tenham pó a ficarem desordenados.

— Sim, sim. Senhora mandar.

— Então por que é que faz o contrário do que lhe peço? Quando quero ouvir um, nunca sei onde o colocou.

— Tudo bem. Eu não *arrumar*.

Quando a velha senhora vira costas, mistura de novo os sons e as nacionalidades dos compositores. Tira daqui, põe ali. Os russos é que não ficam à vista.

«Adelaide conhecia o som de um e os acordes da outra. Intuí-a o significado da insistência da ucraniana. Percebia que, no imediato, os sons russos lhe ferissem a sensibilidade, que lhe apetecesse destruí-los, como Kiev ou Odessa caíram no caos. A música da guerra ecoava-lhe nos sentidos e estremecia a sua essência. Não seria culpa de Tchaikovsky, nem das suas sinfonias. Há sons e ritmos que provocam náusea e outros que tonificam o sistema nervoso.»

— Senhora não gostar de ouvir música em telemóvel?

— Agora o telemóvel serve para tudo, mas eu sou antiga. Gosto de CD da minha pequena aparelhagem. É outro som sem interrupções de publicidade.

— Gostar assim tanto de música russa? Na minha *tera* também há bons músicos.

— Não duvido.

— Conhece Alexander Mosolov? Já ouviu alguma composição tocada em bandura?

Adelaide conhecia o som de um e os acordes da outra. Intuí-a o significado da insistência da ucraniana. Percebia que, no imediato, os sons russos lhe ferissem a sensibilidade, que lhe apetecesse destruí-los, como Kiev ou Odessa caíram no caos. A música da guerra ecoava-lhe nos sentidos e estremecia a sua essência. Não seria culpa de Tchaikovsky, nem das suas sinfonias. Há sons e ritmos que provocam náusea e outros que tonificam o sistema nervoso.

Olena chegara a Portugal para fugir dos ruídos bélicos. Adelaide refugiava-se no seu querido clássico para fugir da solidão. A empregada terminou o trabalho sem dizer mais nada. Quando estava prestes a sair, hesitou por um momento. Olhou para Adelaide, que permanecia imóvel de olhar perdido.

— Senhora Adelaide, a música não esquece, mas também não guarda rancor. Talvez seja por isso que ela toca o que nós não conseguimos dizer.

— Sem dúvida. Somos mais ou menos sensíveis. Gostamos mais ou menos de sons e de palavras. Gosto de música sem olhar a rostos ou nacionalidades. Não aprecio ruído insignificante ou desumano.

— Eu gostar de *desarumar* os seus CD, mas gostar desta casa, da senhora e do seu gato e da forma como me diz: "Bom dia Olena!", "Obrigada, Olena". Sorriu e fechou a porta na esperança de voltar na semana seguinte para desarrumar CD de compositores russos.

Floyd saltou para o colo de Adelaide e acomodou-se, indiferente à melancolia que pairava no ar. A música recomeçou. Desta vez, a bailarina não se moveu, nem tentou dançar. Fechou os olhos e deixou que a melodia a transportasse para outro tempo, outro lugar — uma São Petersburgo distante, envolta em neblina *Pathétique*.



O SOM DA CULPA

ANA
PINHEIRO

Naquela noite, no seu laboratório, Leonardo desmontou o *Reasom* peça por peça, enterando o sonho científico para proteger algo mais importante: a verdade e a pessoa que amava.

O laboratório era o seu templo. Passava horas e horas a aperfeiçoar uma invenção que vinha desenvolvendo desde o primeiro ano que cursou Ciência e Astrofísica. A relação entre as ondas sonoras e as emoções humanas era algo que o fascinava. Cedo deu um nome à sua criação: *Reasom*. Todos os dias lhe falava, enquanto o afagava.

— Meu querido *Reasom*, estás quase pronto. Tenho a certeza de que juntos vamos revolucionar o mundo. Havemos de contribuir para a justiça mundial.

Leonardo era acérrimo defensor da justiça. Acreditava que, por mais ínfimas que fossem as provas, nenhuma infração poderia ficar sem culpado. Lembrou-se de criar um dispositivo que captasse as frequências emocionais residuais deixadas em locais de alta tensão, como um cenário de crime. Caso funcionasse, seria a solução do século e um suporte nas investigações policiais.

No último ano de faculdade, foi convidado a apresentar a sua invenção. Perante um auditório repleto de curiosos, após ter sido anunciado como a revelação do ano, discursou, olhando as caras que o fitavam, esbugalhadas:

— Todo o crime tem uma frequência emocional — explicou. — Culpa, medo, raiva, todas as emoções libertam marcas vibracionais no ambiente. Com o *Reasom* é possível ouvi-las, traduzi-las e chegar ao autor das mesmas. É como uma impressão digital.

No final da sua intervenção, foi ovacionado de pé. Depois, começaram a aparecer os mais variados convites para trabalhar com o *Reasom* em pequenas investigações policiais: furtos, agressões, até disputas conjugais. Mas Leonardo sonhava alcançar mais

«No final da sua intervenção, foi ovacionado de pé. Depois, começaram a aparecer os mais variados convites para trabalhar com o *Reasom* em pequenas investigações policiais: furtos, agressões, até disputas conjugais. Mas Leonardo sonhava alcançar mais com a sua invenção. Crimes grandes, de sangue, ocupavam o topo das suas preferências.»

com a sua invenção. Crimes grandes, de sangue, ocupavam o topo das suas preferências.

— Amor, nem imaginas o que acabou de acontecer — Mélanie era a imagem do pânico quando lhe abriu a porta de casa.

Abraçou-a longamente, sentindo-lhe a nuca arrepiada. — Chamaram-me à polícia. O hospital suspeita que a morte da minha avó não foi natural. Encaminhou o caso para as autoridades. Tenho de ir prestar declarações.

— Mas como? A tua avó estava acamada há anos. Não pode ser... Quando tens de ir ao posto?

— Agora. Vim pedir-te se me podes acompanhar.

— Claro que sim, meu amor. Quem sabe até os posso ajudar. Já colaborei com as autoridades em tantos casos, mas este é especial. Vou buscar o *Reasom*.

Mélanie interrompeu-lhe a marcha:

— Espera! Achas mesmo que é necessário levar a maquineta?

— Já te disse que não gosto quanto te referes assim ao *Reasom*. É uma invenção incrível. Se a tua avó foi realmente morta por alguém, vou ajudar a descobrir. Pode ser um momento de viragem na minha carreira. E na minha vida.

— Parece que a morte da minha avó poder ser um crime não te incomoda. Só queres saber da tua carreira...

— Não digas isso, meu amor. Apenas quero contribuir para saber a verdade e, se for o caso, fazer justiça sobre a morte da pobre Lucinda.

A polícia acompanhou Leonardo até à casa em que Mélanie vivia com a avó, onde esta a encontrara morta no dia anterior, envolta numa aura celestial. A avó repousava serena quando se abeirou dela. Descobriu-lhe a ausência de pulso. A tez pálida e fria confirmou-lhe a suspeita. Não chorou. Não gritou. Uniu-lhe as mãos e soprou-lhe ao ouvido "descansa em paz, meu anjo".

Leonardo olhou em volta o quarto onde tantas vezes visitara Lucinda. Um polícia fardado acompanhara-o, garantido a segurança do aposento. Pousou uma mala na cómoda e abriu-a suavemente. Retirou o *Reasom*, uma esfera metálica pejada de sensores, capaz de captar as vibrações mais subtis. Pediu silêncio ao polícia e ativou o aparelho. Um som estéreo, como uma melodia incompleta, preencheu o ambiente. A máquina começou a traduzir as frequências emocionais: dor, culpa, medo, desespero e até alguma raiva. Se houvera crime, tinha uma profunda assinatura emocional. Por fim, o *Reasom* indicou um padrão vibracional.

— Não pode ser! — reagiu, incrédulo.

Nos dias seguintes, Leonardo sentia um misto de orgulho e desconforto. A sua invenção tinha funcionado perfeitamente, mas não conseguia ignorar uma sensação incómoda. Revisitava os dados frequentemente. Um ruído de fundo, quase impercetível, como se as frequências tivessem sido

**«Leonardo olhou
em volta o quarto
onde tantas vezes
visitara Lucinda.
Um polícia fardado
acompanhara-o,
garantido a segurança
do aposento. Pousou
uma mala na cómoda
e abriu-a suavemente.
Retirou o Reasom,
uma esfera metálica
pejada de sensores,
capaz de captar
as vibrações mais
subtis. Pediu silêncio
ao polícia e ativou
o aparelho. Um som
estéreo, como uma
melodia incompleta,
preencheu o ambiente.
A máquina começou a
traduzir as frequências
emocionais: dor, culpa,
medo, desespero
e até alguma raiva.
Se houvera crime,
tinha uma profunda
assinatura emocional.»**

alteradas, sobressaltou-o. O *Reasom* nunca houvera errado, mas também nunca tinha sido testado num crime de sangue.

Determinado em descobrir a verdade, o jovem obteve autorização da polícia para voltar ao local do crime, selado. Mélanie, que fora impedida de pernoitar na casa, ainda dormia quando ele se esgueirou, sorrateiro, com a mala debaixo do braço. Reativou o *Reasom* e filtrou os dados com maior precisão. De novo o mesmo resultado. De novo o mesmo choque. Os dados não deixavam dúvida e evidenciavam as frequências emocionais no momento do crime. Sentiu o chão fugir.

— Isto é impossível — murmurou, não podendo ignorar a evidência.

«Leonardo sentia-se destruído psicologicamente. Decidiu confrontar Mélanie. Tomada pelo remorso, contou-lhe como tudo se passara naquela tarde: — A minha avó, ao fim destes anos todos, falou. Disse-me "obrigada, mas já chega". Indicou a terceira gaveta da mesinha de cabeceira, que prontamente abri.»

Amargurado, começou a observar-lhe os comportamentos. Ela parecia nervosa, desconfiada e evitava falar sobre o assunto. Quando lhe propôs irem ao cemitério velar a campa, desviou o olhar. Um dia, munido de coragem, procurou-a e confrontou-a:

— Diz-me a verdade.

— Ousas achar que alguma vez te menti?

— Eu quero muito acreditar em ti, mas o *Reasom*...

— Essa máquina não pode medir a verdade — interrompendo-o. — Só emoções. E as emoções podem ser confusas. Contraditórias até.

Desesperado, revisitou os dados mais uma vez. Pedindo ao *Reasom* que filtrasse os fatores com maior precisão, apercebeu-se de algo novo: havia emoções da segunda pessoa naquele espaço. As frequências assim o indicavam. Ouviu-as exaustivamente, até divisar um ruído de fundo, quase impercetível, uma falha, como se as frequências tivessem sido alteradas. Alguma coisa havia interferido com a máquina antes da primeira análise. Mas a única pessoa com poder para o fazer era ele próprio. Confuso, percebeu que estava a ser manipulado pela sua própria criação. Como se quisesse plantar dúvidas na sua mente para afastá-lo da verdade.

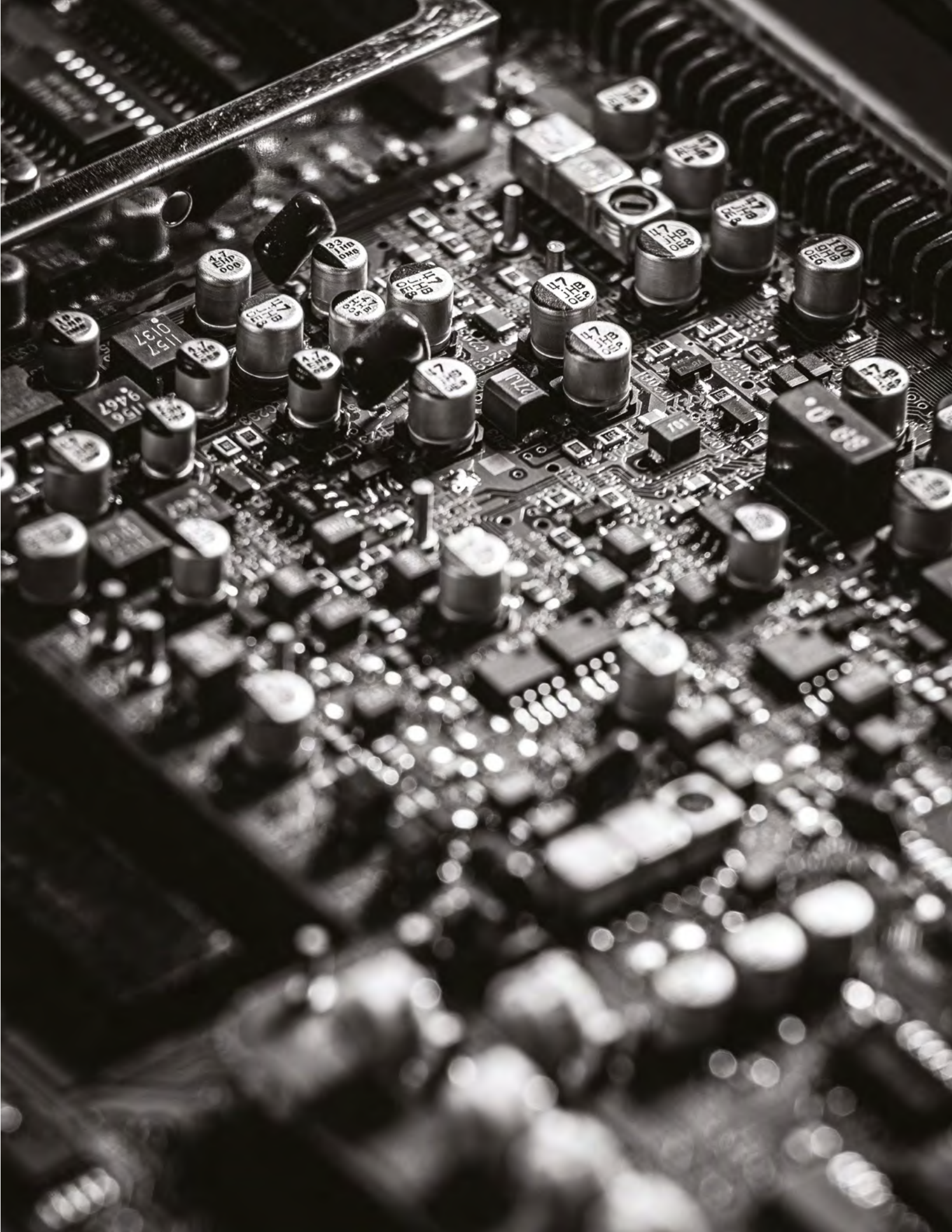
Na procura por explicações, combinou os dados puros da máquina com a sua própria investigação. Descobriu as emoções da vítima, algo que o *Reasom* nunca tinha captado em outros casos. Porque desta vez o teria feito? Leonardo sentia-se destruído psicologicamente. Decidiu confrontar Mélanie.

Tomada pelo remorso, contou-lhe como tudo se passara naquela tarde: — A minha avó, ao fim destes anos todos, falou. Disse-me "obrigada, mas já chega". Indicou a terceira gaveta da mesinha de cabeceira, que prontamente abri. Dentro de uma caixa estava um frasco que lhe entreguei. Pedi-me que saísse. Logo não percebi, só horas mais tarde é que entendi o que se passou. Perdoa-me por não te ter contado. Achei que essa máquina nunca ia conseguir decifrar nada. Tive medo. E agora?

— Não te preocupes. Sei o que tenho a fazer.

O cientista olhou para o *Reasom*, agora ciente do seu potencial destrutivo. A máquina era brilhante, mas vulnerável e a sua capacidade de captar emoções sem contexto podia facilmente ser usada para o mal.

— Chegou a hora, meu amigo. Não podemos continuar juntos.



CUIDADO PARA NÃO SE CAIR NA ARMADILHA

CARLA
CARMONA

Tudo é movimento. A natureza, a terra e nós. Cruzamo-nos com outras pessoas, vidas alegres, ou tristes, angustiadas, doentes, mas marcadas pela interrogação. Um rosto não mostra tudo.

O sol entra pelos vidros das janelas, a luz da vida em contraste com o frio de um sepulcro que sente no peito. Na mão, ainda segura o telefone. A conversa terminou, mas a sua raiva está em crescendo.

Está sentado numa poltrona junto à janela. Pela vidraça aberta entram notas harmoniosas, resultantes de uma conversa entre o violino e a Beatriz.

O homem fica ali a olhar para o jardim, cuidado, verdejante, com apontamentos multicores. Uma paisagem de conto de fadas, mas a princesa deste castelo não viverá feliz para sempre. O homem levanta-se. Além da raiva, a resolução é outra força que emana do seu corpo. Os monstros também podem ser heróis e salvar inocentes.

Da saída da estação de metro brotam pessoas como milho numa panela quente. A quantidade de gente que emerge de um só comboio é impressionante.

Uma jovem segue ligeira para não se atrasar. Hoje é dia do supervisor ir à loja, não pode haver demoras. Ainda o relógio não bate as 8h30 e já ela se encontra no seu local de trabalho.

Preparou tudo e aguardou. O Sr. Agostinho faz a sua vistoria, elogia o empenho de Joana, entrega-lhe a notificação da ida à medicina do trabalho e despede-se até à semana seguinte.

A loja tem todo o tipo de artigos que conhecemos das casas dos nossos avós. Ali são considerados vintage, com preços modernos. Durante a tarde, uma rapariga que aparenta ter vinte e poucos anos, de

**«O que ela não viu,
perdida nas suas
divagações amorosas,
foi a expressão de
desprezo de Gaspar.»**

sorriso afável, observa algumas peças e demora-se junto a uma flauta exposta.

Joana termina o atendimento de um casal francês e vai ter com a jovem, oferecendo-lhe ajuda, o que ela declina, ficando mais um pouco, a admirar o instrumento no estojó até se ir embora.

As notas musicais transportando luz, vida e amor calam-se. Num ímpeto, corre até ao quarto da filha.

— Beatriz, estás bem?

— Sim, pai. Porquê?

— De repente paraste de tocar.

— Veio-me à cabeça uma flauta que vi numa loja. Parecia-se com a da mãe. Por vezes imagino como seria tocarmos juntas.

— A tua mãe teria adorado.

De fora é um pai abraçado à filha, por dentro as sombras imorais agitam-se.

Os dias de Joana parecem iguais: casa, trabalho, regresso a casa e, pelo caminho, visita à sua vizinha do segundo andar. Uma senhora de setenta e oito anos,

com uma prótese na anca e dificuldades de mobilidade, que vive sozinha. Seja para lhe levar compras ou apenas saber dela, estes momentos trazem alegria a ambas, apaziguam a solidão de uma e a saudade de outra.

Naquela tarde foi diferente. Ao passar na mercearia com o intuito de se abastecer de legumes, Joana conheceu Gaspar, o novo repositor do estabelecimento comercial. Trocaram palavras e olhares.

Nos dias seguintes as compras passaram a ser mais demoradas, entre aquisição de bens e complicações de jovens.

Joana estava completamente enamorada. Gaspar, um rapaz gentil e educado, levou-a a almoçar num restaurante indiano e depois a dar um agradável passeio. Nos seus pensamentos, ele era simplesmente lindo de morrer. Como tantos outros casais a caminhar perto do rio, também eles trocavam carícias, opiniões e sonhos. Ele contou-lhe que estudava com o objectivo de se tornar um fazedor de fantasias, traduzindo-se em efeitos especiais para cinema e televisão. Um dia resolveu levá-la a ouvir um concerto no conservatório.

No pequeno palco estava somente uma rapariga de cabelos negros, sentada a tocar violino. Gaspar exibiu uma expressão de deleite enquanto Joana se mostrou alheia.

— Gostaste?

— Sim, ela tocou muito bem.

— A sério? Ela é fantástica! Não gostas deste tipo de música?

— Só não estou muito habituada a ouvir e estranhei que ela estivesse sentada.

— É porque está doente e ficar um período longo de pé a tocar seria penoso.

Joana ficou a pensar que deveria ter sido mais gentil ao falar da violinista e que, da próxima vez, deveria demonstrar mais entusiasmo por algo de que ele gostasse.

O que ela não viu, perdida nas suas divagações amorosas, foi a expressão de desprezo de Gaspar. Talvez se a tivesse visto pudesse vir a ser diferente.

Entra na adega escura e tira as luvas das mãos. É-lhe difícil adaptar-se à escuridão. Aperta o couro na mão esquerda, coração irregular, enquanto vai a tatear com a direita. Cinco, seis, sete, vazio, curva e



lança os dedos exploradores. Sente a pedra rugosa, meio molhada, fiapos de teias negras de sujidade. Coragem, a recompensa está ao alcance. O odor de vinho, madeira, trabalho, vida e desespero penetram na roupa e na carne. As solas fazem-se anunciar a cada avanço, quebrando o silêncio imperativo. Sente o fim, toca e volta a seguir à direita, como lhe disseram, mais barris. Ao fundo, as mãos encontram o ferrolho da porta. Roda-o e o seu clamor é alto. No interior algumas velas e ele, à espera. A jovem, com uma respiração de desejo e antecipação, aguarda o encontro com o abraço, o beijo e a seringa que tem encontro marcado com o seu pescoço. Decorreu um mês e o destaque dos jornais já não é uma jovem desaparecida, mas a recuperação da filha de um empresário. A talentosa violinista foi submetida a um delicado transplante de fígado e recupera bem.

Um rosto não mostra tudo. Por baixo escondem-se sombras, moral, imoral, alma e morte. A distinção está na percepção individual.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

E SE A TUA RESPIRAÇÃO FOSSE UMA MÚSICA

CLÁUDIA
PASSARINHO

Na praca, todos riam, numa espécie de musical para pequenos alegres e entusiastas. Em corridas, perseguiam a amizade de cada um. Verão quente aquele, que colava os cabelos às testas, gotas de suor a escorrer até ao queixo, mãos e unhas pretas da calçada, joelhos esfarelados pela mesma. Perdidos na inocência, o caminho era fácil, algumas com percursos arenosos passados aos saltitos entre o elástico ou numa apanhada qualquer. As crianças da aldeia tinham a língua destravada, perdiam-se em conversas tolas que só elas pareciam entender.

A avó de um fazia gemadas para todos e, lambuzados, com os lábios a brilhar de açúcar, não desconfiavam que o silêncio, num mundo de uma criança, por vezes faz doer.

Assim era a moçada da Praça da Música. Mas naquela tarde, uma delas esquecia-se de como brincar. Há horas, encostada à parede, por debaixo da janela do quarto da mãe, aguardava de pés juntos, como quem se preparava para fugir. Da janela aberta, ouvia o silvo na respiração da mãe, melodioso e constante. A mãe de Madalena estava doente e pouco a criança podia fazer para a ajudar. Valia-lhe a insistência dos sete anos mal medidos. *Mãezinha, eu faço. Vá descansar.* Madalena não sabia que uma mãe toca várias painéis ao mesmo tempo e, nos derradeiros acordes, uma mãe pouco ou nada sabe como parar. Além disso, os sintomas vinham do passado e pareciam acumular-se. A doença de uma transpunha rios e afogava a outra.

Madalena vivia agora no caos. Os papéis invertiam-se e os banhos eram tomados por mãos pequenas e atabalhoados gestos. *Uma esponja tão grande para a tua pequenita palma.* Era assim que a mãe lhe dizia. *Como o mundo, Madalena, que é tão pequeno para tanto amor.* Depois cantarolava uma música triste que tinha decorado pela boca da avó.

**«Assim era a moçada
da Praça da Música.
Mas naquela tarde, uma
delas esquecia-se de
como brincar. Há horas,
encostada à parede, por
debaixo da janela do
quarto da mãe, aguardava
de pés juntos, como quem
se preparava para fugir.»**

Decora filha, um dia também a quererás cantar, dizia-lhe. Porquê, minha mãe? Porque a música eleva as nossas súplicas ao céu.

Os sintomas habitavam o corpo da senhora. No início, a mãe procurou a cura nos médicos, depois foi à Velha Branca, que todos conheciam, mas de quem ninguém queria falar. Bebeu xaropes, diluiu líquidos no sangue, comprou gorros coloridos, mas ninguém ganha amizade ao sofrimento. Era como viver com um leão por perto, que parecia crescer quanto mais se alimentava dela.

Certo dia, Madalena viu a mãe trazer-lhe um pote de vidro com rolha de cortiça.

Filha, quero que te esqueças do sofrimento. As duas vamos escrever tudo o que nos magoou e colocamos todos esses venenos no pote das memórias tristes. O pote vai fazer-nos esquecer.



E se eu algum dia quisesse tocar nas memórias, perguntou-lhe Madalena, esperançosa de algum dia as poder resgatar. Há memórias tristes que me ajudam a lembrar de coisas boas.

Está bem. Então escolhe apenas uma e guarda-a junto a ti, para sempre.

E escolheu: A respiração da minha mãe é uma canção de amor.

De costas encostadas à cal morna, lembrou-se do pote que acompanhava a mãe nos descansos, cada vez mais frequentes. Os amigos jogavam à «macaca». Por vezes, vinham buscá-la. Corriam até ela e pediam-lhe um sorriso. Contavam-lhe piadas. Traziam-lhe joaninhas para lhe fazerem cócegas nas mãos. E azedas para chupar. E conversas soltas para a informar das peripécias.

Afinal, continuava criança e acabou por aceitar pular com os outros, enquanto a mãe dormia. Quis jogar às escondidas e depois à «macaca». Era boa na arte de pular ao pé-coxinho. À medida que jogava, percebeu que as linhas do jogo começavam a apagar-se. Um pulo, um desaparecimento. Outro pulo, e uma linha a voar com a brisa que se levantara. O coração dela a acompanhar o impulso do corpo e o toque do pé no chão. A mãe a dormir. O pote na mesa de cabeceira a sugar as restantes linhas e a melodia do assobio. Espantada, correu para casa para contar à mãe que as marcas de giz da «macaca» desapareceram quando o silêncio invadiu a rua. No quarto da mãe, viu o pote cheio com as linhas do jogo e no meio a linha da vida.

Ao sétimo dia voltou a viúva. Voltam quase todos ao dia sete, o depois é uma incógnita. Manda-se dizer o nome na reza. Uns tustos, pensará quem cobra, e vai a alma em paz. Os preceitos da fé têm contornos curiosos.

Trazia umas flores entre a cintura e o colo do braço esquerdo, uma saia justa cobrindo os joelhos, com uma racha na parte traseira que aguça a curiosidade, cujo propósito é facilitar o que deve ser facilitado: o andar, a passada, um pé diante do outro. Havia segurança sobre os *stiletto* de verniz preto. Os olhos nem precisam de enfrentar o chão para perceber onde colocar o salto fino; os pés sabem o que fazer. A palidez de viúva curada ao sétimo dia. As faces rosadas, em contraste com a camisa branca de cetim, dentro da saia caçada, de mangas largas o suficiente para que o vento dançasse dentro delas. *Uma viúva de gabarito*, tornou a pensar Benício. Já não havia medo de chorar, as pestanas longas, carregadas de preto, davam sentido à análise. *Flores-protocolo*.

Fez o longo corredor do cemitério, sempre a direito. Passou por Benício sem ceder no passo, na voz, na missão. Sem boas tardes ou cumprimentos substituídos. Sem acenos de cabeça, sem mais. *Esta passerelle já pedia uns stiletto de verniz preto*. Benício, o jardineiro dos mortos, olhava-a.

Tampouco me reconheceu. Foi, talvez, o que aconteceu para a ausência de contacto. O casaco de botões dourados e o chapéu português com que lhe enterrei o marido fazem um homem parecer mais homem.

Benício parou a poda para a admirar. Pelas mãos, perto dos quarenta. É pelas mãos que se adivinha quase tudo. A confiança explicará se são uns quaren-

«Cinco minutos de silêncio. Benício olhava os cabelos-avelã que dançavam na brisa suave; o momento pede que assim se descreva, situar a poesia conhecida da dança, dos cabelos e do vento.»

ta sábios. Os mortos estão à espreita. A beleza será sempre um espetáculo fascinante. Deitou as flores sobre a morte. Benzeu-se. Dois minutos de olhar fixo na pedra, bastou. Olhou em torno, à procura. Um homem sente quando o procuram. Benício limpou as mãos às jardineiras. Bateu as galochas no chão, há que afugentar o máximo de pó que se pode. À camisa axadrezada, pouco ou nada se podia fazer. Uma camisa de meios botões, aos perdidos: Glória a Deus. Haverá Ele de compreender as dificuldades de um coveiro. O cabelo meio comprido, o suficiente para arrumar atrás das orelhas, obedeceu à ordem de arrumos. As mãos com terra se manterão; não dá para negar o que se é, nem vale a pena tentar. É descabido. Servirá alguns momentos e dará lugar certo à desilusão. Assumir dará, porventura, lugar ao fascínio. O estranhar e o entranhar serão sempre mais proveitosos do que o desiludir.

Os olhos da viúva não encontravam Benício. O jardineiro caminhava na sua direção pelas costas, embalado pelos cabelos-avelã da viúva morena. Haverá sempre uma elegância muito particular nos cabelos de avelã.

Esta morte não parecia descolorir os sonhos. Ainda assim, por estar longe de ser verdade o que deduzimos da realidade, escudamo-nos na convencional educação.

— Vim lamentar.

Benício estava parado a um metro das costas da viúva que, ao ouvi-lo, não se voltou para o olhar. Ignorando o lamento, permaneceu de olhos postos na pedra, perguntando-lhe:

— As borboletas que têm origem no estômago podem ser fruto de um cemitério?

— Que nunca ninguém duvide de que neste lugar nascem coisas.

Cinco minutos de silêncio. Benício olhava os cabelos-avelã que dançavam na brisa suave; o momento pede que assim se descreva, situar a poesia conhecida da dança, dos cabelos e do vento. A viúva deixou-se estar.

— A morte rouba força a quem fica, é esta a tragédia. É preciso encontrar o valente do lado de dentro — continuou Benício.

— A valentia mora no momento em que o vinho só serve um copo de cristal e me reconheço só.

— Custa-lhe a ausência?

— De quê?

— Perguntava de quem. Dele?

— Sempre foi mal-intencionado. Um estafermo com ar de urtiga.

— A pergunta será, então, de quê?

— Borboletinhas.



Benício calou-se. A viúva voltou-se para tomar o caminho de volta. Os *stiletto* meteram-se em marcha. Uma breve pausa ao lado de Benício, que continuava com o cabelo obediente por detrás das orelhas cuidadas de higiene. Sussurrou-lhe a viúva-avelã:

— Esta morte fez-me tremer uma vez só, no momento em que quis vir aqui para o ver. A si.

E continuou. Firme, segura, pé diante do outro, pelo corredor a direito até ao negro portão escancarado para a vida. Não olhou para trás. O que está dito, dito está. Foi-se.

Benício olhou o marido jazido.

— Não leves isto a peito. Será melhor para os dois, mais para ti do que para mim, que enquanto eu for vivo está a tua eternidade a meu cargo. Cheiras-me a corno merecido.

SER OU FINGIR? EIS O SENÃO

INÊS
PINTO

Manhã desperta

O som da campainha arrastou-o para a minúscula realidade do quarto. Os olhos, estremunhados pela vigília, fixaram o teto como se esperassem licença para regressar ao dormiente aconchego. Três toques insistentes estilhaçaram-lhe a vontade. De ceroulas e camisola de lã, dirigiu-se à entrada. Do binóculo descortinou apenas um emaranhado de caracóis negros que se empoleiravam num pescoço franzino e amarrotado. Abriu a porta até onde a corrente de segurança permitia. O moço de recados não disse palavra. Limitou-se a enfiar um envelope pela frincha entreaberta. Em segundos, descia, com estrondo, a carunchosa escadaria.

Sentou-se à secretária e pousou a carta tão bruscamente como o queimar de uma brasa que atijava à lareira. *Num domingo, quem ousara enviar uma missiva sem a sua bênção pessoal, pensava.* Remoía a incerteza com vontade de trincar a curiosidade, mas não o fez.

Tarde de tormenta

Preferiu realizar os exercícios de ginástica sueca. Pessoa sempre se melindrava, quando a imagem o enfrentava no espelho. Um corpo debilitado, uma alma rica em devaneios, foram estas as palavras da menina Queiroz, há três dias, quando ele ganhara ímpeto para travar aquela paixão carnal. Recordou a tristeza do seu rosto na esplanada d'A Brasileira. Ao aproximar-se dela, tossicou, a tática usada sempre que pretendia que Ricardo Reis assumisse as rédeas da conversa e permitisse Fernando proteger-se no *Carpem Diem* estoico, derradeiro escudo para travar os avanços de compromisso desejados pela menina Queiroz. Não se lembrava da ocasião em que a notara mais exigente com aque-

**«Sentou-se à secretária
e pousou a carta tão
bruscamente como o
queimar de uma brasa
que atijava à lareira.
Num domingo, quem
ousara enviar uma
missiva sem a sua bênção
pessoal, pensava. Remoía
a incerteza com vontade
de trincar a curiosidade,
mas não o fez.»**

la relação platónica. É certo, a ideia de convidar Ricardo Reis teria acelerado a vontade da moça. Ela incomodava-se com os heterónimos e nem o tempo atenuara a dor de partilhar o amor com uma irmandade tão desigual e de papel. No entanto, naquele dia, as lágrimas de Ofélia cristalizaram o ressentimento, ao ouvir as palavras agrestes do fim de um amor, fosse ele qual fosse, mas depressa o seu pranto recuperara o inofensivo carácter da jovem. Pessoa não tinha dúvidas de que, após a tormenta, ela o compreenderia.

Depois do almoço, mirou a carta sem remetente. A rigidez dos exercícios matinais dera-lhe ânimo à alma. Confirmou nos seus cálculos astrológicos que

não se previam tempestades por esses dias. Reforçada a curiosidade, esventrou o envelope. A missiva datilografada adensou o mistério. Começou a ler.

*«Senhor Fernando,
Espero que esta carta o encontre de boa saúde e perfeita harmonia neste dia de descanso. Desde já apresento as minhas singelas desculpas por invadir a sua privacidade dominical, mas o assunto é sério.
Provavelmente não me conhece, mas eu tenho-o como amigo há alguns anos. Deixe-me esclarecer alguns detalhes, antes que desista de continuar a ler, pois nunca foi capaz de se ficar pelo sentido objetivo da vida, não é assim? Que fascínio o seu pelo esotérico! Já para não usar as suas próprias palavras: «co-ração, esse comboio de cordas...a entreter a razão». Perdoe-me o desleixo da transcrição!*

Pessoa largou a carta. Levantou-se e deixou que os seus passos miudinhos calcassem o chão como quem enterra demónios. *Quem se atreveria a zombar das suas palavras, da sua forma de viver?* A sua obra era o seu propósito, um bem maior para o mundo, uma oportunidade de revelar a genuína vida de um homem e dos seus medos, anseios, dúvidas. Enquanto refreava a acidez daquelas palavras, alguém se sentava no banco três do Jardim Botânico, com vista para o Tejo. Quem reparasse nela, diria que a sua beleza enfeitiçava, diluída num vestido de decote grandioso. Os óculos escuros escondiam uns olhos ávidos de amor, uma sede de vingança perfumada pelos anos de crua existência. Também a olhar o Tejo, Pessoa sentia algo estranho, como um medo que arrepele a nuca. Ele desconhecia quem lhe escrevera a carta e tão pouco as pretensões daquelas palavras. Determinou-se a acabar a leitura.

«Ironia, na verdade, tantas vezes o ouvi recitar as insignificâncias que escreveu. Desculpe-me a frontalidade, mas é o que sinto. Não posso aceitar o que fez à pobre menina Queiroz e, por isso, é Hora das apresentações.»

Pessoa voltou o olhar para dentro de si. Como não me surgiu essa conclusão, meditava. Alguma amiga, tomada por um sofrimento solidário; não há outra justificação.

**«Enquanto refreava
a acidez daquelas
palavras, alguém se
sentava no banco três
do Jardim Botânico,
com vista para o Tejo.
Quem reparasse nela,
diria que a sua beleza
enfeitiçava, diluída
num vestido de decote
grandioso. Os óculos
escuros escondiam uns
olhos ávidos de amor,
uma sede de vingança
perfumada pelos anos
de crua existência.
Também a olhar o Tejo,
Pessoa sentia algo
estranho, como um
medo que arrepele
a nuca.»**

«Maria dos Prazeres Santos, solteira e datilógrafa de profissão. Muito prazer.»

O nome não lhe trouxe recordações.

«A menina Queiroz nunca lhe falou de mim, posso garantir. A nossa estranha amizade vive do ocultismo, algo que bem domina, não é verdade, Senhor Pessoa? Vou dar por terminada a retórica que o enfadou até aqui, se, entretanto, já não amarfanhou várias vezes esta missiva para aliviar a dor de pensar.»

Pessoa amedrontou-se com o calafrio que lhe abanou todo o corpo, mas a humanidade curiosa que nos habita levou-o a continuar.

«Faço-lhe uma proposta irrecusável: pelas cinco da tarde estarei sentada no banco três do Jardim Botânico à sua espera. Se não encontrar o banco, reconhecer-me-á pelo vestido encarnado e pela sombrinha negra. Aguardo-o, ansiosa pela agradável conversa que teremos virados para o Tejo. Sendo o senhor um cavalheiro, não me fará a desfeita. Termino assim esta curta missiva, pedindo-lhe que aceite, como singela despedida, a minha transcrição livre de uns versos da sua autoria: «Dizem que finjo ou minto tudo o que faço? Sim.»

Os melhores cumprimentos desta incondicional admiradora,

Maria dos Prazeres Santos»

«Percorrera poucos metros das entranhas do jardim, quando detetou a mancha encarnada protegida pelo negro. Estacou junto a um arbusto que lhe autorizava privacidade suficiente para vigiar a figura feminina. Nada lhe era familiar, embora não conseguisse ver-lhe o rosto.»

Durante horas, Fernando viveu na espiral da incerteza.

Éden entre nevoeiro

Retirou o relógio de bolso. Apesar das sombras e dúvidas que o envolveram durante horas, decidiu encontrar-se com a misteriosa mulher, numa espécie de coragem momentânea. Duvidoso no espírito, entre a imagem de uma emboscada ou fazer dele um energúmeno pesou a decisão na balança da sua consciência: enfrentaria o desassossego. Por um lado, temia ser perseguido pela mulher. Mal se livrara ainda do desgosto que dera à menina Queiroz, mesmo ela sabendo-o incapaz para o amor, para a essência total do substantivo; por outro, as palavras avinagradas, a ironia que o apunhalava no ego, arrastavam-no para a misticidade da descoberta.

Percorrera poucos metros das entranhas do jardim, quando detetou a mancha encarnada protegida pelo negro. Estacou junto a um arbusto que lhe autorizava privacidade suficiente para vigiar a figura feminina. Nada lhe era familiar, embora não conseguisse ver-lhe o rosto. Nesse instante, ela virou-se como se a brisa do descaramento dele tivesse denunciado a sua presença. Algo no pescoço dela sobressaltou Pessoa. Uma borboleta, tom de café com leite, um sinal de nascença. Não podia acreditar. Se alguma vez sentira carinho, acabara de se materializar em algo que a sua veia poética expressaria ser «um abismo de raiva no topo da montanha triste». Apressou-se em direção à mulher. Quando a encarou, o gesto dela silenciou-o.

«Afinal a coragem tornou-se sua companheira. Estimo em sabê-lo.». Fernando fixou-se no decote grandioso da mulher. Por momentos, sentiu Bernardo Soares roubar-lhe o espírito. Evadiu-se para uma cama de tamanho descomunal com lençóis de seda vermelhos; pétalas semeadas pelo chão, suores celebrados com prazer. Congelou os pensamentos.

«Como foi capaz, menina Queiroz?»

«Engana-se, Senhor Pessoa. Apresento-lhe a minha heterónima, Prazeres Santos.



MAPA ANCESTRAL

LAURA
VASQUES SOUSA

Conseguia imaginar o som dos ramos das árvores a sacudirem-se como chicotes. As pessoas caminhavam curvadas, com a cabeça inclinada para a frente, os braços cruzados contra o peito, escondidas por casacos, golas altas, cachecóis e capuzes.

Encostada ao parapeito, do lado de dentro da janela, também eu de braços cruzados, via-me obrigada a libertar uma das mãos, a cada quatro ou cinco expirações, para desembaciar o vidro.

Lá fora, o vento adivinhava-se agreste e frio, mas não o suficiente para me intimidar.

Pelo contrário, dava-me ganas.

Troquei as pantufas pelas botas, vesti o casaco, tapei o pescoço e o cabelo com um cachecol de lã, pus a mala a tiracolo e saí.

Tudo o que precisava era de meio quilo. Meio quilo mal pesado, dois punhados, o que fosse. Desde que fosse seco.

Começou assim que cheguei àquela terra. Caiu-me um desconforto no peito, falta de apetite, insónias e uma necessidade incontável de suspirar e de abraçar os joelhos. Não havendo tradução direta numa só palavra para o conceito de saudade, era assim que descrevia mentalmente o que sentia, cada vez que algum dos nativos me perguntava se estava doente.

Não tenho nada, estou só cansada, respondia-lhes.

Passei muito meses sem encontrar alguma coisa que me trouxesse conforto ao chegar a casa. Nenhum paladar, nenhum aroma, nenhuma voz, nenhum telefonema ou canção. Já tinha desistido de procurar, quando o descobri, há algumas semanas, na venda de um velho cabo-verdiano, no outro lado da cidade. Desde então, passei a ir lá, de propósito, todas as sextas-feiras, ao final da tarde.

«Não tenho nada, estou só cansada, respondia-lhes.

Passei muito meses sem encontrar alguma coisa que me trouxesse conforto ao chegar a casa. Nenhum paladar, nenhum aroma, nenhuma voz, nenhum telefonema ou canção. Já tinha desistido de procurar, quando o descobri, há algumas semanas, na venda de um velho cabo-verdiano, no outro lado da cidade.»

Ele era um homem alto e magro, com as calças demasiado curtas para a extensão da perna, deixando a descoberto a pele ressequida das canelas, camisa de flanela com borbotos e uma boina verde, com a estrela da revolução cubana, a esconder-lhe uma extensa careca, que se adivinhava pela ausência de cabelo na nuca e atrás das orelhas.

Risonho, sempre que me via entrar na pequena loja. *Leva desse também, dona,* dizia-me em bom portu-

guês, no seu sotaque, sentado num banquinho de madeira, enquanto agarrava e largava punhados de feijão congo, com a mão dentro do saco de serapi-lheira que descansava no chão, ao seu lado.

Eu sorria-lhe de volta, apesar de nunca ceder ao seu apelo.

Gostava de o ouvir, de trocar algumas frases na nossa língua. Mas não era suficiente. Nem para mim, nem para ele. Nada mais do que um agrado fugaz, uma ilusão transitória.

As minhas visitas regulares à loja tinham outro propósito. Um único propósito.

Eu precisava, apenas e sempre, de feijão encarnado.

Saí do estabelecimento com um pequeno saco de plástico fechado com um nó, dentro da mala. Abri-guei-me do vento na reentrância de um prédio, enquanto esperava pelo transporte.

Anoitecia depressa, os automóveis circulavam com os faróis acesos, a iluminação da rua estava ligada e eu ainda tinha um longo caminho pela frente. Duas carreiras de autocarro, entremeadas por um percurso de metro.

Após uma interminável espera de oito minutos, vi-o contornar a curva. Vinha quase cheio. Sentei-me num dos poucos lugares vagos, ao fundo, junto à janela. Virei o rosto para o exterior, a fim de evitar a troca de olhares com qualquer um dos restantes passageiros. Sentia que, ali, nunca deixaria de ser uma estrangeira. À minha volta, tudo acontecia naquela outra língua. As conversas, os risos, os cartazes publicitários, os horários, o sentido do trânsito.

Ao sair da viatura, cobri a cabeça com o cachecol, para me proteger da chuva miudinha que, entretanto, começara a cair, e cruzei os braços contra o peito para contrariar o vento frio que ainda se mantinha.

Enquanto descia as escadas da estação de metro, pareceu-me ouvir o meu nome, desvirtuado pelo sotaque daquele país. Pelo canto do olho, reconheci a supervisora da fábrica onde trabalho. Fingi, sem sucesso, não a ver. *Maria!*, gritou outra vez. A mesma palavra, as mesmas letras, pela mesma ordem, mas com o r enrolado e o último a a ser levado de arrastão. Derrotada, sorri, apenas por cortesia. Aquele nome, tão meu, tão nosso, deixava de me pertencer. E eu, a cada dia, mais incapaz de me reconhecer.

Percorri o que restava do caminho com a versão traduzida da minha identidade a ecoar-me dentro da cabeça.

**«Enquanto descia
as escadas da
estação de metro,
pareceu-me ouvir
o meu nome,
desvirtuado pelo
sotaque daquele
país. Pelo canto
do olho, reconheci
a supervisora
da fábrica onde
trabalho. Fingi,
sem sucesso, não a
ver. Maria!, gritou
outra vez. A mesma
palavra, as mesmas
letras, pela mesma
ordem, mas com o r
enrolado e o último
a a ser levado de
arrastão. Derrotada,
sorri, apenas por
cortesia. Aquele
nome, tão meu,
tão nosso, deixava
de me pertencer.
E eu, a cada dia,
mais incapaz de me
reconhecer.»**



Entrei em casa, atirei a mala, o cachecol e o casaco para um canto do sofá e dirigi-me para a cozinha, com o pequeno saco de plástico transparente nas mãos. Cobri o canto da mesa com um pano e espalhei o meu tesouro sobre ele. Escolhi o feijão, descartando os furados, e deixei-o a pernoitar dentro de um alguidar, coberto com água fria. Tal qual a minha memória ditava que a avó Lurdes fazia.

Na tarde seguinte, escorri, lavei e deitei o feijão na panela de pressão. Juntei um coto de chouriço de carne, cobri com água nova, apertei a tampa e liguei o lume.

Sentei-me num canto da cozinha, com as costas e a cabeça encostadas à parede e esperei.

Minutos depois, com os olhos arregalados, vi o pipo começar a rodar com timidez. Libertava os pri-

«De longe, chegava-me à memória o arrastar dos chinelos pelo chão de tijoleira, o abrir e fechar das gavetas de pinho maciço, o chiar das dobradiças das portas empenadas dos armários, o estalar das folhas de couve ao serem cortadas pela faquinha de cabo de madeira.»

meiros assobios de vapor e, com eles, os aromas. Feijão encarnado e chouriço de carne.

Desci as pálpebras. O meu corpo, devagar, descolava-se do banco e da parede.

De longe, chegava-me à memória o arrastar dos chinelos pelo chão de tijoleira, o abrir e fechar das gavetas de pinho maciço, o chiar das dobradiças das portas empenadas dos armários, o estalar das folhas de couve ao serem cortadas pela faquinha de cabo de madeira.

Inspirei fundo e concentrei-me.

Um arrepio subiu-me pelas costas até à pele por trás das orelhas. Estávamos na cozinha da avó Lourdes.

Ela, de volta do fogão, e eu, ajoelhada sobre um banco de madeira, com o rabo empinado e os cotovelos apoiados na pedra mármore da bancada. A pele dos meus joelhos, suada, colara-se ao oleado florido que forrava o assento do pequeno banco, cujas pernas estavam pintadas de branco, com várias mazelas de tinta lascada que mostravam que antes tinham sido azuis, antes disso verdes e antes disso amarelas.

As portadas da janela para o quintal deviam estar abertas. Conseguia ouvir as galinhas a cacarejar lá fora, a avisar-nos de que tinham posto ovos, o rebuliço dos gatos com o cio, o restolhar dos ramos das oliveiras, sacudidos pela algazarra dos pardais.

Chegava-me, de um lado, o cheiro de laranjas acabadas de descascar e, do outro, o crepitar do posto de rádio, mal sintonizado, que alternava a Amália com o Marceneiro.

Mordi o lábio inferior e cerrei os olhos com mais força.

Estava perto. Sabia que estava muito perto.

Maria!, ouvi, finalmente.

Maria!

O meu nome, Maria, com o *r* convicto e o último *a* irredutível, sem se deixarem enrolar nem arrastar para lado nenhum.

Sim, avó?, murmurei. Estou aqui.

Uma lágrima de júbilo rebolou-me pela cara. Deixei-a temperar-me o sorriso.

O tempo podia apagar a minha sombra. Calar o eco dos meus passos. Enquanto me lembrasse do meu nome pela voz da avó Lurdes, o meu caminho continuaria escrito nas linhas que cruzavam as palmas das minhas mãos.



O SILÊNCIO QUE ECOA

MARIA
BRUNO ESTEVES

Naquela manhã de agosto, o relógio marcava os segundos com uma lentidão cortante. O tempo avançava, indiferente, mas o ar carregava um peso inominável.

– A tua mãe ainda não se levantou – disse o meu marido, lançando-me um olhar preocupado, enquanto o ronco grave da máquina de café e o miar insistente da *Mikas* preenchiam a cozinha.

Não era normal.

Por volta das dez, ela já teria tomado os medicamentos e estaria a preparar o pequeno-almoço. Sentávamo-nos juntas à mesa, rodeadas pelo ruído dos talheres contra os pratos e pelo leve crepitar do jornal que ela folheava com uma ternura quase religiosa. Era o nosso ritual, um momento em que o tempo parecia parar.

Percorri o corredor com passos incertos. Ao abrir a porta do quarto, o ar pareceu denso, como se a luz hesitasse em entrar pelas persianas que levantei num gesto automático.

– Mãe, hoje não te levantas? – perguntei, a voz a dissipar-se no vazio.

Ela estava deitada, os óculos no rosto, o telemóvel ainda seguro na mão. Parecia apenas a descansar, mas a quietude desmentia o dia.

Contornei a cama com passos lentos. O coração batia desordenado, destoando da calma opressiva que pairava no ar. Toquei-lhe no rosto. O frio subiu-me pela mão como um punhal de gelo, um frio que não se dissipa, que não pode ser negado. A minha garganta apertou-se num nó.

Chamei pelo meu marido, a voz fragmentada, mais lamentação do que súplica. O eco espalhou-se pela casa, e apenas o silêncio lhe respondeu. Somente o relógio continuava a marcar os segundos, imperturbável.

Sentei-me ao lado dela, o corpo pesado, as mãos a tremular ao segurarem as suas. A pele rígida, o contraste com o calor dos meus dedos, feriu-me

«Contornei a cama com passos lentos. O coração batia desordenado, destoando da calma opressiva que pairava no ar. Toquei-lhe no rosto.»

como uma verdade impossível de afastar. O vazio invadia o quarto, carregando uma presença imensa, insuportável.

Olhei para o seu rosto tranquilo, os óculos ainda firmes no lugar, como se, num instante improvável, ela pudesse acordar e perguntar: «Que foi? Ainda estou aqui, não vês?».

Mas já não estava.

Mesmo assim, segurei-lhe a mão, iludindo-me com a ideia de que o contacto pudesse desfazer o abismo. O som dos segundos desvaneceu-se, cedendo espaço a outro, distante e hipnótico: o mar.

Num instante, estava na praia. Os nossos passos fundiam-se na areia molhada, apagados suavemente pela respiração das ondas. Às vezes, ela parava, inclinava a cabeça como quem ouve segredos antigos. «O mar leva o que não precisamos e devolve o que importa», murmurou certa vez, enquanto olhava o horizonte, absorta numa conversa muda com o oceano.

As suas palavras pareciam escritas na espuma, levadas e trazidas pelas ondas. Agora, a batida do tempo arrancava algo de mim. A cada onda, uma ausência; cada tic-tac, um eco.



O som do relógio trouxe-me de volta ao quarto, onde os ruídos da casa permaneciam suspensos. O telefone, outrora vibrante com as suas conversas, repousava mudo.

Recordei o riso contagiante e o timbre animado da sua voz enquanto falava ao telefone com as amigas. As risadas que alastravam pela casa e os comentários simples, mas cheios de perspicácia, enchiam o ar de alegria.

Lembrei-me do dia em que recebeu o diagnóstico, exatamente um ano antes. O médico falou de forma direta:

— É um aneurisma na aorta. A cirurgia seria o caminho mais seguro. No entanto, tem riscos elevados. Esperei um instante de hesitação. Ela respondeu de imediato:

— Já passei por três operações, doutor. Não quero arriscar!

No exterior do hospital, o calor de agosto impunha-se com um peso maior do que o habitual. Ajeitou os óculos e, por um momento, ergueu o olhar para o céu, como quem conversa com algo que apenas ela compreendia. Depois, voltou-se para mim com um sorriso tranquilo:

— O tempo faz o que tem de fazer.

Avançou com serenidade, enquanto eu permanecia atrás, carregando o peso de uma escolha que nunca me pertenceu.

Não foi a primeira vez que a vi enfrentar o destino. Mesmo com a cadeira de rodas à espera, a minha

mãe desafiou a fatalidade. Cada passo que deu ao reaprender a andar e cada curva do corpo no ioga eram vitórias contra o inevitável.

Aprendi com ela que a aceitação pode ser um gesto de coragem. Mesmo quando tudo parecia prestes a ruir, a minha mãe mantinha o equilíbrio: os passos eram lentos, mas firmes; os gestos, suaves, mas resolutos. Assim, ela compunha a sinfonia da sua vida.

No funeral, o caixão desceu à terra, o ranger das cordas um grito contido, áspero, expondo uma dor que eu não conseguia esconder. O impacto das pás marcava o fim.

Agarrei o ramo com mãos trémulas, os dedos a roçarem as delicadas texturas ainda impregnadas do perfume do jardim. Eram as flores de que ela cuidava com amor e paciência, cada folha testemunha de dias calmos e dedicados. Apertei-as contra o peito, cada pétala que caía levava um fragmento do meu ser. Quando as soltei, foi como dizer um adeus que ainda não sabia pronunciar.

A última pá de terra caiu com um baque surdo, abafado pelo vento, como se o mar tivesse vindo reclamar o fim.

A sua presença não desapareceu, espalhou-se. Está no compasso do relógio, no murmúrio das ondas, no som distante de uma risada que já foi tão familiar. A ausência é cheia de ecos, e, a cada batida do tempo, ouço-a sussurrar «Ainda estou aqui».

SONS E TONS

MARIA
GAIO

Na aurora dos tempos impôs-se a lei do mais forte, a sonoridade de um mundo em construção. À medida que o Homem evolui, outros sons se fazem ouvir e transformam-se em regra. Para seu deleite ou tocar o seu semelhante. Infelizmente, a obrigatoriedade uniformiza comportamentos que tornam o mundo tirano.

O som propaga-se pela cidade em cada cidadão e reverbera no seu ser

O maestro conduz a orquestra e seus andamentos. A batuta impõe que executes a sinfonia.

A regra faz-se ouvir numa melodia que dita comportamentos e exige o gesto e o instrumento. Transforma-se em parábolas entoadas pelo coro do poder e da força. Em danças ou numa cantilena repetitiva e dormente. Começa num andamento lento que vai aumentando a cada etapa do caminho. A melopeia marca o compasso das palavras. A voz imprime-lhes o som que a faz pulsar. Tens de compreender, avançar e escutar para continuar a execução. Começas a questioná-la.

O contrarregra anuncia a tua entrada no palco. Que se cumpra a palavra num timbre universal! Sopra forte, mas soma descontentamento.

As palavras começam a chocar entre si e geram torrentes de desejos e manifestações numa cacofonia de instrumentos vocais. Nada mal, para aqueles que se unem numa mesma causa.

Isto não agrada ao maestro que escala o andamento. Torna-o em tempestade que derruba tudo quanto se opõe. Convoca um tornado que tudo arranca, progride na terra e eleva-se aos céus numa espiral de breu e tremor.

Não contente, chama as ondas do mar que se unem. Formam um "tsunami" de ideias em marés que tudo alagam.

**«As palavras
começam a chocar
entre si e geram
torrentes de desejos
e manifestações
numa cacofonia de
instrumentos vocais.
Nada mal, para
aqueles que se unem
numa mesma causa.»**

A superfície da terra fica deserta e propícia a recontros. Ecoa o vazio.

O último sobrevivente, cheio de esperança, reconstrói tudo o que a regra destruiu, num andamento saltitante. O maestro promete ao Homem que o ajudará na missão. Buzina-lhe ao ouvido sons, tons e aromas do Paraíso. Dá-lhe poder e torna-o ambicioso. Quer dominar o outro e o mundo. Chama a si a lei da conveniência que, disfarçada de bem, a todos arrasta.

Esmaga a liberdade, aprisiona os que a seguem e incendeia um povo. Sobreviventes? Talvez! Noutro planeta com outros andamentos.

Procura-o e encontra nele uma comunidade onde se fixa.

Onde há um homem, há hábitos, regras, ambição, poder e o desejo de dominar o outro.



O BOM GAFANHOTO

NUNO
GONÇALVES

Mateus matou o grilo no dia do seu trigésimo aniversário.

Não era um grilo, na verdade, era um gafanhoto, mas era um chato do caralho.

*Esse tipo de linguagem
é impróprio e desnecessário*

seria o que o grilo diria, se ainda tivesse a cabeça ligada ao corpo.

Enquanto era criança, Mateus suportara-o. Poderia dizer, até, que chegaram a ser amigos. Chegou a ser o seu único amigo, mesmo sendo um chato do caralho.

Linguagem.

Um tremendo chato.

Apesar de ter sido um rapaz propenso ao isolamento, nunca se sentiu sozinho e, mesmo que lhe custasse admitir, a companhia do grilo salvara-lhe a vida na adolescência.

*Nada de bom virá de bateres
com a cabeça no asfalto.*

A morte, pensara Mateus, não seria a morte algo de bom?

*Não, a morte é má. Acredita.
É, talvez, das piores coisas que existem.*

Mateus acreditara, porque o grilo não mentia. O grilo nunca iria contrariar um dos dez mandamentos, porque o grilo era honesto, correto, bondoso e um chato do—

*Se queres conquistar uma donzela,
deves tratá-la com respeito.*

**«Os alunos que
passam no exame de
anatomia estudam,
em média, quarenta
e duas horas e
meia. Olhando para
o cadáver calado
do grilo, Mateus
tinha dificuldade
em atribuir-lhe
responsabilidade
pelo seu sucesso
na idade adulta.»**

Durante anos, Mateus evitou dirigir a palavra a qualquer miúda, rapariga ou mulher por quem se pudessem sentir atraído. Tudo o que lhe ocorria dizer poderia ser considerado desrespeitoso e o silêncio acabou por ser a solução mais simples. Silêncio apenas quebrado pelo grilo.

*Mesmo a forma como olhas para elas
poderá ser considerada desrespeitosa.*

E assim foi andando Mateus, sem falar ou olhar para mulheres.

A relação com os colegas não era mais simples.

*O consumo excessivo de álcool
tem diversos e definitivos efeitos nefastos.
O risco de acidente num carro conduzido por
alguém que acaba de beber quatro whisky colas
está acima de trinta e dois por cento.
Os alunos que passam no exame de anatomia
estudam, em média, quarenta
e duas horas e meia.*

Olhando para o cadáver calado do grilo, Mateus tinha dificuldade em atribuir-lhe responsabilidade pelo seu sucesso na idade adulta. Nunca admitiria que o grilo o fizera suportar os gritos do pai, o choro da mãe, os vícios dos colegas, as tentações, a preguiça e a falta de vontade. A verdade, porém, era que o grilo o ajudara a chegar à universidade, a tirar o curso e a conseguir um emprego numa das mais conceituadas clínicas de Medicina Dentária.

*Devo esclarecer que eu sou um gafanhoto
da espécie Locusta migratoria.*

Matou-o, finalmente, agarrando na cabeça com polegar e indicador, no corpo com a outra mão e puxando. A cabeça saltou e o grilo morreu.

*Os gafanhotos migratórios passam
parte da sua existência em África.*

Pensou em enterrar o cadáver no vaso de uma das suculentas que tinha na sala, mas teve medo de que, dali a algumas semanas, o cato comesse a recitar excertos da parábola do bom samaritano.

*Mas o samaritano viu o homem e ficou com pena
dele, por isso cuidou de seus ferimentos
e o vestiu. É isso a compaixão, Mateus.*

Guardou-o num saco de plástico transparente e fitou-o durante largos minutos, desfrutando do silêncio. Deitou o saco na sanita e ficou a vê-lo boiar, tranquilo. Encostou o dedo ao botão do autoclismo e esperou.

As palavras que o grilo lhe diria, se ainda estivesse vivo, foram-se formando na sua cabeça, no mesmo tom professoral, com as consoantes raspadas e as vogais arrastadas.

Os plásticos nos oceanos matam cerca de

**«Guardou-o num
saco de plástico
transparente e
fitou-o durante largos
minutos, desfrutando
do silêncio. Deitou
o saco na sanita e
ficou a vê-lo boiar,
tranquilo. Encostou
o dedo ao botão
do autoclismo
e esperou.»**

Mas Mateus não sabia a estatística correta. Nem sabia se o saco de plástico despejado sanita abaixo iria parar ao oceano. Não, talvez a lição fosse outra, mais sobre a vida e a morte e menos sobre ambientalismo.

*Assassinar qualquer
uma das criaturas de Deus*

Era isso, sim. O grilo não apreciava homicídios, mesmo que fossem homicídios de insetos. Chamar-se-ia homicídio quando a vítima não era um homem?

*A semântica é útil, Mateus,
mas estás a divergir do tema principal.*

Tirou o saco de dentro da sanita, passou-o por água da torneira, secou-o e pousou-o na mesa da cozinha. Afagou o corpo do grilo, com o plástico de perneira, e foi pensando. Aquilo não teria acontecido se o grilo se tivesse mantido calado. Fora apenas um dente, um único dente arrancado a uma gestora bancária. Um dente com uma pequena cárie, sim,

mas ainda em perfeito estado. Mateus fora influenciado pela mala Gucci, os sapatos CK e fez contas. Temos de arrancar este dente, disse-lhe, e colocar um implante. Poderemos fazer um preço especial. Ela acatou o valor sem mostrar qualquer incómodo. E o implante acabou por ficar impecável, melhor do que aquele dente já usado, diga-se. O grilo não se calara.

Durante dias e dias, a toda a hora, noite adentro, sem parar.

*É um roubo, Mateus,
aquilo que tu fizeste.*

*E relembrar-te-ei todas as implicações éticas,
ponto por ponto.*

«Teria, agora, liberdade absoluta. Poderia convencer os seus pacientes, com tato e persuasão, a realizarem tratamentos um pouco mais invasivos do que o necessário.

Um pouco mais caros. Imaginava os números do saldo bancário a subirem animados. Fantasiava com um carro novo de mudanças automáticas e um apartamento mais próximo do centro.»

Mesmo durante os sonhos, o grilo aparecia para prosseguir a sua palestra, saltando incólume entre pesadelos e fantasias. Curiosamente, a frase que fizera Mateus perder, por fim, a paciência, pareceria inócua.

*Acorda, Mateus.
Hoje é o dia do teu aniversário.
Como planeias tornar-te
uma pessoa melhor?*

E aí, Mateus arrancou a cabeça do grilo. Ali mesmo, na sua cama de lençóis amarrotados. Deixou o saco de plástico em cima da mesa e preparou-se para sair. Tentava imaginar como seria essa sua nova vida.

Teria, agora, liberdade absoluta. Poderia convencer os seus pacientes, com tato e persuasão, a realizarem tratamentos um pouco mais invasivos do que o necessário. Um pouco mais caros.

Imaginava os números do saldo bancário a subirem animados. Fantasiava com um carro novo de mudanças automáticas e um apartamento mais próximo do centro.

Poderia voltar a frequentar bares. Teria toda uma nova desenvoltura para abordar mulheres, lançar-lhes olhares prolongados, sussurrar palavras impróprias, arriscar gestos arrojados.

Haveria de conseguir conquistar uma e levá-la para o seu novo apartamento, bem localizado e com estores elétricos.

E, acima de tudo, o silêncio.

Uma nova vida, sem barreiras. Uma nova vida onde poderia ouvir os seus próprios pensamentos, respeitar as suas pulsões, concretizá-las. Em silêncio.

Silêncio.

Falaria consigo próprio.

Num longo monólogo silencioso.

...

Sem interrupções.

Beberia o café de manhã. Em silêncio.

Silêncio absoluto.

...

Voltou atrás, tirou o corpo decapitado do grilo do saco, colocou-o ao ombro

Peço-te que não voltes a fazer aquilo.

e saiu de casa.



AS COISAS HÃO DE MELHORAR

PAULA
CAMPOS

— É a nossa mala de cartão? — perguntou a mulher, ao ver os escassos pertences de ambas serem metidos à pressa lá para dentro.

Cilinha olhou, enternecida, para aquela mãe que sempre tratara como sua filha. Aos seis anos, tinham-na arrancado ao lar, aos tios e à pequena vila por onde corria, sem horas, sem banho, sem comida certa. Viu-se encarcerada num colégio de freiras, que a distância de cinquenta quilômetros fazia parecer o outro lado do mundo. Portas cerradas, refeições à mesa, farda limpa e engomada. *Por favor, obrigada, desculpe*, palavras que não conhecia, mas que depressa aprendeu a manipular. O *porquê* sempre sem resposta.

E a mãe à distância das visitas mensais. Nunca as deixavam sozinhas. *Onde é que estás a viver? Comeste? Tomaste banho? Cheiras bem*. Preocupações novas de menina a envelhecer. Percebia que devia ensinar à mãe os seus hábitos recentes, apesar das saudades do tempo em que não tinha nenhuma daquelas obrigações entediadas. Os tios, ao lado, fervorosos defensores da moral, iam condescendendo naquela proteção que a sobrinha dava à parente. Não irmã nem cunhada. Parente. Cilinha nunca ouvira falar em doença mental, mas sempre percebera que a mãe precisava dela.

Os tios. Falavam-lhe de tribunais, de juízes, de coisas que não entendia. Porque é que não podia continuar a viver com a mãe? E o irmão? Ainda nem dois anos tinha. Adotado? Nunca mais o veria? Não. Se o padrasto fez mal ao menino, porque é que não o prendiam e ela e a mãe não cuidavam do mano? A mente de criança punha-se em bicos de pés para tentar compreender o inexplicável.

Cedo se fez crescida. As coisas haviam de melhorar. Aprendeu o suficiente sobre assistentes sociais, pensões por invalidez e bom comportamento. Ensinaram-lhe tudo isso as famílias caridosas, que, aos

**«Durante alguns anos,
a velha casa da família
abrigou as duas mulheres.
Comida, roupa e pequenos
mimos, fruto da cobiçada
pensão de invalidez da
mais velha e dos poucos
biscates que a rapariga ia
arranjando na vila. Sempre
pouco, mas repartido
entre as duas.»**

fins de semana, levavam as meninas para suas casas, voltando a despejá-las na solidão de dormitórios cheios, nos fins das tardes de domingo. Guardava o pouco dinheiro que lhe iam pondo nos bolsos. Na escola, a matemática servia-lhe, sobretudo, para fazer contas ao tempo que faltava para recuperar o amor. As coisas haviam de melhorar.

Doze anos depois do desterro, a liberdade. No dia a seguir ao seu décimo oitavo aniversário, arrancou a mãe de casa dos tios, sob várias ameaças e gritos de levarem a vizinhança à porta. Não cedeu. Durante alguns anos, a velha casa da família abrigou as duas mulheres. Comida, roupa e pequenos mimos, fruto da cobiçada pensão de invalidez da mais velha e dos poucos biscates que a rapariga ia arranjando na vila. Sempre pouco, mas repartido entre as duas.

Um dia, o sonho da capital, que sempre a espreitava, adentrou-lhe pela casa, vestido da promessa de um namorado. De cabeça perdida pela rapariga, o filho dos donos das piscinas novas — local de invasão dos veraneantes pobres da zona — levou ambas para Lisboa. Durante um mês, a vida foi brilhante. Amor, dinheiro, casa, passeios. A mãe com ela. O rapaz a tratá-la como nos contos de príncipes e princesas. E o futuro inventado a fazer-se presente. As coisas estavam a melhorar.

Contudo, o rapaz desapaixonou-se e regressou a casa, assim que os pais, moralistas de cartilha, lhe cortaram a mesada. O seu menino, sem ser casado, a viver com uma mulher criada num quase-asilo e, ainda por cima, com uma mãe atrasada. Podia lá ser. O rapaz caiu em si. Percebeu a parte do casamento, a do asilo, a da pseudo-sogra, sobretudo a da ausência de dinheiro. Voltou para a vila, sem se despedir. *Homens!*, pensou Cilinha. *Sapos disfarçados de príncipes.*

De mão em mão, de cama em cama, sem um lugar a que alguma vez pudesse chamar seu, foi arrastando a mãe pelos becos da vida. Lisboa sempre era Lisboa. Além disso, as barracas onde os amantes a deixavam pernoitar, por vezes, ficavam tão perto das vivendas branquinhas, com caminhos ladeados por árvores tão bonitas! Teria lá trabalhado sem receber dinheiro, só pelo prazer de ali entrar. As coisas haviam de melhorar.

Se não fosse ela ter perdido o emprego de auxiliar no hospital, este Manuel não as teria posto na rua. Mas era difícil chegar a horas. O banho da mãe, o pequeno-almoço da mãe, a porta bem fechada para a mãe não fugir. E o barco não esperava. E ela sempre tão cansada.

Manda a tua mãe para cá. Desenvencilha-te sozinha, sugeriam os tios.

Mandar a mãe para longe dela? Doze anos bastaram. Antes e depois, tudo fora repartido. Sobretudo, o amor. Assim continuaria. As coisas haviam de melhorar.

Mas as portas dos conhecidos, as dos amantes e as das vivendas branquinhas onde ia pedir trabalho cerravam-se antes que ela batesse.

Os jardins não têm portas. Têm recantos discretos, onde esconder malas de cartão, bancos junto de lagos frescos, até lugares esconsos, onde guardar o amor.

As coisas haviam de melhorar.



Olho, num balancear monótono e nauseado, para um mar infinito e pergunto-me onde está esse Deus todo-poderoso. Esse ou outro. Tantos deuses para louvar e nenhum acode.

Aparentemente, não chegaram as guerras feitas em seus nomes e os muitos que morreram não satisfizeram a fome do crer. Como explicar o desinteresse dos divinos por nós, criaturas do pó e da terra? Terá sido, porventura, insuficiente o tributo, o tormento e a desgraça?

Representantes autointitulados dos céus interpretaram pergaminhos — por outros lidos, por outros escritos, por outros ouvidos — e instruíram as leis deduzidas.

Que digo eu? As leis infalíveis! Veríssimas! Indubitáveis!

E foi com toda a justiça, disseram eles, que reclamaram a completa e bruta existência do nosso ser.

Queremos as vossas mãos, pés e braços. Queremos os vossos corações e ventres. Vomitai filhos à lama, que também eles nos pertencem. Necessários são para lutar nossas crenças e para levantar monumentos celestiais em terra.

Para eles, tijolo a tijolo, construímos casas de oração. A eles pagámos, para que fossem erguidas, com a nossa magra jorna, com o suor, sangue e existência de gerações famintas de esperança.

Tantos lá ficaram, entre argila e pedra.

Por eles, matámos, bala a bala, princípios de outrem. Por eles, combatemos os pensamentos dos nossos irmãos, que deixámos em cidades demolidas.

**«Todos não, uma
mulher e sua
criança faleceram.
As forças faltaram-
-lhes há muito.
Foram os primeiros
a despedirem-se.
Um adeus sem
falar, revelado
apenas por olhos
vazios. Mais
seguirão, em
silêncio submerso.»**

Tantos lá ficaram, entre ruínas e dor.

Em troca, todavia, fomos bem presenteados, disseram eles. As autoridades religiosas ofereceram-nos a certeza do Paraíso — se não é de ficar grato!

Mas só mais tarde, de corpo frio. Porque Paraíso em vida não é para todos, e não somos nós, povo incul-to, pobre e malcheiroso, a ter direito a tal benefício.

Sabemos o que o profeta apregoou — igualdade e amor, fé e compaixão, liberdade aos homens na Terra —, mas ninguém da nossa casta tirará o lugar,



tão merecido e destinado, à prestigiada elite humana, de certeza tão bons servidores dos céus. Aqueles que nem necessitam de rezar, pois abençoados foram logo à nascença.

Não tenham receio, peço eu, quando nos encontrarmos será para vos servir.

O vosso estrume será o nosso leite e agradeceremos vassouras, baldes e água. Se antes não a tínhamos para beber, em excesso a teremos para limpar.

Limparemos como vivemos, cabisbaixos, humilhados, abatidos. Agradeceremos as vossas esmolas e talvez, um dia, os nossos frutos, integrando-se numa metamorfose social milagrosa, partilhem um mundo de deuses mais bondosos.

«Oremos!», digo eu. «Oremos todos!»

Todos não, uma mulher e sua criança faleceram. As forças faltaram-lhes há muito. Foram os primeiros a despedirem-se. Um adeus sem falar, revelado apenas por olhos vazios. Mais seguirão, em silêncio submerso.

Neste molho de gente acanhada, ninguém se atreve a tocar-lhes, não vá a má sorte pegar-se (já chega ser herdada). Agora, ombro a ombro, há mortos, vivos e semi-vivos.

«Rezemos pelas almas deles e pelas nossas. Rezemos por braços abertos à nossa chegada. Rezemos aos deuses que aqui nos trouxeram e rezemos por este pequeno barco, de borracha porosa, sobre este mar infinito.»

MERGULHO SONORO

SÓNIA
PEDROSO

No átrio, abro a porta da sala e o som bate-me de frente. Fico hipnotizada pelos feixes de luz verde que sobem do palco. Movem-se da direita para a esquerda, hipnóticas. Uma luz avermelhada incide na plateia. Parecem ondas, conforme se movimentam ao som da música e ao ritmo do "mosh". O resto da sala está na penumbra, negra.

Os ecrãs mostram o vocalista da banda de guitarra em punho e microfone estático. Não se percebe o que canta, devido à distorção do som, amplificada pelo eco da música que bate nas paredes e rodopia na sala.

O ritmo da bateria pulsa-me no peito e põe o sangue a correr. Não se consegue falar e os ouvidos ficam dormentes.

O som da música eleva-se no ar e os jogos das luzes não nos deixam tirar os olhos do palco. Algumas canções reconhecemos aos primeiros acordes e sabemos de cor, porque nos acompanharam em algum momento da nossa vida, é que às vezes a angústia não tem som, mas há sempre uma música que expressa exatamente o que sentimos.

Labaredas são disparadas da beira do palco com foguetes. O cheiro da pólvora chega às bancadas e invade as narinas. Inspirada pelo frenesim, a multidão salta e agita os braços no ar. A sensação é de sermos transportados para outra dimensão. Um mundo de som e efeitos de luzes. A plateia começa a formar um corredor à espera que o líder da banda dê o mote. Com o sinal do refrão, embatem uns nos outros e iniciam o círculo, o "mosh pit" começa. O cuidado dos participantes é visível, porque o lema é diversão e aproveitar o momento. Ali, não pensas em mais nada. O corpo move-se ao ritmo da batida e soltas todas as inseguranças. Corres, chocas e pulas com os outros num frenesim musical libertador. De braços levantados no meio da multidão, dou por mim a rir com um homem contra quem choquei

«Corres, chocas e pulas com os outros num frenesim musical libertador. De braços levantados no meio da multidão, dou por mim a rir com um homem contra quem choquei de costas.»

de costas. Ele faz sinal com o polegar de que está tudo fixe. Aceno com a cabeça e, com um toque no ombro, seguimos de braços no ar com os dedos em formato de cornos. A música amplifica as emoções e cria espaços para as transformarmos e conectar com outros, os que entendem o nosso sentir.

As músicas vão desfilando e, quando dás por isso, anunciam a última. Começamos todos a pedir só mais uma. Falta o bis. Fazem a vontade ao público e tocam duas músicas como agradecimento de toda aquela troca poderosa de energia positiva.

Quando saís para a rua percebes que estás com uma estática nos ouvidos que não te permite escutar distintamente os sons em redor. E passa despercebido o ar frio que agora recebes no corpo, depois do abafo sentido da plateia. Sacodes a cabeça, mas a sensação permanece. Ris e pensas, que concerto brutal. Ouvir uma banda a tocar ao vivo é espetacular e ficas ansioso para o próximo.



O MARECHAL MELÓMANO

VERA
NOBRE

Precisamente seis anos antes, no mês de março de 1803, morrera o seu adorado Francesco, vítima da febre tifoide. Luísa vivia, desde então, abalada pela angústia dessa perda e pela impossibilidade de voltar a atuar em público enquanto viúva. Apenas alguns meses antes da morte do marido, a sua última atuação, no Teatro São João, fora um sucesso. Agora restava-lhe representar o papel de viúva. Inconformada, decidira adotar o luto para o resto da sua vida, como se representasse eternamente o papel da soprano do Requiem de Mozart. Continuava a ser vista em público nos concertos que frequentava, vestida inteiramente de preto – incluindo o chapéu, a sombrinha, a bolsa e o lenço, tudo no mesmo tom. Usava um véu cobrindo o rosto ao sair de casa, o que não escondia o seu riso fácil e feito de acordes luminosos.

Tinha renunciado a exhibir as suas preciosas joias, que ocasionalmente admirava, espalhando-as sobre a colcha da cama e fazendo-as brilhar sob os raios de sol que entravam pela janela. Os brincos, o colar e a tiara de diamantes, presentes de Catarina da Rússia durante a sua estadia em São Petersburgo, deixavam o público fascinado, nos diversos palcos de ópera que tinha pisado. Ainda mais maravilhados ficavam assim que começava a cantar, com a sua voz vasta e inconfundível, como era descrita nos jornais da época. Na intimidade do quarto, cantarolava árias que tinha interpretado, revivendo memórias da sua carreira internacional.

Mas naquela manhã, véspera de Quarta-feira de Cinzas, o ruído da rua abafava as suas recordações musicais. Os sinos das igrejas do Porto tocavam a rebate. Ouviam-se passos apressados na calçada e vozes aflitas evocavam preces.

«Horrorizada com a catástrofe que presenciara, Luísa instalou desajeitadamente os filhos no barco e suplicou ao barqueiro que partisse com rapidez. Este retirava a âncora, quando a filha mais velha de Luísa deu um grito de dor, agarrando-se a um joelho sangrante. Fora atingida por uma bala perdida. Luísa levantou-se, tentando socorrê-la, mas a ondulação do rio fê-la cambalear e cair à água.»

A cavalaria francesa estacionava num acampamento próximo da cidade e os canhões ribombavam ao longe. As forças portuguesas iam resistindo como podiam nas baterias e muros do lado norte da cidade, mas todos sabiam que os defensores eram poucos frente aos atacantes franceses. No dia anterior, no átrio da igreja, as conversas presagiavam o desastre iminente:

— Estes demónios franceses não têm em consideração que estamos em plena Semana Santa! Declararam um ultimato dizendo que, se não nos rendemos até dia 28 de março, invadem a cidade. Entretanto, saqueiam e pilham todos os lugares por onde passam. Fazem vítimas do seu furor, velhos, crianças e mulheres.

Temendo pelos filhos pequenos, Luísa correria para casa. Tinham de sair da cidade. Agora, sem proventos dos espetáculos, as suas poupanças eram fundamentais para viver dignamente. E as joias, de valor incalculável, não as podia deixar roubar pelos franceses. Luísa chamou a criada e pediu-lhe para arrumar algumas roupas numa bolsa.

— Temos de fugir, — disse com firmeza — estamos em perigo aqui.

— Para onde, minha senhora? Seremos encurraladas pelos franceses.

— Atravessaremos o rio para Gaia, não temos outra opção.

Dormiram uma última noite na casa da rua Chã. Luísa sofria com a ideia que teria de abandonar alguns dos pertences mais queridos, tais como o piano e o violino, que pertenceram a Francesco. Consolou-a abraçar os corpos mornos dos filhos, que nessa noite adormeceram com ela na mesma cama.

Na manhã seguinte, quando desceram à rua, Luísa, a criada e as crianças misturaram-se à multidão em fuga, que saturava as ruas num fluxo contínuo em direção ao rio.

As tropas francesas tinham cumprido o ultimato e, rompendo as defesas portuguesas pela madrugada, avançavam pela cidade, trovejando fogo de artilharia. O medo sangrava os portuenses para Gaia, todos se dirigiam para a Ponte das Barcas, composta por vinte barcas amarradas por correntes de ferro, cobertas por um estrado de madeira. A travessia estava sujeita a portagem e naquela manhã de 29 de março de 1809, Luísa Todi era uma entre os milhares de pessoas que ali se aglomeravam para tentar passar para a outra margem. Cada pessoa a pé pagava normalmente cinco Réis, porém, naquele dia, o cobrador tentava inflacionar o preço dos bilhetes. A multidão protestava, gritando.

No cais da Ribeira, alguns barqueiros apregoavam preços exorbitantes para atravessar o rio. Luísa, com os filhos agarrados à saia, as bolsas com roupas e

um estojo onde levava as joias e todo o dinheiro que tinha em casa, dirigiu-se a um destes barqueiros, não hesitando em pagar mais de mil Reis pela travessia.

A cavalaria francesa aproximava-se, rápida e perigosamente, do cais. Ouviam-se tiros cada vez mais próximos. Apavorada, a multidão empurrava-se e precipitava-se sobre a frágil ponte, em tumulto.

Enquanto Luísa tentava entrar na pequena embarcação, ouviu um enorme clamor. A Ponte das Barcas despedaçara-se com o peso das pessoas que atravessavam. Enormes fendas tinham-se aberto e os furtivos caíram ao rio, empurrados por aqueles que vinham atrás. Luísa avistou milhares de braços que se erguiam das águas gélidas do Douro, gritando por socorro, num estertor de afogados. Um silêncio de morte cobriu o rio, logo interrompido pelo tiro-teio cruzado dos franceses e dos nacionais.

Horrorizada com a catástrofe que presenciara, Luísa instalou desajeitadamente os filhos no barco e suplicou ao barqueiro que partisse com rapidez. Este retirava a âncora, quando a filha mais velha de Luísa deu um grito de dor, agarrando-se a um joelho sangrante. Fora atingida por uma bala perdida. Luísa levantou-se, tentando socorrê-la, mas a ondulação do rio fê-la cambalear e cair à água. Em grande aflição, sabendo que a patroa não sabia nadar, a criada estendeu-lhe um remo do barco, salvando-a. No entanto, Luísa acabara de perder no Douro todos os pertences preciosos que transportava com ela.

Encharcada e desesperada, deu-se conta de que não podia continuar a fuga com a filha sangrando da ferida e decidiu descer a terra, deixando-se capturar pelos soldados franceses. Engolindo o orgulho, acenou para os soldados que estavam no cais, pedindo-lhes ajuda.

— Au secours, au secours! S'il vous plait, aidez nous! Os soldados, surpreendidos por a ouvirem num francês perfeito, acorreram, diligentes.

— Madame, êtes vous française?

— Non, je suis portugaise mais je vous demande de aider ma fille, elle est gravement blessée a la jambe.

A cavalaria napoleónica avançava em direção ao rio, cruzando-se com a família de Luísa. Do alto da sua montada, um oficial vestido com o elegante uniforme de Marechal, observou o pequeno grupo e estacou, dirigindo-se a Luísa:

— Luísa Todí! Êtes-vous “La chanteuse de la nation”? Je ne crois pas à mes yeux! La Prima-Dona! Vous êtes là!

Surpreendida por ter sido reconhecida, fitou o interlocutor de olhos arregalados e, depois de instantes, conseguiu responder:

— Oui, c’est moi.

Percebeu que estava face ao temível Marechal Soult. Ele apresentou-se amavelmente e disse-lhe que a tinha ouvido cantar no Teatro das Tulherias, anos atrás, tendo ficado maravilhado com a sua voz. Que nada receasse, porque nenhum mal lhe iria acontecer. Que a tomaria sob sua proteção pessoal, como convidada na residência oficial, o Palácio das Carrancas, até que a filha recuperasse do ferimento.

O cenário em redor era desolador, os gritos dos fugitivos continuavam a ouvir-se e chamas consumiam uma carroça a poucos metros dali, levantando uma espessa nuvem de fumo. Mas nada disso parecia afetar o Marechal, que continuou a discorrer sobre música:

— Quel plaisir de vous avoir rencontrée! Quels beaux souvenirs! Ah, la musique nous donne une âme! Je me souviens bien de vous écouter chanter!

Descendo do cavalo para a cumprimentar de beija-mão, despediu-se, deixando-a aos cuidados de soldados de confiança.

«Luísa sentiu o poder da música libertar-se e ganhar vida, como uma chama no olhar do Marechal. Ficou maravilhada com a facilidade que ainda tinha em exercer o seu dom, após os anos de pausa.»

Estes, vendo-a tiritar de frio, ofereceram-lhe uma manta e guiaram o pequeno grupo em direção a uma enfermaria improvisada, montada numa esquina da rua do Comércio.

Enquanto subiam a rua, Luísa ocultava o rosto nos cabelos da filha que levava ao colo, evitando ver os mortos caídos nas bermas, chacinados pelos invasores. A criada, que caminhava a seu lado, com os outros filhos pela mão, lançou-lhe um olhar de relance, incapaz de conter as lágrimas. Luísa sabia que traía os compatriotas por ter recebido proteção dos franceses. Contudo, ao sentir o vestido da filha encharcado do sangue que lhe escorria da perna ferida, não hesitou e acelerou o passo, seguindo os soldados que a escoltavam.

Alguns dias depois, às oito da noite, o Palácio das Carrancas estava com a porta cocheira aberta, iluminada com tochas, para receber os convidados da recepção oferecida pelo Marechal Soult. O fogo na escutidão da noite iluminava o céu e projetava na calçada as sombras das almas dos mortos dos dias anteriores. A Orquestra de Câmara começou a tocar quando o Marechal entrou no salão, cumprimentando atenciosamente cada convidado, entre os quais estava Luísa. Ela escutava a música que amava, ecoando por entre os candelabros, no salão de lambris de carvalho e soalhos atapetados do Palácio. Sentia um misto de revolta e prazer que a fazia apertar o lenço de seda entre os dedos, contendo as palavras.

— A felicidade de alguns está sempre ligada à vitória sobre outros — segredou-lhe um aristocrata português, que fazia parte, como ela, do grupo de portugueses oportunisticamente convidados do Marechal Soult.

— Adivinhou os meus pensamentos. E a nossa liberdade está sempre presa à vitória de alguém — respondeu-lhe Luísa ao ouvido.

Tlim, tlim, tlim... ecoou a colher de prata, batendo num copo de cristal para chamar a atenção dos convidados para o discurso oficial do Marechal.

— Primeiro, quero agradecer a presença de todos e pedir um brinde em honra do exército francês, que veio trazer a grandeza do Império a Portugal — disse em voz alta, provocando os aplausos e o tilintar dos



copos. — Antes de finalizar, levantemos também um brinde a uma convidada muito especial que temos o privilégio de ter entre nós, a Prima-Dona Luísa Todt que nos agraciará com a sua voz maravilhosa, cantando uma ária da ópera Orfeu.

Todos levantaram então um brinde a Luísa.

Em seguida, Luísa cantou, enchendo a sala de intensa emoção. O Marechal olhava-a, enlevado. A voz da cantora ressoava nele e interpelava-o, transportando-o para longe dali, rompendo os limites do tempo e do espaço, para um lugar sem História e sem conflitos.

*Io la Musica son, ch'a i dolci accenti so far tranquillo
ogni turbato core, ed or di nobil ira, ed or d'amore
posso infiammar le più gelate menti.*¹

Luísa sentiu o poder da música libertar-se e ganhar vida, como uma chama no olhar do Marechal.

Ficou maravilhada com a facilidade que ainda tinha em exercer o seu dom, após os anos de pausa. No entanto, ela sabia que o tempo de uma ária não era suficiente para alterar o coração do Marechal, inflamado de triunfos bélicos. Quando a sua voz se calasse, a opressão e a indignação permaneceriam, num lamento infindável pelos seus compatriotas caídos na Ponte das Barcas. Aquele dia, manchado de gritos, nunca o poderia esquecer. Pensou para si mesma, tenho de partir daqui, libertar-me da lisonja e dos favores destes carnífiges. Sentiu náusea e esvaiu-se em lágrimas enquanto cantava, acabando por fugir da sala, com todos os olhos postos nela.

Nota: Dias depois, Luísa partiu com a sua família para Lisboa, onde viveu o resto dos seus dias, passando por grandes dificuldades económicas.

¹ Tradução: Eu sou a música, que com doces frases/ sei acalmar cada coração inquieto/ e por nobre cólera, e por amor/ posso acender as mentes mais gélidas. (Orfeu de Monteverdi)

A VOZ DE DEUS

CARLOS
ALELUIA

Não dei ouvidos. Não dei ouvidos à minha irmã mais velha quando me aconselhou a não ir para o seminário. Quando me prometeu que cuidaria de mim o resto da vida, conhecendo-me de ginjeira e sabendo que eu jamais aceitaria casar e assentar com uma mulher que nunca poderia amar — por razões óbvias. Homens como eu sempre viveram num universo paralelo aos demais, quer fosse infiltrados na sociedade atrás de uma máscara por debaixo da qual só nós nos identificamos uns aos outros, quer fosse a viver totalmente à parte da mesma, sob o ácido escrutínio de olhares alheios. Já os meus pais, consciente ou inconscientemente cegos ao futuro que me aguardava, sempre me incentivaram a seguir pelo caminho da Igreja. Afinal de contas, dá sempre prestígio à família que pelo menos um pobre coitado por geração seja padre.

Não dei ouvidos aos meus companheiros no mosteiro em Lagos, quando me advertiram contra partir para o Novo Mundo. Avisaram-me de que não me iria adaptar à vida no meio do nada, onde não teria os mesmos privilégios, liberdades e devoções a que tínhamos direito em Portugal. Sempre me disseram que aqui, se a palavra do Rei é ordem, a palavra de Deus é lei. A verdade é que, passados os meus anos de aprendizagem, já me começava a faltar dos mesmos corredores, das mesmas ruas, das mesmas pessoas. A minha mente rogava pela emancipação a que o meu corpo, manietado, apenas raramente tinha direito. E o bispo era tão passional ao detalhar a sua visão de espalhar a palavra de Cristo aos quatro cantos do mundo que não fui capaz de recusar embarcar no danado navio, em direção ao desconhecido.

Não dei ouvidos à tripulação da nau de São Francisco quando me tentaram dissuadir de seguir o bispo e a sua excursão para o interior da Amazônia — quando ele recrutou, à força, um bando de indi-



genas, com o intuito de o guiarem ao coração da população nativa. Chamaram-me a atenção para as mutilações anormais de que todos sofriam nas orelhas. Disseram que, se eram todos surdos, teria de haver uma razão macabra. Mas eu, talvez persuadido pelos seus peitorais vigorosos e mulatos, ou talvez movido pela minha curiosidade desapropriada, não pensei duas vezes.

Não dei ouvidos aos mercenários da expedição quando rasgaram os seus contratos e abandonaram a missão, após a epidemia de febres altas e alucinações que assolaram os seus militantes, levando mais de uma dezena a perecer afogados no rio. Nem quando o bispo sucumbiu à mesma doença, tendo-se levantado do leito fatal e entrado na água como quem via finalmente a sua candidatura ser aceite no Reino de Deus. Nem mesmo quando também eu comecei a sofrer da mesma hipertermia, sob o olhar imutável dos nativos, imunes à enfermidade que se espalhava pelo meu corpo.

E ainda bem que não lhes dei ouvidos. Porque agora, finalmente, O oiço. Escuto a Sua voz, mais deslumbrante do que a imensidão do oceano e mais inspiradora do que o brilho dos céus. Qual chamamento de sereia, pede-me para eu entrar no rio. E eu, sem questionar, entrego-me à água.

A CASA DE BONECAS DE MILLY

LEONOR
HUNGRIA

Estava a ser uma tarde de cruel desapontamento para Rosa, de sete anos. O sol brilhava, as flores desabrochavam, os pássaros chilreavam... mas ela não sentia alegria. Só tédio. E ressentimento.

Os pais deviam tê-la levado a casa de Milly Clarendon, mas a empregada da família tinha vindo dizer que a menina estava doente e entregou uma nota à mãe de Rosa. Nela, lia-se que Milly não conseguia ocupar-se de mais que permanecer na cama e comer canja de galinha.

Rosa gostava de brincar com Milly — a gentil e adorável Milly, com cachos de cabelo dourado e olhos azuis. Milly tinha maravilhosas bonecas de porcelana e uma casa de bonecas que fazia os olhos de Rosa brilhar de contentamento. A casa era tão alta quanto as raparigas e tão comprida quanto os seus braços abertos. Rosa adorava brincar com ela: agarrava-a e abanava-a até todos os minúsculos pratos e copos caírem ao chão. Chamava a esta brincadeira «terramoto».

Rosa inventava muitas brincadeiras que envolviam a casa de bonecas: «inundação», «casa assombrada» e «incêndio» eram só algumas das suas favoritas. Milly não gostava dessas brincadeiras, mas nada fazia para as impedir.

O «incêndio», contudo, não correu bem. Parte do telhado da casa de bonecas ficou chamuscado e um dos cachos de cabelo de Milly pegou fogo, queimando-lhe o couro cabeludo. Ela guinchou e correu em círculos enquanto Rosa ria loucamente.

Todo aquele chinfrim assustou Miss McDougall, a velha ama, que correu para o quarto de brincar e abriu a porta com um estrondo. Rosa calou-se e olhou para a ama com ar presunçoso. A Sra. McDougall empalideceu e segurou Milly, obrigando-a a estar quieta, apagando depois as chamas do seu cabelo. A comoção, no entanto, foi demais para a



pobre senhora, que acabou por ter uma apoplexia. Dizia-se que a Sra. Pruitt, a governanta, cuidava agora da Sra. McDougall, ainda incapaz de falar.

Rosa sorriu ao recordar o incidente. *Que pena só termos brincado ao incêndio uma vez. Mas pensou... Isso foi na semana passada. E a Milly parecia bem ontem na escola. Só estava mais calada do que o normal. Será que...?* Rosa sentiu a raiva crescer. *Será que a Milly e a mãe dela estão a mentir?* Bem, Rosa não se ia deixar ficar. Iria a casa de Milly. Sozinha, se fosse preciso. A menina foi ter com a mãe e disse-lhe que tinha de fazer uma visita à sua amiga, que estava doente. Não iria descansar enquanto não estivesse com a sua querida Milly e se assegurasse de que ela estava no bom caminho para a recuperação. Depois de algumas lágrimas e súplicas, a mãe acedeu.

Rosa olhou, triunfante, para a sua imagem no espelho, enquanto a ama lhe penteava o cabelo negro e luzidio. A mãe nunca dizia que não ao seu anjinho.

Sarah, a criada, ficou horrorizada ao olhar para a figurinha magra de Rosa quando abriu a porta. Com relutância, deixou que ela e a mãe entrassem, pedindo desculpas antes de ir em busca da Sra. Clarendon.

Pouco depois, ela surgiu, corada e apertando as mãos. Sorriu timidamente para a mãe de Rosa e dirigiu-lhe um cumprimento breve. Esta dirigiu-se à elegante senhora Clarendon, elogiando a sua própria filha, dizendo que Rosa não conseguiria descansar sem primeiro ver a sua pequena amiga. A Sra. Clarendon arregalou os olhos. Começou por dizer que era de todo impossível, que Milly estava demasiado combalida.

— Mas eu não me vou demorar nada. Só quero ver se ela está bem — disse Rosa, com uma voz suave e inocente.

A Sra. Clarendon rendeu-se.

Rosa, para sua surpresa, foi conduzida ao quarto dos brinquedos, em vez de ao quarto de dormir. A criada cedeu-lhe a passagem e fechou a porta. *Então estás aqui,* pensou Rosa. *Mentirosa.*

Milly estava no centro da divisão, imóvel, como se estivesse pregada ao chão. Parecia ignorar a pre-

sença de Rosa atrás de si. Falou então de forma antinatural, com uma voz fria e áspera, uma voz que não parecia ser a dela.

— Aí estás tu, Rosa. Vieste brincar comigo, Rosa? Vieste brincar ao incêndio? — A respiração de Milly era pesada. Rosa estremeceu. As pernas tremiam tanto que mal se tinha em pé. Milly voltou-se, devagar.

O rosto dela desfazia-se, o branco dos ossos a entrever-se por baixo da carne que se rasgava. A testa exibia duas protuberâncias, como chifres. E os olhos — ó Céus, os olhos! Estavam raiados de sangue, o azul da íris reduzido a uma linha fina, circundando os poços negros e sem fundo das suas pupilas dilatadas.

Rosa sentiu o quarto rodopiar, as sombras adensaram-se e tudo caiu na escuridão.

Quando Rosa voltou a si, não sabia se se tinham passado minutos ou horas. Estava deitada numa cama bonita e elegante que não conhecia, mas, ao tentar sentar-se, descobriu que não era capaz de se mexer. Nem um dedo. Era como se o seu corpo estivesse preso num estojo muito apertado. Olhando pelo canto do olho esquerdo, só conseguia ver um papel de parede vagamente familiar. Ao olhar pelo canto do olho direito, porém, teve uma nova razão para espanto: não havia parede. E, de repente, percebeu. Estava *dentro* da casa de bonecas.

Nesse instante, uma mão gigantesca pegou em Rosa. Era Milly. Parecia de novo ela própria, sem chifres ou pele dilacerada. Era como se nada tivesse acontecido. Milly fez um sorriso rasgado, os seus olhos brilhando com perversidade.

«Até que enfim, dorminhoca.» Milly caminhou até um espelho e ergueu Rosa, para que ela se conseguisse ver. No reflexo, Rosa viu então que Milly segurava uma boneca de porcelana vulgar, com cabelo negro e luzidio e roupa semelhante à que trouxera vestida. Ao vê-lo, gritou, mas nenhum som se fez ouvir.

— Apetece-me brincar — disse Milly, com um sorriso. — Queres brincar, Rosa? Inventei uma brincadeira nova. Oh! Acho que vais adorá-la. Chama-se «desmembramento».

A RUÍNA

MARTA
NAZARÉ

O medo é um destruidor de esperanças, um ladrão de sonhos. Nos primeiros treze anos de uma vida incolor, o medo, o meu carcereiro, detinha a chave da masmorra onde me encerrava todos os dias. Os sons e os cheiros, os gatilhos do pânico, reuniam-se em conluio com ele quando essa hora se aproximava. O clique da chave na porta ao entardecer. A voz alta e entaramelada do meu pai com um odor acre a álcool. O estalido da bofetada que atirava a minha mãe ao chão quando tentava impedir que ele me voltasse a trancar no escuro. O medo, personificado no meu pai, controlava a minha existência de mármore.

Prisioneira num silêncio impotente, as minhas lágrimas de pedra caíam. A humidade manchava as paredes dos sonhos onde o frio do medo se infiltrava. A hera do desânimo crescia e adensava-se em torno da porta que o calor e a luz não alcançavam. Fissurados pelo avançar do tempo, os pilares do futuro tombavam, um a um, no vazio, e os alicerces da esperança lascavam e enfraqueciam. O meu mundo e eu não éramos mais do que esta ruína abandonada.

Relembro agora o dia da derrocada, o dia em que renasci molhada entre as pernas, manchada por uma revolta vermelha. Percebi naquele instante que, nos escombros de uma vida apagada, a menarca desencadeara em mim um poder sobre-humano. Desta vez, quando o meu pai me quis arrastar para o cárcere, os papéis tinham-se invertido. A força e a raiva dele tinham sido transferidas para as minhas mãos. Quando ameaçou avançar sobre mim, projetei-o para o fosso escuro onde ele me largava e me esquecia, o buraco dos dias que não tinham fim. Nessa mudança repentina, enverguei a máscara de representante do medo, a detentora da chave da porta onde o mundo ruía, o frio se infiltrava e a hera venenosa crescia.



Estou mais uma vez aqui parada, diante do teu túmulo, pai. Diante da porta que nunca se abre e que vê passar os dias de desesperança e as horas de desassossego, numa decomposição triste e esquecida.

ESTUDO EM CARMESIM

MIGUEL
GONÇALVES

O cavalete balançava no chão irregular da encosta onde tinha sido colocado. Parecia que podia cair a qualquer momento, a cada pincelada. Vanessa não se importava. Estava demasiado perdida na cena que se desenrolava mais abaixo da colina verde, e que passava para a tela. Um grupo de pessoas juntava-se à volta de um buraco rectangular. Em seu redor, havia pedaços de alvenaria de pedra, uns maiores, outros mais pequenos, todos com nomes e datas gravadas.

Desde nova que pintava cenas como esta. A princípio, dizia ao pai que ia apenas ao parque, ou à biblioteca, ou a casa de algum amigo — como se tivesse algum — para poder entrar à socapa no cemitério e desenhar algum cortejo fúnebre a decorrer. À medida que foi crescendo, deixou de se esgueirar. Tornou-se dona do seu passatempo, inscrevendo-se em cursos de arte para melhorar a técnica, acabando por ganhar uma bolsa de estudo para uma das mais prestigiadas escolas de arte. Começou a frequentar assiduamente os cemitérios locais e até se familiarizou com os coveiros, que a informavam dos enterros e cerimónias. Começou a aperceber-se dos sítios «secretos» onde outros jovens se encontravam, longe dos olhares dos adultos, algo que não teria descoberto se não passasse tanto tempo nestes locais. Vanessa ignorava esses encontros. Precisava de se manter atenta.

Graças aos seus quadros, foi convidada a fazer parte de algumas exposições — principalmente de artistas amadores com inclinações para temas menos ortodoxos. Numa delas, um jovem que fotografava os seus gatos vestidos de personagens históricas perguntou-lhe por que razão pintava funerais. «Porque, num funeral, as pessoas estão no seu momento mais verdadeiro e mais falso. Há uma dualidade nelas. Ninguém fala mal de um morto, mesmo que o queira fazer.»

Ela acreditava nisso, mas era também uma meia-verdade.

Vanessa procurava algo mais em cada pintura sua. Tinha cinco anos quando pela primeira vez vira o vulto que tanto tentava capturar na tela. Estava sentada numa cadeira de plástico ao lado do pai enquanto o corpo da mãe recebia os últimos adeuses, antes de descer para o seu descanso final. Tinha apertado a mão ao pai para lhe chamar a atenção e perguntado quem era a senhora que ali estava à beira da mãe. Mas o pai afirmava não ver ninguém, tendo acabado por afastá-la do enterro entre gritos de «Mas está ali, papá! Está vestida de vermelho. Está ali!».

Para o pai, tinha sido o trauma que a levava a ver algo que não estava lá, e o tempo acabou por fazer com que tudo caísse no esquecimento. Para Vanessa, no entanto, aquela imagem ficara-lhe gravada na mente, e revelar-se-ia o foco da sua vida adulta.

Por vezes, julgava vislumbrar essa mesma figura que vira há tantos anos, embora, na maior parte das vezes, não passasse de um leve traço carmesim na tela. Quando era mais visível, não tinha sempre a mesma forma — umas vezes mais feminina; outras, decididamente, masculina, mas sempre vestida de vermelho, no meio de um mar de enlutados que trajavam de preto. Depois, dissolvía-se no éter, como se se apercebesse de que Vanessa olhava directamente para ela.

As pessoas comentavam, quando achavam que Vanessa não podia ouvir. Diziam que tinha um problema, que era obcecada e mórbida, que andar em cemitérios não era saudável. E tinham razão, ela era obcecada: com a figura e com a razão pela qual esta escolhera revelar-se a ela.

Assim, Vanessa continuava a desenhar e a pintar, tentando aproximar-se ainda mais. Esperava pela hora em que as famílias e os amigos regressavam a casa,



deixando os mortos para o seu repouso, restando apenas a figura. Nesse momento, Vanessa pousaria o pincel e iria até ao local da campa, onde a figura estaria à sua espera, com respostas. Até lá, manteria a vigília. E continuaria a pintar.

Tinha sido um dia atarefado e Vanessa já estava a pintar a sua terceira tela. Estas iriam encontrar o seu lugar encostadas às lápides das pessoas cujo enterro representavam. Vanessa não se interessava muito com o que lhes acontecia depois disso; pensava apenas que a figura vermelha ainda não se dera a conhecer.

Continuou a pintar a cena. O padre usava uma estola roxa com um significado que Vanessa não sabia nem queria saber. O que realmente importava era a ausência de vermelho.

Começou a arrumar as coisas quando a última pessoa, um dos homens responsáveis por encher a campa, se foi embora. Olhou para o relógio e decidiu que podia relaxar um pouco antes de ir para casa. Sentou-se e encostou-se a uma árvore próxima. Pegou no caderno de desenho e começou a rabiscar algo distraidamente, parando apenas para afiar o lápis com o x-acto.

Viu a gota vermelha atingir o desenho antes de sentir a lâmina no dedo. O vermelho deslizou pelo papel. Só então reparou que se tinha desenhado a si própria.

Olhou para o lado, onde o sangue formava uma linha, e viu uma figura sentada junto a si. Conhecia-lhe o rosto, mais por fotografias do que por memórias. Era o rosto da sua mãe. Vanessa, no entanto, sabia que não era ela. A figura estava apenas a usá-la.

A face sorriu, usando os lábios da mãe. E sussurrou apenas uma palavra:

«Brevemente.»

A pedido do Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Ó MALHÃO, MALHÃO

ANA
COSTA

No outro dia encontrei o Malhão. Não conheces o Malhão?! Aquele que passa a vida a comer, a beber e a passear na rua. Deves ser a única pessoa que não o conhece, ainda mais agora, depois daquilo...

Sabes o que se passou? Não sabes? Eu também não sabia, mas, agora, vou contar-te tudo, tal e qual como ele me contou.

Então, cá vai!

Andava o Malhão num bailarico, onde toda a gente dançava, principalmente as crianças, quando tudo aconteceu. Olha, até estava lá a Rosa a arredondar a saia e tudo. E a roda que ela tinha, olá se tinha. Pois, como estava a dizer, o Malhão andava por lá e, quando chegou a sua vez de subir ao palco, não tinha bombo para tocar. Ora, como toda a gente sabe, a música dele é "Ó Malhão, Malhão, PUM, PUM, PUM" e vai-se a ver, não havia PUM, PUM, PUM. Não podia ser, não era a mesma coisa, por isso, ninguém quis ouvir o Malhão e ele foi expulso da festa, porque não era daquilo que estavam à espera.

Aquilo foi uma humilhação muito grande para ele, onde já se viu? Tinha atuado milhares de vezes, era famoso desde o primeiro dia, reconhecido em qualquer lado e só porque o bombo desaparecera mandaram-no embora? Ele ainda insistira para que toda a gente batesse palmas a acompanhar e ficava o assunto resolvido, mas não, disseram mesmo que não. O Malhão estava furioso, no entanto, não lhe serviu de nada.

No dia seguinte, foi logo de manhãzinha à loja do Mestre André. Precisava de comprar um bombo, que na hora de tocar estivesse sempre consigo. Mal entrou, Mestre André deu-lhe um grande abraço. Já sabia o que acontecera. Pois é, as notícias correm depressa e aquela tinha asas, pelos vistos. Comprou um bombo de última geração, pintado de vermelho e branco. Deu até para instalar um sistema de GPS,



assim, saberia sempre onde andava e não corria o risco de o perder na hora de tocar.

Estava pronto para o espetáculo seguinte que, no entanto, foi cancelado, assim como todos os outros agendados. Nem podia acreditar no que estava a acontecer. A sua carreira parecia condenada a terminar. Deixou de receber convites e por onde passava só ouvia: "Agora é que passeias na rua, mas sem comer nem beber!", "Vai mas é atrás do bombo!" "Quem não olha pelo bombo, logo o perde!". Aquilo estava a levá-lo à loucura. Foi então que decidiu: uma vez que o seu país não o queria, iria emigrar. Fez as malas, agarrou no bombo e pôs-se a andar, na esperança de que os estrangeiros o quisessem ouvir. Quando chegou a Espanha, bateu a várias portas à procura de trabalho, mas ninguém queria saber de música portuguesa. Teve de aprender a tocar a "Macharena". Sempre que cantava em espanhol, sentia-se mal, por isso, passado algum tempo, viajou para França. Os franceses também não viam com bons olhos, que é como quem diz não ouviam com bons ouvidos, aquela música portuguesa e lá teve ele de cantar "Frère Jacques" e quase adormecia por não estar habituado a ritmos lentos. Andava cada vez mais triste e o bombo quase se atirava ao rio Sena por falta de uso.

Como não há duas sem três, o Malhão resolveu ir mais longe e foi para a China. Mas a língua era um grande problema, não havia maneira de falar chinês e não conseguia aprender nenhuma música. Quase a desistir, inventou e não é que acertou? "Ó, mailiang mailiang, de shenghuó shi yang? De chihé, de chihé, ó, té li mu di mu shidai zou zai". Os chineses adoraram aquela novidade, por ser um ritmo ao qual não estavam habituados. O Malhão andava feliz com a nova versão. Nunca pensara cantar a sua música em chinês, e ali estava ele de volta aos palcos. A língua podia ser outra, mas era e sempre seria o "Malhão". Nem podia andar na rua, que aparecia logo um chinês a tirar fotografias. Até o bombo começou a ser convidado para entrevistas, quando lhe descobriram a etiqueta "Made in China".

E o Malhão começou a sonhar. Havia muitos chineses que falavam inglês e como é a língua de comunicação internacional, arranjou logo a versão inglesa: "Oh mallion mallion, what life is yours? Eating and drinking, oh tririm-tim-tim, walking in the street."

E não precisou de mais nada. A sua carreira mundial e poliglota estava lançada. Não demorou muito para

«Como não há duas sem três, o Malhão resolveu ir mais longe e foi para a China. Mas a língua era um grande problema, não havia maneira de falar chinês e não conseguia aprender nenhuma música.»

que os franceses lhe suplicassem que cantasse "Oh malhion malhion, quelle est ta vie? Manger et boire, oh trrim-trim-trim, marcher dans la rue."

E como os espanhóis não quiseram ficar para trás, não havia sítio onde não se ouvisse "Oh malhon malhon, que vida es la tuya? Comer y beber, oh trim-tim-tim, caminar en la calle."

O Malhão era um sucesso mundial. Viajava muito para levar as diferentes versões da sua música, mas tanto tempo fora de Portugal deixou-o cheio de saudades. Sentia falta da sua língua. Já nem se lembrava da última vez que tinha ouvido falar o idioma de Camões, a não ser, claro, quando falava para si. Portanto, famoso e bem-sucedido, estava na hora de voltar. Os portugueses, orgulhosos, nem lhe pediram desculpa quando regressou, apenas disseram que tinha havido "falhas na comunicação" e trataram imediatamente de o contratar para uma tournée pelo país. Não lhe caiu bem aquela desculpa, logo ele, que era um entendido em línguas, mas estava feliz por voltar a cantar a sua versão original.

Foi num bailarico de verão que o encontrei, feliz da vida e a pensar pôr o pé na estrada, outra vez, com mais uma variante. Acredita que será um sucesso. Aonde irá ele?

Não contes a ninguém, mas ele segredou-me ao ouvido: "Alibabá, aba bali? Alamar i babar, ó trrim-tim-tim, almenar al dal".

AO TOQUE DO SINO

ALEXANDRA MARIA
DUARTE

Blém-blém, blém-blém...
Blém-blém, blém-blém...

Não, blém não soa nada bem...

Dlim-dlão! Dlim-dlão!

Dlim-dlão! Dlim-dlão!

Agora sim, em bom português, é assim que os sinos tocam.

Dlim-dlão! Dlim-dlão!

Este sino tagarela vive na torre, que fica na praça, que dá para a rua, que pertence à cidade, que faz parte de um país, que ninguém sabe onde fica. Que e que, ufa, ufa!

As casas por ali erguidas guardam a torre, que fica na praça. E a torre, agradecida, mantém-se imponente, prometendo que não troca esta praceta por nenhuma outra. É circular, a praceta, não a torre, e debruada a flores coloridas, que disputam a atenção de quem passa; e de quem se senta, pois praceta que se preze deve ter, pelo menos, um par de bancos de jardim. Bancos de jardim, sim. E não pode ter só bancos? Pode, mas, se por ali aflora um jardim, os bancos não podem ser só bancos, têm de ser bancos de jardim — para que quem se senta neles perceba o cheiro a terra molhada, quando as nuvens choram nos primeiros dias de Outono, ou quando espirram antes de chegar a Primavera.

A torre, pequena, mas majestosa, leva muito a sério o seu papel, até porque o sino rezingão faz questão de lembrar os habitantes de não se atrasarem para os compromissos e reclama quando eles já vão atrasados. *Dlim-dlão! Dlim-dlão!*

O sino palrador toca só para dar as horas. Ah, então ninguém avisou que esta torre também tem um relógio? Tem, sim, caso contrário como poderia anunciar as horas? A torre tem um relógio, para além do sino. Não se sabe qual instalaram primeiro, o sino ou o relógio. É, aliás, assunto de discussão, dia sim, dia não. A torre já teve de intervir, mais de uma vez, nas



zaragatas entre eles; não fosse ela, no seu papel conciliador, e decerto já teria havido ponteiros partidos, badalos afónicos e outras desgraças, certamente funestas para a torre; e para a praça, e para a rua, e para a cidade e para o país, que ninguém sabe onde fica. Este enorme relógio branco, com ponteiros negros e números bem delineados, dá ordens ao sino; ele não tem outro remédio senão obedecer. E como é que funciona? Estará alguém lá em baixo a puxar a corda à sineta de hora a hora? Talvez... ou talvez funcione com um mecanismo muito elaborado e... bem, não importa. O importante é que o sino apregoa as horas. Mas só as horas certas. Não confessa as meias horas nem denuncia os quartos de hora. Não, isso já dá muito trabalho. Esse também é assunto que não tem fim, ora se discute dia não, ora se discute dia sim.

Dlim-dlão! Uma. Dlim-dlão! Duas. Dlim-dlão! Três.

O problema é que a cidade só funciona na hora certa. O trabalho começa na hora certa, chega-se à escola na hora certa, as lojas abrem na hora certa, marcam-se encontros na hora certa. Mas então, e os minutos? Os quartos de hora? As meias horas?

Corajosos houve, que tentaram infiltrar-se nos quartos de hora. Pensaram que, saindo da escola ou do trabalho à hora certa, poderiam, por exemplo, ir passear e comer um gelado com os amigos, um quarto de hora mais tarde. O problema é que o sino não toca nos quartos de hora, e os habitantes da cidade não sabem às quantas andam. Tinham, portanto, de esperar até ouvir as badaladas da hora certa e, por essa hora, já os gelados tinham derretido.

Houve outros, também eles corajosos, e um pouco mais inspirados, que tentaram contar o tempo entre a hora certa, o quarto de hora e a meia hora. Decidiram sentar-se num banco e olhar fixamente para o relógio. Correção, sentaram-se num banco de jardim. Há que dar atenção a estas particularidades, e um banco de jardim merece tanta atenção como qualquer outra particularidade.

Olharam, então, para o relógio e começaram a contar. Qual foi o resultado? Três pontos a saber:

...?

Não, não são esses três pontos. São estes:

Ponto um — as contas não batiam certo, porque alguns contavam mais depressa que outros.

Ponto dois — a meio da contagem, alguns deixavam-se dormir.

Ponto três — outros nem sequer sabiam contar.

Deu-se, assim, por encerrada a experiência. >>

«O sino palrador toca só para dar as horas. Ah, então ninguém avisou que esta torre também tem um relógio? Tem, sim, caso contrário como poderia anunciar as horas? A torre tem um relógio, para além do sino. Não se sabe qual instalaram primeiro, o sino ou o relógio. É, aliás, assunto de discussão, dia sim, dia não. A torre já teve de intervir, mais de uma vez, nas zaragatas entre eles; não fosse ela, no seu papel conciliador, e decerto já teria havido ponteiros partidos, badalos afónicos e outras desgraças, certamente funestas para a torre; e para a praça, e para a rua, e para a cidade e para o país, que ninguém sabe onde fica.»

E fora da hora certa, os habitantes continuavam des-norteados.

A torre lembrou-se, então, de contactar outra torre sua conhecida que, tal como ela, era pequena, mas imponente. Vivia numa praça que era quadrada, que cortava uma avenida, que pertencia à cidade, que fazia parte de um país, que todos sabiam onde ficava. E que, pelos vistos, também abusava do «que».

Esta torre sugeriu que arranjassem mais relógios. Se tinham um na hora certa, porque não ter outro para os quartos de hora e outro para as meias horas?

A torre do país que ninguém sabe onde fica agradeceu e foi logo falar com os habitantes. De bom grado aceitaram a ideia e dirigiram-se à relojoaria da cidade. Estava fechada, pois ainda não era a hora certa. Assim que o relojoeiro abriu portas, expuseram a questão. O homem não se fez rogado e, em boa hora, construiu dois belos relógios brancos, um com ponteiros dourados, para as meias horas, e outro com ponteiros prateados, para os quartos de hora.

Num dia acertado, e à hora certa, a torre recebeu-os, orgulhosa.

O sino fora, desde o início, contra a ideia. Já era cansativo tocar uma vez por hora, quanto mais quatro. Mas, não querendo dar parte fraca, dedicou-se ao trabalho com afinco. Badalada após badalada, rezingava a hora certa, suspirava os quartos de hora,

**«As lojas, que obedeciam
a um horário rigoroso,
abriam portas um quarto
de hora antes do habitual.
Até as flores no jardim
da praça se esqueciam
de florir à hora certa,
deixando o despertar para
meia hora depois.»**

desembuchava as meias horas. Os habitantes andavam num corrúpio. Não estavam habituados a ouvir o sino tocar de quinze em quinze minutos. Deixaram de chegar ao trabalho à hora certa; às vezes chegavam ao quarto de hora. Nos encontros ou reuniões, marcados para os quartos de hora, apareciam às meias horas. As lojas, que obedeciam a um horário rigoroso, abriam portas um quarto de hora antes do habitual. Até as flores no jardim da praça se esqueciam de florir à hora certa, deixando o despertar para meia hora depois.

Mas o mais grave foi o que aconteceu ao sino — de tanto badalar, ficou afónico.

Estranhando o silêncio, os habitantes dirigiram-se à praça. Iam aparecendo, uns ficavam em pé, outros sentavam-se nos bancos do jardim, todos com os olhos postos na torre. Chegada a noite, o sino continuava calado. Nada podendo fazer, foram todos dormir.

No dia seguinte, não soando as badaladas, alguns atrasaram-se para os seus compromissos e outros nem chegaram a acordar. O silêncio abraçou os dias que se seguiram. Foi um desnorteio ainda maior do que aquele que já conheciam.

Após merecido descanso, o sino recuperou a voz. Não seria, contudo, aconselhável voltar ao ritmo desenfreado que o tinha deixado doente. A torre, na sua sabedoria, sugeriu que ele comesse aos poucos; podia tocar apenas à hora certa, como nos velhos tempos. Pelo menos, até recuperar totalmente. E assim foi.

Dlim-dlão! Uma. Dlim-dlão! Duas. Dlim-dlão! Três.

Aos poucos, os habitantes deixaram-se embalar, de novo, pelo toque da hora certa. E pouca falta sentiram dos quartos de hora e das meias horas.

Então, e os relógios dos ponteiros dourados e prateados? Abandonaram o país que ninguém sabe onde fica e procuraram outros lugares, onde pudessem fazer-se ouvir? Não; continuaram felizes na torre, a fazer companhia ao relógio dos ponteiros negros. E do seu poiso alto admiram o jardim, que está na praceta, que dá para a rua, que pertence à cidade, que faz parte de um país, que ninguém sabe onde fica.

E, segundo consta, tornaram-se fãs do «que».

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O RAPAZ DAS NOTAS MUSICAIS

ISA
SILVA

João abria os olhos e nunca gostava do que via. Dentro do quarto distraía-se com o que podia e não com o que queria. Havia ainda tanto para entender. Tinha apenas quatro anos, mas já era muito alto, como gostava de referir sempre que o chamavam de pequenote.

Naquela noite, os pais estavam agitados e não sabia porquê. Falavam ser necessário decidir o seu futuro. Não percebia o que isso queria dizer e agarrou-se ao seu peluche favorito: o leão. Conversou com ele, desabafando que não gostava quando a mãe e o pai ficavam assim, misteriosos. Precisava de um motivo para o seu pensamento voar sempre que não gostava de algo. Aproximou-se da janela e, colocando a cabeça sobre o leão, acabou por se deixar dormir.

Devagar, a mãe abriu a porta e encontrou-o naquela posição. Não era a primeira vez. Muito gostava ele de ir para ali. Respirou fundo e, pegando-o ao colo, deitou-o, sem se esquecer de aconchegar o leão e dar-lhe um beijo terno. Sentia-se culpada, porque tinha consciência de que tinham elevado a voz um pouquinho demais. Mas a preocupação era grande, estavam a decidir o futuro do filho, o apoio que necessitava e as despesas que isso implicaria. João adorava música, mas não sabia porque soava assim, de onde vinham os sons. Queria ver para além de sentir. Mexia no piano, brincava com as cordas da viola, tocava no tambor e continuava sem saber de onde nasciam os sons. Possivelmente vinham de alguma terra escondida, porque, por mais que procurasse, não encontrava nada. Absolutamente nada! Um dia, quando estava quase, quase a fechar os olhos, reparou numa figura a espreitar por detrás da almofada. Deu um pulo e quase caiu no chão. A figura assustada escondeu-se de novo para, segundos depois, tornar a espreitar, acompanhada por mais uma, duas, três, quatro, cinco e seis amigas. >>



Fotografia de Isa Silva

Desta vez não se assustou. Estava deveras curioso e tentou tocar-lhes. E foi então que todas elas lhe rodearam a mão e a música começou a sair. Fizeram-lhe cócegas no nariz e festas nas bochechas rechonchudas e João gargalhava com os seus movimentos. Pareciam rir e fazer-lhe umas caretas para provocarem mais risos. Estava encantado!

A melodia parou e elas desapareceram.

O pai entrou para o aconchegar e dar-lhe um beijo de boas noites. João fechou os olhos e mal conseguiu dormir, tal não era a sua excitação para continuar a brincar com aquelas figuras tão giras e divertidas. Mas agora não podia colocar música. Amanhã mal acordasse, tentaria de novo.

«A Dó era a mais rabugenta e mandona; a Ré andava sempre a mil à hora; a Mi era a mais fofinha, sempre a dar abraços e beijinhos; a Fá cantava muito alto e era a vaidosa do grupo; a Sol era tão quentinha e dava muita luz (se calhar era por ter o mesmo nome da estrela); a Lá de vez em quando desaparecia e andava sempre de um lado para o outro, nunca estava quieta; e, por fim, a calminha Si, que era muito sonolenta e só queria estar sossegada.»

E assim foi. Enquanto se vestia com a ajuda da mãe ouvia música e soltava gargalhadas o que a espantou.

— Oh, não te estou a fazer cócegas. Porque te ris?

— São as minhas amigas.

A mãe olhou em volta e espreitou pela janela e nada viu. Possivelmente estava a chegar ao tempo dos amigos invisíveis. Olhou para os peluches espalhados sobre a cama. E num sorriso disse:

— Sim, sim, estou a ver. São horas de ires para a escola.

Os dias passavam e João continuava a ver aquelas criaturas, até que certa vez, na nova escola, percebeu que eram notas musicais. Aprendeu que cada uma tinha um som e um nome e todas juntas criavam melodias. Era uma espécie de alfabeto, mas bem mais interessante do que aquele que aprendia para ler.

A Dó era a mais rabugenta e mandona; a Ré andava sempre a mil à hora; a Mi era a mais fofinha, sempre a dar abraços e beijinhos; a Fá cantava muito alto e era a vaidosa do grupo; a Sol era tão quentinha e dava muita luz (se calhar era por ter o mesmo nome da estrela); a Lá de vez em quando desaparecia e andava sempre de um lado para o outro, nunca estava quieta; e, por fim, a calminha Si, que era muito sonolenta e só queria estar sossegada. E ainda havia uma outra que só aparecia raramente, quando estava tudo numa desordem: a Clave de Sol. Era com todas estas doidas e amorosas figuras que o João vivia e... ninguém as via. Só conseguiam ouvir.

Por mais que contasse o que conseguia ver, nem uma pessoa acreditava e todos diziam que aquilo não existia. Elas estavam ali a sorrir para si, como poderiam afirmar que não existiam?! João começou a sentir-se especial. Não entendia porque mais ninguém as via, mas era da maneira que seriam só suas! Elas, as notas é claro, estavam a fazer-lhe muito bem. Permaneciam junto dele para o ajudar a aprender na escola, a comportar-se melhor à mesa para não espalhar a comida e a saber dobrar e guardar a roupa, enfim, a fazer tantas e tantas outras coisas. Estavam sempre lá. Até mesmo quando andava na rua, elas seguiam-no, olhando para tudo e pulando na sua cabeça e ombro. Havia uma, a nota Si, que gostava de se aconchegar no bolso do casaco. Até ressonava.

A paixão pela música aumentava e cada vez mais as notas musicais, suas amigas, tinham um papel funda-

mental no seu dia a dia. Sempre presentes. ajudando-o, brincado com ele, distraíndo-o das dificuldades e avisando-o do perigo.

Aos oito anos, o João fez um pedido especial aos pais para o seu aniversário. Queria um teclado para aprender música. Os pais trocaram olhares um pouco preocupados, questionando-se de como conseguiria. Na verdade, quando o recebeu chorou de alegria e começou logo a testá-lo. Devagar e procurando a melhor maneira de o usar, tentava — é esta a melhor palavra para descrever o barulho, tentava — tocar algo. Mas ele não desistia e fazia o esforço de melhorar. As notas musicais resmungavam com ele e diziam que aquilo não era música, que tinha de parar, mas João não parava. A Dó só tinha dó de tudo, a Ré fugia a alta velocidade, a Sol escondia-se a tremer de medo e a Si andava alarmada de um lado para o outro, cheia de sono, porque não conseguia descansar. Ninguém aguentava aquela chinfrineira. Até os pais ficavam desesperados com as suas "músicas" e, em algumas ocasiões, protegiam os ouvidos com tampões.

Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si fizeram algo radical para perceber o que se passava: desapareceram. João chamava por elas e nada. Ficou tão preocupado que mal comia. Cheio de saudades das suas amigas, prometeu que iria aprender a tocar correctamente. Vendo a dedicação e paixão do filho, arranjaram um professor singular e o João aprendeu, aprendeu mais, aprendeu muito e um dia, surpreendeu todos com a sua mestria e capacidade musical. Até as suas amigas notas cantavam e dançavam embaladas no seu ombro.

Percebeu que era esse o seu destino.

E os anos passaram e foi crescendo e nunca largou a música. Cada vez que compunha e tocava, voava e era livre, sentia uma felicidade indescritível. Consequia fazer tudo e não pensava nos assuntos menos bons.

Quando fez quinze anos recebeu uma outra prenda que tornaria os seus dias mais intensos: um cão. Também ele era especial. Ficou encantado ao perceber o quanto o iria ajudar, contudo, continuava indeciso sobre que nome lhe dar.

Chamou-o Pimpão. E os pais concordaram porque aquele cão era todo janota e festivo, mas ao mesmo tempo mostrava também grande responsabilidade. Nunca fazia asneiras e prestava atenção a tudo.

O Pimpão era muito esperto, acompanhava-o para

**«As notas musicais
resmungavam com ele
e diziam que aquilo
não era música, que
tinha de parar, mas
João não parava.»**

todo o lado e, acima de tudo, avisava-o do perigo. João adorava o seu novo amigo e falava-lhe das notas musicais e Pimpão parecia compreender tudo. Por vezes até ladrava como resposta. Será que ele também as via?

O tempo passou e João tornou-se um grande músico e compositor e, sempre que tocava ao vivo, lá ia o Pimpão com ele. Sentava-se exactamente ao seu lado, atento e sossegado. Acabava muitas vezes por ser o centro das atenções no meio de uma enorme orquestra. Nem se assustava quando o bombo ou os pratos soavam. Solene e altivo, Pimpão fazia parte de tudo aquilo e tornou-se uma estrela, juntamente com João. Os colegas músicos ouviam falar dele e quando o conheciam, ficavam encantados. Pimpão estava sempre a seu lado, muito tranquilo e a cumprir o seu papel. Tornou João famoso e inspirou tantas outras pessoas. Os seus pais, sempre que podiam, acompanhavam-no e orgulhosos sabiam que tinham tomado as decisões certas no passado. Ter assim um filho especial não era fácil.

João, apesar de ser cego, nunca parou de sonhar. A cegueira não o impediu de fazer o que mais gostava e de viver em pleno.

Foi com ela que desenvolveu os outros sentidos e aumentou a dedicação à música. Podia não ver o mundo, mas via as suas queridas notas musicais que nunca o largavam.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O JANTAR DA RAPOSA E DA CEGONHA

TERESA
DANGERFIELD

Se acham que conhecem esta história, estão completamente enganados.

Saibam que, por estar exausta de ser rotulada como vilã, tomei a decisão de demonstrar o contrário. Um dia, estava num desses livros que contam a tal história da raposa e da cegonha — não acredito que não a conheçam —, quando uma criança lhe pegou. Deixou-o aberto em cima de uma mesa onde havia outro livro que tinha uma fada na capa. Isso deu-me uma ideia.

— Quem me dera sair daqui para fora, nem que fosse para provar que não sou assim tão má! — resmunguei, sem ter a certeza de que a fada iria ligar ao que eu dizia.

— Raposa, raposinha. Posso conceder-te um desejo. Ou dois. Vamos lá, no máximo... logo se vê.

Nem podia acreditar no que os meus olhos viam: *Primavera*, saída diretamente das páginas da história da *Bela Adormecida*, estava ali, bem diante de mim. Mal consegui disfarçar o tremor da voz quando lhe disse: — Verdade? FaZeS isso por mim? Prometo que não te vou desapontar.

— Ora, ora! Não digas mais nada. Queres sair do livro, não é? Ficas a saber que o teu primeiro desejo irá realizar-se. Os seguintes, serão surpresa.

Não sei como é que ela fez, mas, numa fração de segundo, eu estava em cima da mesa. Saltei para vários lugares, feliz por ter essa liberdade. Sabia muito bem quais eram os meus outros desejos. Então disse logo:

— *Primavera*, quero voltar à minha casa da floresta e fazer um jantar muito especial para a cegonha.

— Muito bem, os teus desejos serão concedidos. Mas, antes da meia-noite terás de ter tudo terminado, pois precisas de voltar ao livro onde estavas.

Não fiquei assim muito contente, uma vez que gostaria de sair daquela história para sempre, mas pronto, as fadas lá sabem.

Daí a pouco, encontrava-me na floresta. Era meio da tarde. Vi logo a minha casa, tal como no livro.

Estava tudo limpo e arrumado. Queria convidar a cegonha para jantar. Mas, daquela vez, tudo iria correr bem. Segundo as minhas contas, teria cerca de quatro horas para voltar. A despensa estava cheia. Que maravilha! Abri todos os armários.

Como pude esquecer que só tenho pratos rasos em casa? Bom, vou pôr uma sopa a fazer e, antes de convidar a cegonha, vou arranjar uns jarros especiais para que ela possa comer, pensei.

Daí a meia hora, já se sentia o cheirinho maravilhoso da sopa que fumegava ao lume. Saí e fui bater às portas das casas dos meus vizinhos. Riram no meu focinho, quando lhes disse que estava à procura de um 'prato' especial para a cegonha. O texugo Peludão, sempre zangado com a vida, até me perguntou, entre risadas trocistas:

— Estás com febre ou quê? Tens a certeza de que não foste obrigada a dizer isso?

Nem lhe respondi. O certo é que não tive sorte nenhuma. Ninguém me ajudou. Nisto, avistei a cegonha e, claro, não podia perder a oportunidade de convidá-la para jantar.

— Boa tarde, comadre cegonha. Gostaria muito de ter a sua companhia para jantar ainda hoje.

— Que gentileza, raposa. Já há muito tempo que não a via. Terei muito gosto. Precisa que eu leve alguma coisa?

Ainda fiquei a pensar se seria melhor aceitar, mas respondi:

— Não se incomode, não precisa de levar nada. Espero por si daqui por uma hora?

Quando disse isso, quase me arrependi: primeiro, por não pedir que ela trouxesse um prato dela; segundo, por não aceitar alguma comida. Não, isso não fazia sentido.

O tempo passava depressa e eu cheia de nervos. Até que tropecei num pequeno tronco de madeira oco. *Hum, podia fazer uma espécie de jarra, pensei.*



Mas, infelizmente, tinha um furo na base, então não servia. Mais adiante, encontrei um copo de plástico um pouco amolgado, dentro de um saco também de plástico. Fiquei triste por saber que deixavam lixo na floresta, mas até pensei que, naquela ocasião, o copo daria jeito. Mal lhe peguei, vi que tinha um corte num dos lados. Também não o poderia usar.

Resignada, voltei para casa, até porque se estava a aproximar a hora do jantar combinado com a cegonha. Além disso, eu teria de voltar ao livro. Ai! Ai! Resolvi dar mais uma volta aos armários e às gavetas. Encontrei uma palhinha de metal. Não me lembrava de a ter visto antes. Pensei na fada. Só poderia ter sido ela, claro. Fiquei feliz e pensei que essa seria a solução. A cegonha conseguiria comer, melhor, beber, pela palhinha, não me restavam dúvidas.

Faltava meia hora para a cegonha chegar. Pus a mesa. Até coloquei uma jarra de flores no meio e uma vela. Estava bonita! De repente, bateram à porta. Seria a cegonha a chegar mais cedo? Pelo menos estava tudo pronto.

— Boa tarde, comadre raposa. Já há muito tempo que não a via por aqui. Até tinha saudades suas. Lembra-se de irmos à pesca juntas?

— Que surpresa, comadre *Raposa Vermelha*! — Era assim que tratava a minha amiga raposa, por ser madrinha dos filhotes dela. — Também estou feliz por vê-la. Se me lembro das nossas pescarias!

— Hoje estive toda a tarde a pescar e apanhei bastante peixe. Quando soube que estava por cá, lembrei-me de lhe trazer algum.

— A sério? Retiro o que disse! Não é uma boa surpresa, é maravilhosa!

Dei um grande abraço à minha comadre. Um milagre daqueles era mais do que eu podia imaginar! Era muito mais do que um desejo. Sabia que a cegonha gostava de peixe e esse, podia comê-lo do prato! Lembrei-me de novo da fada e até posso jurar que vi umas estrelinhas no ar.

— Desculpe, comadre, estou com pressa, porque os meus filhotes estão à minha espera. Venha visitar-nos.

— Só estou de passagem — disse eu rapidamente. Não sei se ela ouviu, pois já ia a correr para o seu destino.

Fui colocar o peixe na mesa. Estava muito feliz! Era mesmo uma coisa de contos de fadas! Daí a pouco, chegou a cegonha. Que linda vinha e bem-disposta! Só posso dizer que adorou o jantar. Comeu peixe e até conseguiu “beber” a sopa, graças à ajuda da palhinha de metal. Conversámos e rimos. Ninguém ficou com fome. No final, convidou-me para jantar em casa dela. Disse-lhe que estava de passagem e combinámos que, quando eu voltasse (isto é, tinha esperança de que a fada me concedesse mais desejos), entraria em contacto com ela. O certo é que fiquei com curiosidade em saber como é que ela iria retribuir. Seria ela a má da fita desta vez? Até agora, não sei.

Bom, quem se lembra da história da Cinderela, por exemplo, sabe como é que as fadas concedem os desejos e as condições a obedecer. Portanto, mal consegui tempo para pedir que alguém reescrevesse a história da Raposa e da Cegonha como a contei, para que eu não fosse a vilã nessa narrativa. É que, mesmo antes da meia-noite, estava de volta à mesa onde tudo começara. O resto, podem imaginar.

POEMA CARREGANDO O MUNDO

MARGARIDA
VALE DE GATO



Fotografia de Dirk Skiba

Margarida Vale de Gato publicou os livros de poesia *Lançamento* (2016), *Atirar para o Torto* (2021), e *Mulher ao Mar* (um projecto em curso iniciado em 2010). Tradutora literária, dedicou-se a Michaux, Sarraute, Twain, Poe, Nabokov, Kerouac, Murdoch, Munro, Ferlinghetti, entre outros. Ensina nas áreas de Estudos Norte-Americanos e Tradução Literária na FLUL e é investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL).

Carregando o mundo

desde que o mundo é mar, gente pequena
na maioria mães, arregaça
de suas saias renda. De lá alça
o peixe que se enrola na morena
pele das pernas. De lá arrasta a alga
que por malhas e escamas se abraça
às faixas que no corpo a faina traça

O desenho e o desejo de tal cena:
a espuma na areia, febril cerveja
do oceano inquieto, mas sem pressa
avanzando, ainda que mal se veja

o fundo onde se adensa, cresce, aquece
e acumula inércia; e a rede franze
num triângulo agudo cor **de sangue**



QUE MORAL SONORA É ESSA?

ANA
RIBEIRO

Que moral sonora é essa que trapaceia as badanas mais incautas?

Que moral sonora é essa que clandestinamente figura as pautas?

Não vejo dó nem ré para tal chicana.

Quem como ela trapaceia, mente, mas ainda assim clama?

Que moral sonora é essa que paga o tributo da má fama?

Que moral sonora é essa que pode ser mesmo hipócrita e insana?

Não vejo por que me unir às suas lamúrias lautas.

Quem como ela, pois, poderá harmonizar o concílio **das flautas?**



Compasso febril de pele ardente,
cordas em tremor a vibrar na boca,
murmúrio de sereia, voz rouca,
tange o corpo em clave decadente.
Dedos solfejam na carne fremente,
arcos que entornam a nota louca,
estrofes de prazer, harmonia oca,
onde o pudor se rende ao inexistente.
Eis a moral que o gemido desafia,
timbre de lábios em ritos secretos,
requiem profano de anatomia.
No espelho do hálito, ecos discretos,
sinfonia do cio, bela, mas vazia,
onde o desejo escreve **duetos.**



POEMA SEM TÍTULO

ANTÓNIO
C. GUERREIRO

Construo pontes
sobre rios revoltos
em dias de tempestade
Em provação defronte
num fluxo convolto
em momentos de fatalidade

E carrego
no peso dos dias
uma sentida agonia
De me perder desalentado
na luta de permanecer
agarrar-me à vida, viver

Mas não me entrego
abandono, renuncio, deixo
fujo, desamparo, desleixo
O meu interno estado
o meu espaço dentro
o meu magoado pensamento

Construo pontes
sobre rios revoltos
em dias de tempestade
Em sentidos horizontes
entre passos envoltos
pela enfermidade

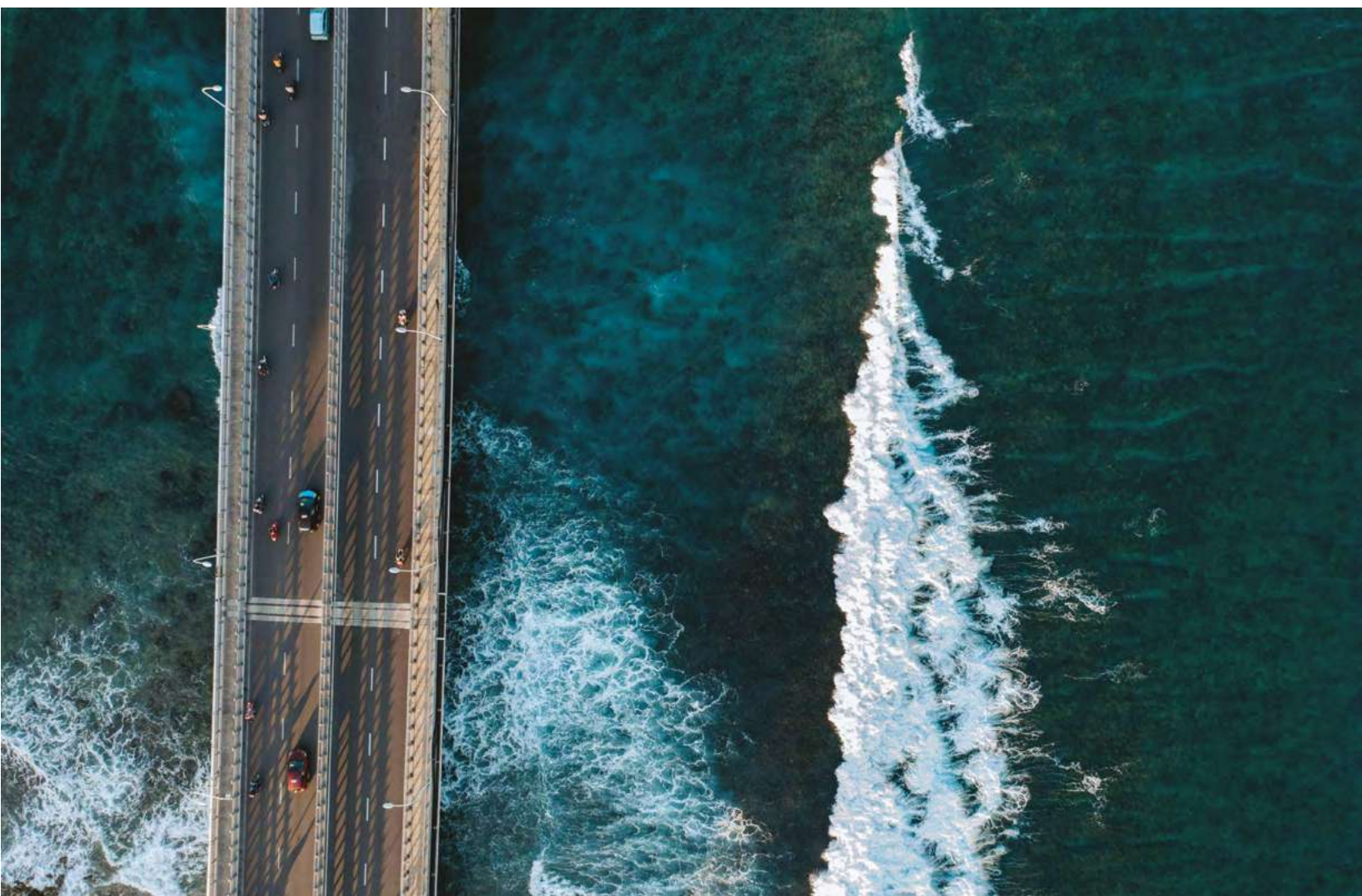
E enfrento
quero contrariar
a tendência de definhar
Extinguir-me pelo embate
na habitual ansiedade
na usual instabilidade

E atento
pelo que faço
em focado passo
No meu coração que bate
desejar entender
lograr obter

Construo pontes
sobre rios revoltos
em dias de tempestade
Em caminhos confrontes
em fragmentos resoltos
pela causalidade

E insisto
animo em mim
incorporo assim
A valência de alcançar
por vontade pensada
por claridade regada

E por fim
seja pelo querer
seja por ter de fazer
seja em que momento for
não mais acolho o temor
de construir pontes
sobre rios revoltos
em dias de **tempestade**



NÃO DESPERTES AINDA, MEU AMOR

CIDÁLIA
SANTOS

Não despertes ainda, meu amor,
deixa que as minhas mãos escurram a mirra do meu desejo
reprimido pelos anos amargos de solidão
que os meus lábios procurem os contornos da tua pele
adocicada pela canela e se deleitem no mel
que sopra pela tua boca
Que os meus dedos toquem a música
escondida nas frestas deste quarto
e que os meus olhos se banhem no fogo
do teu rosto
adormecido.



A MINHA CASA

DANIELA
ROXO

Na minha casa mora

a brincadeira.

Lindas e sofridas
moram também as cantigas
das gerações anteriores.

Na minha casa mora
a infância, a meninice,
a doce mocidade.
Mora a filha, a mãe
e a avó.

Na minha casa mora
o sonho e a história.
Mora o sonhador,
o vilão
e o herói.

Na minha casa moram
as infinitas reflexões,
os medos,
as ansiedades
e também a confiança.

Na minha casa mora
o sorriso terno
e a doce amargura.
Mora o seguro abraço
e as questões incertas.

Na minha casa
não falta espaço.
Curiosamente,
sente-se cheia
imensas vezes.

A minha casa é ninho para o berço,
para as origens, para as raízes.
Aqueles sobre as quais nos instalamos,
nos fixamos,
crescemos
e, finalmente, **seguimos.**



RESISTENTIA POETICA

O GRITO

FILIPPE
ARAÚJO

O grito ergue-se,
mudo, da garganta,
ensurdecendo
quem está em seu redor.
Não com o som,
com o atordoar
do verbo que não é falado,
do veredito resolutivo
que lhe sai
como um pulsar,
irreprimível,
que ninguém
é capaz de refrear!

No escoar das horas,
dos dias, dos anos,
o grito esgotou-se...
Quem o pressentiu
deixou de o sentir.
A resolução, no entanto,
nos confins da consciência,
teimosa,
ficou.



OS DEGRAUS DO VENTO

Luís
AGUIAR

1.

envergonhada
a nuvem destapou o véu –
lua cheia

2.

ao colher a rosa
os dedos
sangraram

3.

o profundo silêncio
só é perturbado
pelo canto da cigarra

4.

o cavalo
parece mais negro
sobre a neve

5.

o lodo
do velho tanque –
a minha infância



RESISTENTIA POETICA

VIBRAÇÕES

MARIA LEONILDA
PEREIRA

A verdade vibra, abraça e sonha
nos acordes da tua voz melodiosa
rio fluindo sem medo até ao mar
mergulha na vastidão.
Louco de ilusão
deixa-se seduzir, nas vagas surfar.

A vida é melodia constante
eco de valores permanente
na busca da humildade
urgente para a humanidade
faminta de amor e fraternidade.

A música voa aos quatro ventos
semeia paz, encanta, inebriante
luta contra a violência crescente
nas famílias, nos países em guerra
tantos inocentes mata e desterra.

Apregoa-se a moralidade, o bem
como terapia de paz e harmonia.
Diz-se o que ouvir, convém,
Magia convertida em dura devastação
que o Homem repele e mantém.



Desequilíbrio, desigualdade
vidas desfeitas pelas aparências,
injustiças contra a terna bondade
simpatia, união, generosidade
os valores da abençoada alegria.

Grito, escrevo, leio, quero, desespero
por uma sociedade, um mundo unido.
Que cada um faça a sua parte, espero,
para que vivamos em paz e união
valores de uma vida com **sentido.**

A INTEIREZA DA PARTITURA

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

Enfrento as teclas do computador com a posição de mãos no piano

Ouçõ o *Nocturne Op. 9 No. 2* de Chopin e deslizo no marfim imaginário...

O meu corpo move-se na melancolia gélida de uma noite de Inverno

Na sustentação do som, a dureza do marfim

Os dedos presos, a mente solta

A música a ressoar no mais profundo de mim.

A pauta, a pausa, o avanço, o tempo que não volta.

Breves notas de um poema adiado

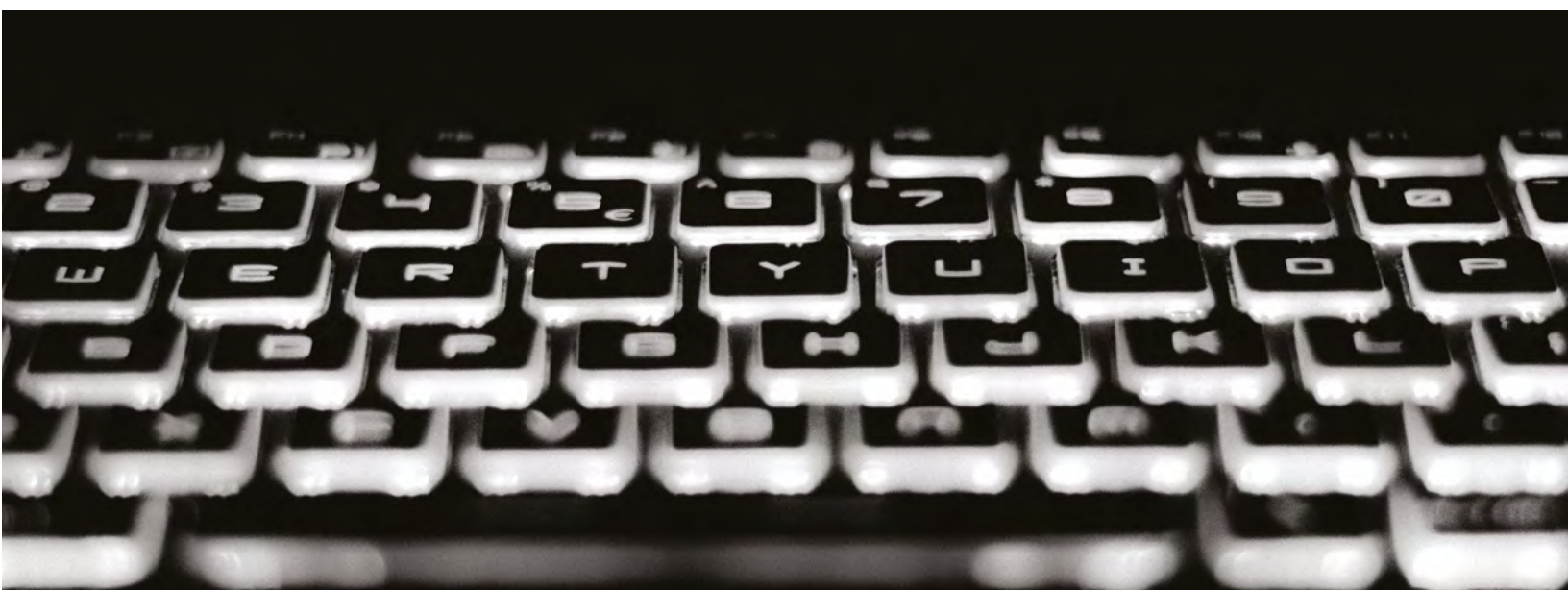
enrolado na memória sonora

e na silenciosa poética vocal da infância.

Sublimam-se as estrofes de um outro sentir

onde a criança interior desbrava caminhos

dessa eterna composição **indizível.**



Na moral sonora sem automatismo.

Irrompem nela forças conscientes;
Há sons tão genuínos e neles cismo!
Embelezam e rostos ficam radiantes.

Rios com os seus murmúrios sussurrantes.
Ficam no nosso ouvido de tão musicais.
Caminham e contornam pedras gigantes!
Nas suas margens ouve-se cantar rouxinóis.

São cantares que irrompem pela natureza.
Que nos proporcionam vistas mui sublimes.
Estes encantam e fazem esquecer a tristeza.
Têm sonoridades que só o coração exprime.

A moral esta repercute-se nos bons costumes.
Os sons despertam a ficar mais atentos à vida.
Que das contrariedades estejamos incólumes.
Na moral sonora existe uma experiência vivida.

Que esta nos traga liberdade, luz, flores e aromas.
Queria-me sentir por estes ótimos dons bafejada;
A Deus agradeço a capacidade de escrever poemas!
Ao meu amor digo "obrigada": sou amada e **desejada.**



Uma gota, uma lágrima,
orvalho subtil,
caiu da alma chorosa
no rosto de perfil.
Nasceu do sofrimento,
da memória... não cessa,
é da saudade um mar,
um eco de promessa.
Na face, um reflexo
do que evita falar,
caminhos de tristeza
entrechocam-se,
querem regressar.
A lágrima escorrega
e o coração grita,
um silêncio profundo
na noite habita.
Há calma na dor,
no amor ferido,
as lágrimas caem no colo partido.

Um instante
revela a verdade.

É remédio e veneno,
é força e fragilidade.
Entre os sonhos
e a realidade estranha,
canto a falta
e a esperança de cada lágrima ganha.
Uma lágrima-poema
com que a vida nos ensina.

Mesmo na tristeza,
há luz que **ilumina**.



AS MAMAS SÃO DE QUEM AS TEM

ANA
CANDEIAS

Maria estava no café, numa breve saída de casa, para espairecer um pouco. Percebeu que o bebê de quatro meses estaria com fome. Ajeitou-o ao colo e começou a amamentá-lo. Num repente, foi abordada por alguém que rosnou o que bem entendeu por vê-la a amamentar naquele espaço, com pessoas ao redor. Entre outros brindes, disse-lhe que era uma desenvergonhada. Assim veio, assim foi, Maria ouviu, calou, baixou os olhos e continuou a alimentar o seu bebê, com a diferença de que antes o fazia em enlevo, depois numa junção de receio, raiva e vergonha.

Foi isto que a Maria me confidenciou.

Afinal, o que está e/ou quem está errado nesta situação?

O que sente e pensa cada um de vós, perante este relato?

Amamentar em público é ato pecaminoso? Provocador? Despudorado?

Criticar quem amamenta em público é expressão de defesa do recato? Ou de *pudismo* hipócrita? Ou de clara idiotice?

Pessoalmente, sinto irritação. E penso que seria muito escusado haver situações destas: mulheres, mães, injuriadas, por mulheres ou homens, por estarem a amamentar em público, sendo o risco de isto acontecer proporcional à idade da criança.

O caso de Maria não é o único no nosso país. Há mais notícias do género, revelando situações mais comedidas, outras mais violentas, desde olhares recriminadores, comentários negativos, palavras grosseiras, até arremetidas físicas. Em suma, ameaças ao bem-estar das mães e dos bebés.

Ponto número um: as mamãs (femininas) servem para amamentar.

Ponto número dois: as crianças têm o direito a receber a melhor alimentação. E no seu início de vida, enquanto bebés, a melhor alimentação é com-

«Amamenta quem quer e consegue. Onde? Onde quer que seja. A fome de um bebé não escolhe lugares.»

provadamente o leite materno que, já se sabe, sai das mamãs das respetivas mães.

Ponto número três: amamentar é um ato normal e natural.

Amamenta quem quer e consegue. Onde? Onde quer que seja. A fome de um bebé não escolhe lugares. Deseja-se apenas que seja um local que proporcione à mãe e à criança a segurança, a higiene e o conforto que merecem.

A Organização Mundial da Saúde recomenda que as crianças sejam amamentadas de forma exclusiva (só leite materno, mais nenhum outro alimento) nos primeiros seis meses de vida e que nesta idade iniciem a introdução de alimentos complementares, mantendo-se a amamentação até pelo menos aos dois anos de idade. Esta é uma prática de saúde.

Há uma premissa para o sucesso do aleitamento materno exclusivo: amamentar quando o bebé solicita, o chamado "horário livre". Em casa. Num jardim. Num centro comercial. Num restaurante. Num café. Numa igreja. Numa qualquer repartição de prestação de serviço. Em paz e sossego.

Cada mãe aleitante é que decide se amamenta ou não em público. Cada uma é dona do seu corpo, das suas mamãs, do seu projeto de amamentação. Por

mim, estou com todas as mães que amamentam. Bem hajam! Sempre que vejo uma mãe a fazê-lo, é mais do que certo que olho e sorrio, mostrando o meu apoio.

No nosso Portugal, não há lei que proíba a amamentação em espaço público ou privado de uso coletivo. Parece também não termos nenhuma lei que diga claramente que é permitido amamentar em público. No Brasil, onde perceciono um grande esforço na promoção do aleitamento materno a par de muito preconceito na amamentação em público, existe legislação que explicita o direito de amamentar em qualquer ambiente, público ou privado.

Focando novamente o contexto português, o Decreto-Lei 70/2000 de 4 de maio, sobre maternidade e paternidade, refere no Capítulo II, alínea i) do artigo 8º, que no âmbito da proteção da saúde, é incumbência especial do Estado "desenvolver as medidas adequadas à promoção do aleitamento materno". Este é um bom princípio, que bem precisa de ser assimilado por todos nós, de pessoas a entidades públicas e privadas, sejam elas quais forem.

O facto é que amamentar é um ato normal e natural. Venha daí um megafone: AMAMENTAR É UM ATO NORMAL E NATURAL!

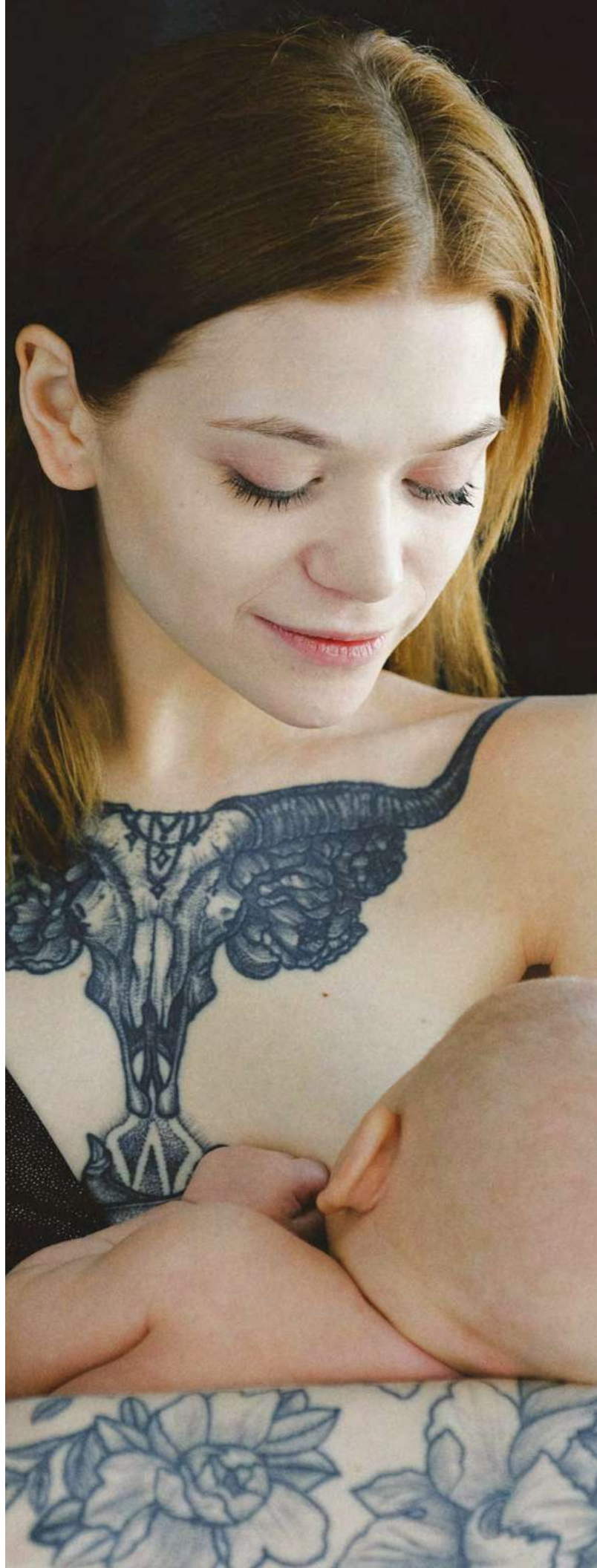
Se as mamas ficam bem quando em topless numa praia ou num desfile de Carnaval, se ficam bem quando aconchegadas num *top*, *crop top*, *tank top*, ou qualquer outro *top*, se ficam bem quando adornadas por um decote, recatado ou generoso, redondo, quadrado, em V, em coração, drapeado, grego, assimétrico ou cruzado e o mais que for... também ficam imensamente bem a amamentar uma criança. Entendo que é a sexualização exagerada da mama feminina, vigente nas cabeças de umas e de outros, que está na raiz da questão e de situações como a relatada pela Maria.

Não compliquemos nem boicotemos a prática do aleitamento materno. Mulheres que amamentam precisam de apoio da família, de amigos, de conhecidos e desconhecidos, dos profissionais de saúde, das comunidades, das entidades patronais e do Estado.

E simplesmente porque amamentar é, sem a menor dúvida, à luz da evidência científica, uma prática com impacto positivo na saúde das crianças (e não só).

É prática para promover, proteger e apoiar.

Não deveria ser necessário gritar algo tão básico, contudo, venha de lá outra vez o megafone: AMAMENTAR É UM ATO NORMAL E NATURAL!



ECOS DE UMA NOVA ÉTICA

LAURA
GONCALVES

Uma ideia assoma à mente, insidiosa. Ignorá-la parece a solução mais simples, mas a intrusão torna-se um incómodo constante. É como um murmúrio de frequência desconhecida, difícil de sintonizar, mas impossível de calar. O volume cresce, a impertinência transforma-se em necessidade, até que não resta alternativa senão agarrá-la e destrinchá-la. E é na escrita que se encontra a ferramenta para harmonizar este tumulto. Assim, diante da página em branco, apercebi-me de que o tema desta nova edição da revista *Palavrar* – moral sonora – ressoava em mim nessa amplitude: enigmática e persistente. A composição era inevitável, contudo faltava-me o pentagrama, a clave e o andamento. Senti a necessidade de revisitar o significado da palavra moral, pois frequentemente a semântica encerra acordes ignotos. A minha intuição valeu-me este texto. Encontrei a voz dos sons como reflexão acerca da moral do mundo. Mas, antes de partirmos nesse solfejar, relembro também ao leitor a sua definição, na tentativa de sintonizarmos mentes.

«moral

(mo·ral)

nome feminino

1. Conjunto dos princípios e valores de conduta do homem.
2. Bons costumes.
3. Conjunto de regras e princípios que regem determinado grupo.
4. [Filosofia] Tratado sobre o bem e o mal.
5. Suscetibilidade no sentir e no proceder.»

In dicionário Priberam online

Se é verdade que o impacto da música na experiência humana já me ocupara o pensamento, pouco tempo dediquei a escutar o som, num sentido mais lato

«A universalidade da moral sonora desapareceu e, no seu lugar, um código profundamente pessoal e subjetivo surgiu. Cada indivíduo encontra uma “moralidade” nas experiências sonoras que o tocam, seja numa canção de funk ou num canto gregoriano.»

(barulhos, conversas, monólogos e músicas) e a sua evocação moral. De que modo a moralidade do nosso tempo se insinua nessas vibrações? Ou, tal como Tavares defende em *Breves Notas sobre a Música*, de que forma elas conduzem o mundo moralmente?

Da minha janela, ouço o ruído incessante dos motores de automóveis, buzinas e sirenes. As máquinas escavadoras ferozes trabalham a terra e os aviões rasgam o céu. Aqui dentro, o som da guerra e os noticiários perpétuos catapultam da televisão. O vizinho grita: “golooo!”. Desbloqueio o telemóvel e sou inundada pelas músicas súbitas e repetitivas do *Tiktok*. Consumo uma dezena de sonoridades, menos de 30 segundos, no *Instagram*. Com estas ondas, componho uma melodia de compasso ace-



lerado, *presto*, *prestíssimo*. O ritmo do mundo pede-me inquietação, como se me tivesse esquecido de algo urgente. É a ética da repetição, do ruído social e da urgência do lucro. Nesta partitura, falta a doçura do chilreio e a voracidade da chuva e do vento. Falta o silêncio.

Abro o *Spotify*. O algoritmo bem afinado mostra-me *pop*, *R&B* e *indie*. No entanto, é a dissonância entre estes géneros e a música de outros tempos que apelava à prece, à contemplação e à quietude; é a dissonância entre compositores modernos e antigos, tecelões de pontes em direção ao divino, que me remete para as características da música de fundo atual: diversa, "jazziana", ritmada e mundana. Os metrónomos pré-industriais – regulares, constantes e lentos – foram substituídos por outros até sucumbirem à inutilidade. Não quero com isto reduzir a ética contemporânea ao "antigamente é que era bom". Seria rasgar as pautas passadas que me trouxeram aqui; seria esfregar o sangue das pedras da calçada derramado por aqueles que lutaram por

uma sociedade mais justa, plural e inclusiva e, acima de tudo, livre. Nem tão pouco desejo menosprezar o valor de todas as formas de expressão, pois renuncio à categorização cultural dicotómica "música digna" ou "música não digna", que serve o propósito de estratificação moral, intelectual ou social dos indivíduos. Contudo, não posso deixar de reconhecer que o corte das amarras teve um preço: perdemos estrutura e desígnio enquanto humanidade. A universalidade da moral sonora desapareceu e, no seu lugar, um código profundamente pessoal e subjetivo surgiu. Cada indivíduo encontra uma "moralidade" nas experiências sonoras que o tocam, seja numa canção de *funk* ou num canto gregoriano.

Todos estes sons ao meu redor falam-me de um caos que precede uma nova ordem. Reproduzem uma ópera monumental assíncrona que, a certo momento, desaguará num coro magistral. Se soubermos escutar a História e a Natureza, estou convicta de que uma inovadora moral sonora surgirá para nos aproximar da paz e harmonia.

ESCUTAR E DISCERNIR

LUCIANA
MORAIS

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento
Vale a pena ter nascido

Alberto Caeiro

De instinto primário, o ato de ouvir eleva-se à mais refinada aferição da realidade. Na barriga, o melhor é escutar as batidas do coração da mãe e se embalar no mantra ancestral. Como alimentar, ouvir é digerir sons, palavras, ruídos, fragmentos, coerências... O sistema auditivo faz a magia de identificar vozes, músicas ou sons familiares no meio de ambientes barulhentos. É o cérebro encurtando caminhos conhecidos para facilitar o automático das coisas.

As sonoridades audíveis podem ser voláteis e firmes. Há palavras que voam e ficam. Há palavras-pedra que atingem em cheio. Impossível desescutar. O sonido apaixonado, leve e gracioso, ganha uma dimensão emotiva, que invade a pele e chega ao coração rapidamente, algumas vezes com erro na tradução, tamanha a cegueira do encantamento. O ouvido testemunha paixão e sonhos. A zoadá raivosa planta mágoas e entorpece a interlocução. O ouvido testemunha dissabor e ressentimento. Cecília Meireles, em seu *Cântico XII*, diz "sê o que o ouvido nunca esquece" e afirma que sejam coisas eternas e não as "palavras dos homens". Ela sabia o que as "palavras com vida humana" podem fazer.

"O melhor é ter ouvidos e ouvir bem os sons que nascem", disse Alberto Caeiro. Deste nascimento, sentimos o desabrochar e, se a nutrição for saudável, permanecemos. Os sons de um piano ou de uma flauta são convites para fazer morada e os mistérios do sitar, instrumento sagrado criado por Shiva, fazem os olhos fecharem-se para sentir a vibração de cada nota. É a suavidade amorosa

**«As sonoridades
audíveis podem ser
voláteis e firmes.
Há palavras que voam e
ficam. Há palavras-pedra
que atingem em cheio.
Impossível desescutar.
O sonido apaixonado,
leve e gracioso,
ganha uma dimensão
emotiva, que invade
a pele e chega ao
coração rapidamente,
algumas vezes com
erro na tradução,
tamanha a cegueira do
encantamento.»**

de um sentimento sublime que invade o presente. Há quem ouça e não escute. Percebemos nos diálogos comuns esta frequente indelicadeza, onde quem fala é apenas ouvido de forma intolerante, obtendo um comentário a seguir, geralmente egoísta. É a audição sem empatia e respeito pelas palavras

e sentimentos do interlocutor. Rubem Alves pensou oferecer um curso de *Escutatória*, mas receia que ninguém se matricule, pois "escutar é complicado e sutil", no entendimento do autor. Ele também afirma que a nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante da arrogância e vaidade humanas.

A pensar nas coisas eternas para os ouvidos, cheguei ao silêncio. O nascimento de todas as coisas, o mundo, a música, nós e as entrelinhas. O insigne silêncio do poder da escutatória, o que absorve, pondera, compreende e discerne.

Escutar o silêncio de fora é imprescindível, pois sinaliza que há o silêncio de dentro, cultivado pela atenção. Neste estado de presença, é a alma quem escuta e é possível ouvir o inatingível, pois ela é soberana e eterna. Silenciar é a sabedoria de mão dada com a humanidade, é quando conseguimos realmente discernir as coisas e chegar ao essencial.

"Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,/ E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme" era um desejo de Alberto Caeiro, viver livre dos ruídos e barulhos da desatenção. Rubem Alves, em comunhão com o poeta português, entende que Deus é a beleza que se ouve no silêncio. Viver a temperança guiada pela presença faz escutar e discernir o que nos nutre. Escutar o silêncio dentro da alma faz viver a sabedoria do discernimento. Eis a melodia perfeita da infinita eternidade.



POSITIVIDADE TÓXICA – O PERIGO DE (NÃO) SENTIR

JÚLIA
DOMINGUES

O «pensamento positivo» há muito que deixou de estar associado ao cruzar de dedos para «fazer figas» ou de pensar com muita força para que as coisas corram sempre bem. Instalou-se em nós uma mania muito própria de achar que não podemos sentir algo abaixo do espetacular.

Vivemos numa era onde o pensamento positivo é exaltado como o remédio para todos os males. Eu, autora de livros de autoajuda e criadora de conteúdos digitais motivacionais, dou por mim a pensar, nas alturas em que não tenho nada de positivo para escrever: como vou inspirar estas pessoas que estão à espera daquela frase, no final do dia, para as ajudar a aliviar as agruras da vida? Todos os dias, nas redes sociais e na vida quotidiana, ouvimos frases como: "Tudo acontece por uma razão.", "Foca-te no lado bom." ou "Outras pessoas têm problemas piores."

Frases como estas até podem surtir efeito nos primeiros 5 minutos, mas, depois, tudo isto se pode tornar um fardo (a juntar ao peso que já carregamos). Ignorar as nossas emoções negativas em nome de uma falsa positividade não só nega a nossa humanidade, como também pode agravar o nosso sofrimento.

Estas mensagens, por mais bem-intencionadas que sejam, ignoram uma verdade simples: a vida é composta de altos e baixos. Ao tentarmos forçar uma felicidade constante, caímos no território da positividade tóxica, uma abordagem que invalida as nossas emoções e nos desconecta da realidade.

A positividade tóxica é a insistência em se ser positivo mesmo perante desafios ou dores legítimas. É uma cultura que transforma o otimismo numa obrigação, em vez de permitir uma escolha. Alguém que acaba de ser despedido, após anos de esforço e dedicação, ao ouvir outra pessoa dizer: "Não te preocupes, pelo menos tens saúde.", vai-se sentir ainda mais culpada por não ter trabalho e por não conseguir reconhecer, naquele momento, valores tão

«Vivemos numa era onde o pensamento positivo é exaltado como o remédio para todos os males.»

importantes como a saúde. Estas respostas, embora aparentemente reconfortantes, transmitem frequentemente a ideia de que o sofrimento é algo errado, a ser evitado a todo o custo. Mas ignorar ou reprimir emoções negativas não as faz desaparecer; apenas as torna mais intensas e difíceis de lidar.

Ao contrário do que muitos acreditam, aceitar emoções negativas não é sinal de fraqueza, mas de força. A vulnerabilidade permite-nos reconhecer que somos humanos, com limitações e medos, mas também com resiliência. Lidar com emoções negativas não é fácil, mas é essencial para o equilíbrio emocional. Aceitar que nem tudo precisa de um lado positivo, permite-nos respeitar o nosso processo e o nosso tempo. Nem todas as experiências têm de ser transformadas em lições ou oportunidades. Às vezes, é suficiente considerar que algo é difícil e dar-nos permissão para sentir o que está para vir. Sentir tristeza, medo ou frustração não nos enfraquece — pelo contrário, permite-nos crescer e enfrentar desafios com mais clareza e equilíbrio.

A positividade tóxica promete soluções rápidas, mas a consciência emocional oferece algo mais duradouro: resiliência. Aceitar que uma vida tem altos e baixos não é pessimismo, mas uma maneira de viver de forma mais plena e honesta. Até porque, como se costuma dizer: "De boas intenções, está o inferno cheio!"



DE PASSATEMPOS. DE PALAVRAS. E DA HIGIENE QUE LHES FALTA.

PATRÍCIA
LAMEIDA

É passatempo nacional a queixa e a queixa mata. Aos que levantem objeção, convido a um exercício simples: escolham um dia sem chuva e façam dos pés transporte pela rua que vos passa à porta. Apurem os ouvidos além do ecrã que vos enche a mão e deixem que os comentários alheios penetrem. Para uma maior exposição ao meu argumento, sugiro uma fila de um qualquer serviço público ou uma mesa livre num café de bairro. Para terminar, oiçam. Uma interação vulgar poderá iniciar-se com um "como vai?" ou um "está tudo bem?" seguindo-se o objeto desta tese: uma conversa comum. Esta passa por uma lista de infortúnios e maleitas, próprias ou próximas, apesar de alheias, e é, por vezes, duplicada pelo interlocutor, também ele portador de muito a contar, no que à infelicidade diz respeito. Na natural senda de exploração do que está mal, envereda-se pelos que dele são causa e, em menos de sessenta segundos, a interação versa, apenas considerações sobre outras pessoas, já não relacionadas com as maleitas da listagem inicial, mas que carregam tatuados adjetivos tão pejorativos que é impossível tolerar tais existências. "Como é possível?"

Mas ouvir talvez não chegue. A quem tenha oportunidade de observar com atenção, sem que isto se torne socialmente incómodo, sugiro que registre o fenótipo dos indivíduos que ouviu conversar — fâcies de sofrimento, raiva e indignação será expectável, mas acredito que vos poderá ser possível encontrar algum tremor de voz e extremidades, esbugalhar de olhos, agressividade nos gestos e até uma ligeira sudorese.

Todo este exercício comprovará a minha afirmação de abertura, assim como a originalidade necessária a muitos dos raciocínios e associações que suportam este tipo de dinâmicas.

Avanço para a segunda parte deste ensaio: a higiene que não temos.

«Entre os benefícios que me levam a publicitar o exercício de uma higiene verbal, estão a diminuição de uma sensação de stress basal, ausência de peso físico em tradução de angústia mental ou existencial, libertação de insónias por medos fundamentados em males testemunhados por discurso alheio, entre outros.»

A neurolinguística, a sua ramificação pela programação mental e as associações estabelecidas entre saúde e linguagem abrem porta à higiene verbal, termo que acabo de cunhar como ilustrativo. Acompanhem-me: como observado, a fina arte de queixa e maledicência preenche o nosso vocabulário de significados perniciosos, cuja tradução física entra na comum perceção de "mal-estar". Na mesma linha de pensamento, um discurso limpo de considerações pejorativas tem o potencial de aliviar expressões carregadas, adoçar olhares aflitos, oferecer fluidez a gestos acompanhantes e extinguir o permanente aperto de infortúnio que se carrega com uma linguagem composta por maledicência.



Perante tal demonstração, considero pertinente a inclusão de uma higiene verbal no rol de hábitos saudáveis atualmente cultivados. A par de uma alimentação parca em glúten e proteínas animais, com a mesma importância da meditação e do exercício físico, acredito que um treino regular na castração de vocábulos negativos (primeiro ditos, depois pensados), tem um potencial inexplorado de fomentar a sensação de se ser saudável.

Entre os benefícios que me levam a publicitar o exercício de uma higiene verbal, estão a diminuição de uma sensação de *stress* basal, ausência de peso físico em tradução de angústia mental ou existencial, libertação de insónias por medos fundamentados em males testemunhados por discurso alheio, entre outros.

Assim, apelo à inclusão de hábitos de higiene sobre o que a nossa boca verbaliza. Sendo uma prática simples, acredito que qualquer leitor o consiga aplicar sem custo acrescido ou esforço marcado. No entanto, reconheço o potencial comercial de um novo hábito potenciador de saúde e bem-estar e não deixo de o oferecer a quem tenha interesse em explorar essa vertente. Afinal, o meu objetivo com este texto é abrir lugar à consciência de um problema de saúde pública, oferecendo solução para a sua contenção. Se o caminho para esta divulgação for o comercial, pois seja.

Por uma população mais saudável, carregando menos do mal que no mundo descrevem. Haja higiene verbal.

JORNALISMO VERSUS FICÇÃO

DAVID
ROQUE

Jornalismo. A didascália do lead: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê? O que aconteceu? Quem esteve envolvido e com que papel? Onde se deu o acontecimento? Qual foi a sucessão de eventos? Porque sucedeu o ocorrido? Mais alguma informação complementar que possa ajudar à perceção correta do relatado.

O jornalismo é representação da sociedade, que convoca o pensamento iluminista e positivista, para assegurar maior grau de objetividade e verdade no fornecimento da notícia, seja curta e quotidiana ou de reportagem e profunda. A notícia, tal como a experiência científica, busca o conhecimento exato, mune-se de provas, registos, documentos e materializações demonstrativas. Nada disto é do mundo da ficção, porque a narrativa do romance só fugazmente se sujeita a estes parâmetros de objetividade e verdade. A realidade não é uma componente obrigatória da escrita enquanto arte, às vezes, pelo contrário, pode tolher e reduzir todo o sistema. Observamos esse processo no neorrealismo, onde a pretensão da realidade se mescla numa ideologia política que acaba por aparar as complexidades humanas e reduzi-las à dualidade conveniente. Felizmente, assoma o realismo mágico, regenerador, capaz de introduzir sangue quente nos corpos rígidos das personagens e estruturas narrativas. A ficção é também fricção. O girar dos corpos de formas enérgicas e distintas pode produzir aquela faísca que ilumina os olhos do leitor, em vez do aborrecimento do documentário disfarçado de arte.

O processo de escrita ficcional também se pode munir de apetrechos de ligação à realidade, seja no romance histórico, biográfico ou contemporâneo, contudo não é servo do método crítico nem da busca pela verdade. No mais, talvez a grande literatura seja mais o abrir de portas e janelas do que o fechar fenómenos em caixas catalogadas.

«A notícia, tal como a experiência científica, busca o conhecimento exato, mune-se de provas, registos, documentos e materializações demonstrativas. Nada disto é do mundo da ficção, porque a narrativa do romance só fugazmente se sujeita a estes parâmetros de objetividade e verdade.»

Dan Brown não tem de provar por fontes históricas que Jesus tomou Maria Madalena para sua esposa e fez dela cálice de património genético. O escritor apenas acena com documentos apócrifos e algumas teorias antigas, não para comprovar, mas apenas para tornar a narrativa literária verosímil. O método do escritor é essencialmente este, alicerçar a história numa sólida verosimilhança, ou seja, semelhança com a verdade. Assemelhar-se à realidade e dialogar com ela é a maestria de escritores, que empreendem de forma subtil o equilíbrio tensional entre facto e imaginário.



Desejar enriquecer o romance com regras do jornalismo e do documental é desejável e profícuo, mas inverter o processo não traz alma para dentro da ficção. A produção de documento, seja sociológico seja autobiográfico é contranatura no meio literário, apesar de haver momentos em que parece estar mais na moda, como na segunda década do século XXI, este que ocupamos. Porquê contranatural? Não há motivos filosóficos superiores para escudar o argumento, há apenas a sensação, como escritor e leitor, de que as páginas romanescas são, primeiro, um espaço de liberdade artística e, depois, o templo sagrado da criação imaginária. O escritor não reproduz, pelo contrário, ele cria, acrescenta realidade à realidade.

«Desejar enriquecer o romance com regras do jornalismo e do documental é desejável e profícuo, mas inverter o processo não traz alma para dentro da ficção.»

REVER UM TEXTO EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ANA
SALGADO

Rever um texto é, ao mesmo tempo, um trabalho de paciência e um exercício de atenção e rigor. Não se trata apenas de corrigir erros gramaticais ou de ortografia, embora isso seja crucial. Rever é, sobretudo, a arte de equilibrar forma e conteúdo, clareza e estilo, precisão e fluidez. Cada texto, do mais simples bilhete ao mais elaborado ensaio acadêmico, carrega uma intenção, e o papel do revisor é garantir que essa intenção seja preservada, conduzindo o leitor pela mensagem com fluidez e transparência.

Contudo, no mundo atual, onde a inteligência artificial (IA) se tornou uma ferramenta onnipresente, a tarefa de revisão ganhou novas dimensões. Já não se trata apenas de corrigir o que está errado ou de polir frases que soam desajustadas. A revisão tornou-se também uma interação entre o humano e a máquina, um processo colaborativo que reflete tanto as possibilidades quanto os limites da tecnologia.

Ferramentas de IA oferecem promessas sedutoras: agilidade, precisão e sugestões estilísticas em apenas alguns cliques. Identificam-se redundâncias, propõem-se alternativas e até ajustes ao tom de um texto. Mas será que basta? A IA opera sobre regras e padrões, mas carece de contexto. Um texto "corrigido" pela máquina pode parecer tecnicamente perfeito, mas muitas vezes perde a sensibilidade que só um revisor humano pode garantir. A clareza para a máquina nem sempre é a mesma que para o leitor.

Há quem veja na IA uma ameaça ao trabalho de revisão, mas o olhar mais produtivo é encará-la como uma aliada. As máquinas são já extremamente eficientes na detecção de erros sistemáticos e na análise de grandes volumes de texto. Pode poupar horas de trabalho, permitindo que o revisor humano se concentre em aspectos mais complexos, como a coerência, a intencionalidade do autor e a adequação ao público-alvo. Cabe ao revisor interpretar as

«Contudo, no mundo atual, onde a inteligência artificial (IA) se tornou uma ferramenta onnipresente, a tarefa de revisão ganhou novas dimensões. Já não se trata apenas de corrigir o que está errado ou de polir frases que soam desajustadas. A revisão tornou-se também uma interação entre o humano e a máquina, um processo colaborativo que reflete tanto as possibilidades quanto os limites da tecnologia.»

sugestões da IA, rejeitando aquilo que contraria a essência do texto ou que ignora determinadas subtilezas. O revisor é quem entra na mente do autor, compreende as intenções por trás de cada escolha lexical e decide quando manter uma expressão que

ChatGPT

☀ Examples

"Explain quantum computing in simple terms" →

"Got any creative ideas for a 10 year old's birthday?" →

"How do I make an HTTP request in Javascript?" →

⚡ Capabilities

Remembers what user said earlier in the conversation

Allows user to provide follow-up corrections

Trained to decline inappropriate requests

⚠ Limitations

May occasionally generate incorrect information

May occasionally produce harmful instructions or biased content

Limited knowledge of world and events after 2021

ChatGPT May 14 Version: Free Research Preview. Our goal is to make AI systems more natural and safe to interact with. Your feedback will help us improve.

a IA julga desnecessária. O revisor continuará a agir tal qual um bom afinador de piano: identifica dissonâncias, ajusta tons, mas nunca altera a melodia que o autor quis compor. Sendo a língua traiçoeira, o revisor opera, trazendo luz a certas passagens. Um "porém" mal colocado pode distorcer todo o argumento; um "que" repetido em excesso pode prejudicar a leitura. Além disso, existe o momento em que a confiança é testada. Quantas vezes o revisor hesita entre duas formas igualmente corretas? O dicionário não responde a tudo. A gramática, por vezes, não é mais do que um campo de batalha entre tradição e uso. E, no fim, a decisão recai sobre

a sensibilidade: o que serve melhor ao contexto? Mas a IA também ensina. Ao propor soluções, desafia o revisor a pensar de forma crítica. Por que razão uma construção é mais eficaz do que outra? O que faz uma frase soar natural? No diálogo entre o humano e a máquina, o processo de revisão ganha novas camadas de reflexão. Existem escolhas – conscientes, ponderadas, às vezes ousadas. Rever um texto em tempos de IA não é, afinal, um simples ato técnico. É um exercício de colaboração (há que aceitá-la), em que a máquina traz eficiência; e o humano, alma. É a prova de que, mesmo na era da IA, o papel do revisor continua essencial.

«NÃO HÁ NADA» É ERRO DE PORTUGUÊS?

MARCO
NEVES

Nós somos bons a usar a língua (apesar do que se diz por aí) e muito maus a compreendê-la. Cada idioma humano é criado pelos falantes, sem plano prévio — mas o seu funcionamento é tão complexo que não é fácil entendê-lo de forma consciente.

É também por isso que surgem tantos mitos sobre a linguagem humana.

Um dos mitos mais subtis sobre a nossa língua, com a aparência de ser muito razoável, é a ideia de que, se juntarmos duas palavras negativas, acabamos com uma afirmação. Assim, se eu disser «não há nada» é porque estou a dizer que *há alguma coisa* — e, se não é essa a minha intenção, então cometi um erro. É uma dupla negação. Logo, uma afirmação!

Segundo quem acredita neste mito, se o nosso objectivo for negar alguma coisa, é erro dizer «não há nenhum», tal como também o é dizer «não há nada» ou «não quero nada».

Ora, não é bem assim...

A origem do mito é fácil de compreender. A lógica que aprendemos na escola diz-nos isto: duas negações equivalem a uma afirmação. É verdade, claro.

O problema é que daqui não decorre que, numa língua natural, duas palavras negativas sejam sempre equivalentes a duas negações.

Vamos por partes.

Existe em português o que podemos chamar *palavras negativas*: «não», «nem», «nunca», «nada», «nenhum» — e por aí fora. O grande engano é considerar que uma palavra negativa equivale a uma negação.

Uma negação não se faz sempre que dizemos uma palavra negativa — uma negação faz-se quando usamos uma *oração negativa*. Usando o termo que aparece nos livros de Português, dizemos: uma oração tem *polaridade negativa* ou *polaridade afirmativa* — e esta polaridade não depende do número de palavras negativas dentro de cada oração.

A oração «há alguma coisa naquela sala» tem *polaridade afirmativa*.

Já a oração «não há nada naquela sala» tem *polaridade negativa*. O mesmo acontece com a oração «não entro na sala!». Num caso usámos duas palavras («não... nada»), noutro apenas uma («não»), mas são ambas orações negativas.

Ou seja, às vezes, a sintaxe da língua portuguesa exige duas palavras para construir uma oração negativa — enquanto noutros casos exige apenas uma. «Ninguém vai» é uma negação. «Não vai ninguém» é outra negação, construída de maneira diferente, mas igualmente válida de acordo com a nossa sintaxe.

Mais uma vez: são as orações que podem ser negativas ou afirmativas e, dentro de cada oração, as palavras negativas não se anulam umas às outras. Dizer «não há nada» não é uma dupla negação. É uma oração em que, de acordo com a sintaxe do português, usamos duas palavras para expressar a negação.

Cada língua tem as suas particularidades e esta é uma das muitas subtilezas do português (e de muitas outras línguas). Achar que não devia ser assim faz tanto sentido como dizer que não devia haver verbos irregulares. Construções como «não há nada» fazem parte da sintaxe portuguesa da mesma maneira que as formas irregulares do verbo «ser» fazem parte da sintaxe portuguesa.

Portanto: duas palavras negativas dentro da mesma oração não criam uma afirmação — criam uma oração negativa.

Agora, se tivermos *duas orações negativas*, aí sim aplicamos a lógica que aprendemos na escola. Uma oração negativa anula outra oração negativa: «Não é verdade que não chova!» — quer dizer que chove...

Podemos ter, aliás, uma só frase com duas orações negativas, uma delas criada com duas palavras negativas e outra criada com apenas uma — e o nosso cérebro consegue compreender sem grande dificuldade. Repare: a frase «não há ninguém que não ache» é interpretada como «todos acham».

O número de palavras que a nossa sintaxe nos leva a usar para expressar uma negação é uma das características gramaticais que distinguem as línguas. Já a ligação entre orações expressa a lógica do pensamento, que não muda de língua para língua.

O português, como todas as outras línguas, permite-nos expressar enunciados lógicos (e também enunciados sem lógica nenhuma), duplas negativas que equivalem a afirmações, negações e afirmações complexas... Só temos de compreender como funciona a sintaxe da língua e as várias maneiras como se constroem as orações e as frases. Não temos de inventar uma nova sintaxe.



WALTER BENJAMIN NUNCA CHEGOU À PALESTINA

JOÃO
VENTURA

Em *Histoire d'une amitié*, Gershom Scholem, filósofo e historiador judeu-alemão, recorda as fases e os lugares da sua amizade com Walter Benjamin: Berlim do tempo de guerra e do pós-guerra, a Suíça e Paris de 1927 e 1938.

Apoiado nas cartas que trocaram, fala da crítica de Benjamin ao sionismo racista emergente e ao comunismo e constata uma tripla recusa: desiludido com Moscovo durante a sua estada na capital soviética, expulso da Alemanha pelos nazis em 1933, e declinando os convites de Scholem para ir para Jerusalém, Paris, a cidade que havia de inspirar o seu *Projecto das Passagens* (*Das Passagen-Werk*), foi para Benjamin um lugar de solidão e angústia antes do seu suicídio, na pequena localidade de Portbou, na fronteira espanhola, em outubro de 1940.

Leio sobre as indecisões de Benjamin relativamente à possibilidade de ir para a Palestina e ocorre-me a pergunta: que teria dito Walter Benjamin sobre a ocupação israelita da Palestina, se tivesse aceitado os reiterados convites do seu amigo Scholem, que para lá fora em 1925, e se, como todos aqueles intelectuais judeus emigrados, por lá ficasse?

Mas, apesar da rápida deterioração da situação dos judeus europeus na década de 1930, Benjamin nunca abandonou a ambivalência que o impedia de tomar essa decisão, que frequentemente se lhe apresentava. As razões dessa ambivalência não são claras, embora a sua crítica ao sionismo pelo seu racismo tenha sido precoce e presciente. Não me custa acreditar que Benjamin, aplicando o seu método de interpretar a história do ponto de vista dos vencidos, haveria de reconhecer na ocupação violenta da Palestina aquele "estado de exceção que, numa das teses seu ensaio *Sobre o conceito da história* (redigido em 1940, um pouco antes do seu suicídio, em Portbou, cuja cópia entregou a Hannah Arendt, em Marselha, salvando-se assim o livro do seu de-

«Mas, apesar da rápida deterioração da situação dos judeus europeus na década de 1930, Benjamin nunca abandonou a ambivalência que o impedia de tomar essa decisão, que frequentemente se lhe apresentava.»

saparecimento), afirmou ser o estado permanente dos oprimidos, prefigurando a revolta e a sublevação, que, no caso palestiniano, se manifestou pela primeira Intifada.

Não chegou nunca Benjamin à Palestina e, desde essa recusa para lá partir, tudo piorou, erguendo-se agora o muro de ódio que serpenteia naquela terra sem Deus sob um céu de fogo. E se lá estivesse agora, como escreve a Maria Cantinho no seu actualíssimo ensaio *Cosmopolitismo e rêverie*, publicado pela *The Poets and Dragons Society*, "o seu olhar afundar-se-ia no espectáculo da história enquanto catástrofe permanente, tal como o aterrorizado anjo da história, o "Angelus Novus". E, horrorizado, haveria de ver os corpos das crianças mortas jazendo sobre um amontoado de escombros, sem nada poder fazer para as salvar da catástrofe da história.



I

Hoje disseste-me: quero-te, mas não te quero; melhor, não te quero querer.

Eu pensei (mas não cheguei a responder-te):

- Isso é um oxímoro imperfeito.

II

Citaste Marguerite Yourcenar: "O tempo, esse grande escultor!", para me pedires que aguarde que floresçam as flores e os frutos que te proponho.

Eu, precavido, decidi: preciso de alimentar o tempo. Todos os dias.

Para que ele nos seja propício.

III

Dizes: preciso de ser translúcida. Iluminada por dentro, tal como (digo eu) brilha em mim a tua presença, cálida e sedutora luz à qual quero recolher-me eternamente.

Tranquilo, aguardarei que estejas pronta a acolher-me.

Quero-te inteira, como és: com tua liberdade, tua surpresa, teus desejos, teus medos, tuas dúvidas, tua oculta fúria de carne, mel e riso.

Não receies o caminho que se abre para nós, espanto que só tu e eu poderemos decifrar e construir.

IV

O amor será a ficção que quisermos. E tornar-se-á realidade.

Concreta como um sonho indestrutível,

a alimentar diariamente, de mãos dadas, como se fôssemos um só.

Até
sê-lo.

V

Peço-te:
enterra todos os passados; esquece
todos os limbos inconclusos.

Humilde, evitarei os buracos dos caminhos que nos desafiam,
assim como prometo proteger-te
das insidiosas armadilhas que, como pesadelos,
te assombram.

Oh, mulher que desde sempre aguardo, não hesitemos
em atravessar a imensa e doce clareira
que se abre à nossa frente.

O seu destino
é
a eternidade.

VI

Respeito o teu silêncio. Na verdade,
ele mantém-me vivo e amoroso.

Quando me levanto
e me apronto
e caminho pelas inevitáveis e necessárias veredas
do tempo e da vida,
oiço os seus rumores, imperceptíveis, mas
claros e inteligíveis.

É assim que o meu coração escuta o teu silêncio:
ao mesmo tempo temeroso
e cheio de uma esperança vital.

VII

Hoje não te mandei um beijo falsamente matutino
a desejar-te bom dia quando o sol já ia alto.

Hoje não recebi nenhuma mensagem tua para saber de mim,
embora não seja essa a pergunta que habitualmente me
fazes;
aliás, não me fazes pergunta nenhuma,
apenas envias o emoji de uma flor muito vermelha,
que se abre quando a toco, como um aguardado e intenso
pecado.

Hoje não te liguei pelo WhatsApp
apenas para ouvir a tua voz, mesmo sabendo
que não atenderias,
pois estavas ocupadíssima a tentar salvar alguma coisa,
visto que a nação,
sobranceiramente,
se recusa a ser salva.

Hoje não visitei o teu mural,
para ver se acaso me tinhas deixado uma mensagem cifrada,
que seguramente eu não compreenderia.

Hoje, confesso, fiz apenas uma coisa: pensei
em ti.

É pouco? É muito?

Ó mulher trazida pelo tempo para resgatar-me das suas
falsas certezas,
só tu o podes dizer.

VIII

O verdadeiro amor
ou dura para sempre ou acaba assim: antes de começar.

O amor que te tenho, contudo,
mais do que verdadeiro,
é único.

Por isso, se dizes que não me amas, o que posso eu fazer?

Continuar
a amar-te.



*a poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.*

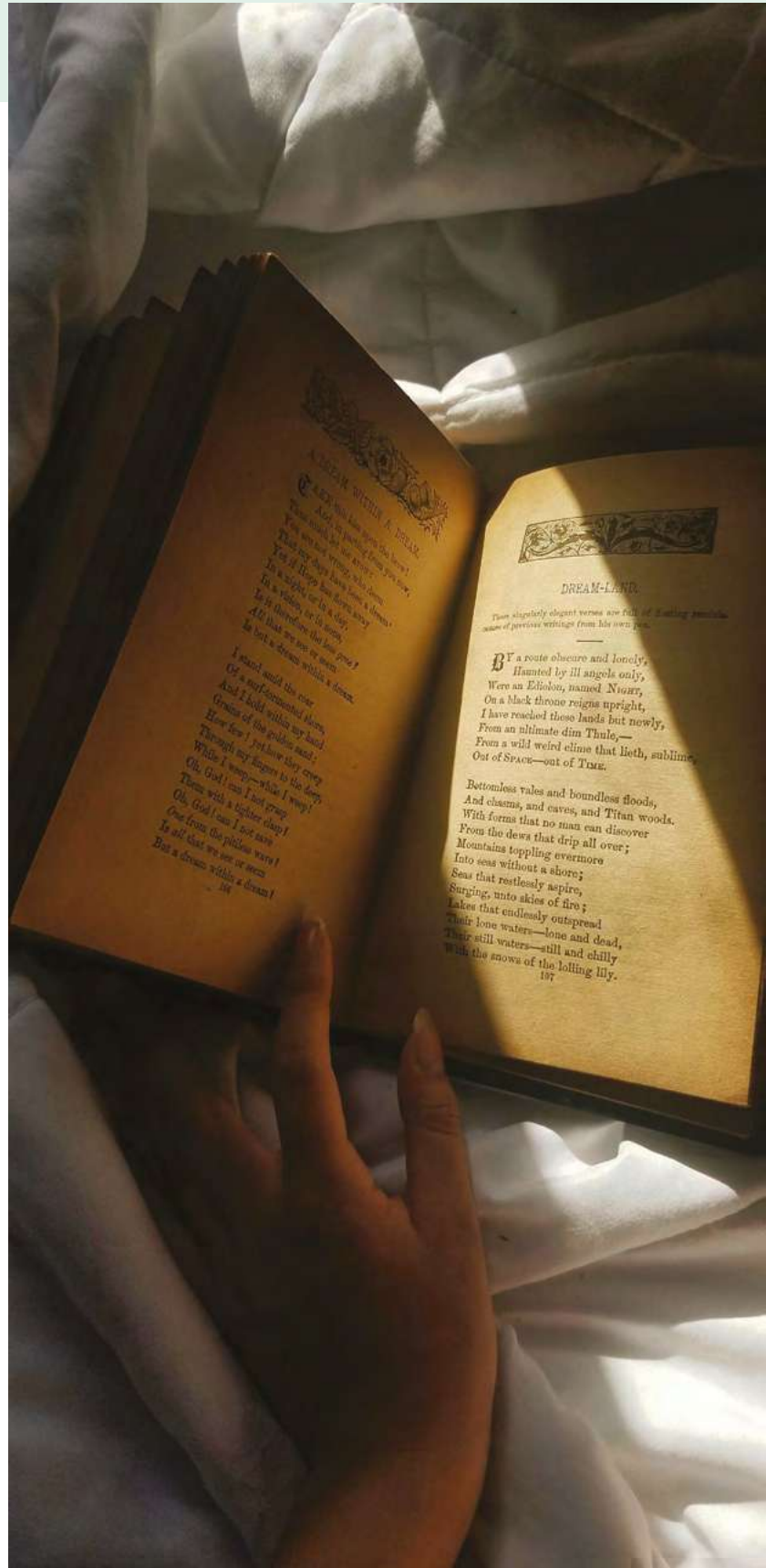
(Carlos Drummond de Andrade)

não as dizer todas as palavras
restam vãs desabam na tumba
do universo o assassínio à solta

o gesto de mão no rosto do filho
ainda calam no gosto dos homens
a tola acepção do dizente eu

dos afogados a água inavegável
as cantigas entoam a cupidez
os reclames as vozes de atavios

descrevem curvas rocambolucas
pessoas se aferram e negam ao nada
o rito dos rios que as levam à mudez



FALEMOS DE MONSTROS

MÁRIO
RUFINO

O tempo tem feito uma carnificina. Ídolos caem à velocidade imposta pela tecnologia. As redes sociais são catalisadoras da indignação. Chamam monstros a estes homens e mulheres que tanto têm de genial como de censurável.

Neil Gaiman é o caso mais recente. O escritor de culto foi acusado por nove mulheres de dominação e subjugação sem negociação prévia, humilhação e violência, envolvendo urina e fezes. Começou como uma revelação num podcast e continuou com uma investigação pela revista New Yorker.

Outro caso recente é o de P. Diddy. O *rapper* e produtor foi acusado de extorsão, tráfico sexual e transporte para prostituição. As suas festas eram cobiçadas na indústria do entretenimento. Justin Bieber, Mariah Carey, Jennifer Lopez eram alguns dos convidados de luxo. Nesses eventos, homens e mulheres dizem ter sido coagidos ou forçados a fazer sexo.

São dois exemplos atuais, mas não únicos. A clivagem entre génio e crime recua décadas.

Há uma pergunta que emerge na mente do fã: Poderei continuar a gostar da obra do artista, depois de saber da sua conduta? O sentimento de culpa insinua-se até ser indisfarçável. É sobre este dilema que Claire Dederer (Seattle, 1967) dedica a sua análise em *Monstros – o dilema de uma fã* (Quetzal).

A fruição dos filmes de Roman Polansky, apesar da violação de uma menor, ou de Woody Allen, após as acusações de infidelidade e misoginia, poderão ser feitas sem peso na consciência? O realizador francês levou Samantha Gailey para casa do amigo Jack Nicholson. De seguida, deu-lhe um quaalude, incentivou-a a despir-se e a entrar no jacúzi. Quando ela saiu e se sentou no sofá, penetrou-a no ânus e ejaculou. Woody Allen dormiu com Soon-Yi, filha da sua companheira Mia Farrow. A primeira vez

«Por muito que os new critics norte-americanos defendam a análise da obra sem contaminação da biografia, o comum consumidor de cultura (e até críticos) tem uma relação composta por experiências próprias, emoções e ideias sobre o artista. O indivíduo leva muito de si para cada obra que consome. Até certo grau, nós somos reféns das nossas perspectivas.»

que houve envolvimento sexual, Soon-Yi era aluna de liceu ou calouira na faculdade. E poderíamos falar de Bill Cosby, Norman Mailer, Sid Vicious, Richard Wagner, entre muitos outros.

"Como separamos o criador da obra criada? Será um esquecimento deliberado, quando decidimos ouvir, por exemplo, o ciclo do Anel de Wagner? (Esquecer é mais fácil para uns do que para outros; a obra de Wagner raras vezes foi tocada em Israel desde 1938.) Ou acreditamos que o gênio tem direito a uma imunidade especial, um livre-trânsito comportamental? E como varia a nossa resposta de situação para situação?", interroga-se Claire Dederer.

Queiramos ou não, as monstruosidades deixam a obra maculada, mesmo que seja em retrospectiva. Não dançamos da mesma forma, nem usufruímos

das imagens de igual maneira, quando a negrura da biografia enevoa a perspectiva do fã. Não quer isto dizer que haja coerência nas reações. Poderemos dançar ao som de Michael Jackson, mas ficarmos atados pela moral, quando P. Diddy ou R. Kelly debitam os primeiros acordes. Podemos venerar a obra de Woody Allen, mas rejeitar a obra de Polansky. A reação não é lógica; é emocional. A biografia de quem observa forma a perspectiva. Será mais fácil para um jovem da Geração Z ouvir Wagner do que um descendente de uma vítima do Holocausto; é mais fácil para quem não sofreu violência sexual perdoar Polansky do que uma vítima de pedofilia.

Por muito que os *new critics* norte-americanos defendam a análise da obra sem contaminação da biografia, o comum consumidor de cultura (e até críticos) tem uma relação composta por experiências próprias, emoções e ideias sobre o artista. O indivíduo leva muito de si para cada obra que consome. Até certo grau, nós somos reféns das nossas perspectivas. O pensamento começou a ser simultâneo à ação com as redes sociais. A primeira reação é não ouvir o "monstro". Em vez de se compreender, cancela-se quem fala. Há moralização da perspectiva e ação imediata sobre quem prevarica. Para quem cancela, não interessa a qualidade do trabalho. Há acusação e sentença em simultâneo. E cala-se quem afeta. Claire Dederer deixa uma pergunta pertinente: "Mas como diabo podemos melhorar se não ouvirmos as pessoas dizerem o que está errado?".

A cultura de cancelamento vai além da denúncia e confronto. O seu objetivo é calar. A escritora norte-americana é menos incisiva, quando concentra a sua atenção em potenciais monstros. Os nomes são escassos (Virginia Woolf, Valerie Solanas, Sylvia Plath) e os danos menores. O seu feminismo resvala para o femismo e valida um dos aspetos já falados: a reação é mais emocional do que racional. A experiência individual forma a perspectiva e as margens da moral.

Ainda assim, *Monstros* lança perguntas de difícil resposta e expõe as nossas incoerências, quando confrontados com a monstruosidade de quem é venerado. Além do ídolo, é o próprio fã que fica em causa. E essa é a parte mais difícil de ultrapassar.



DONA ESCURIDÃO

PAULA
CAMPOS

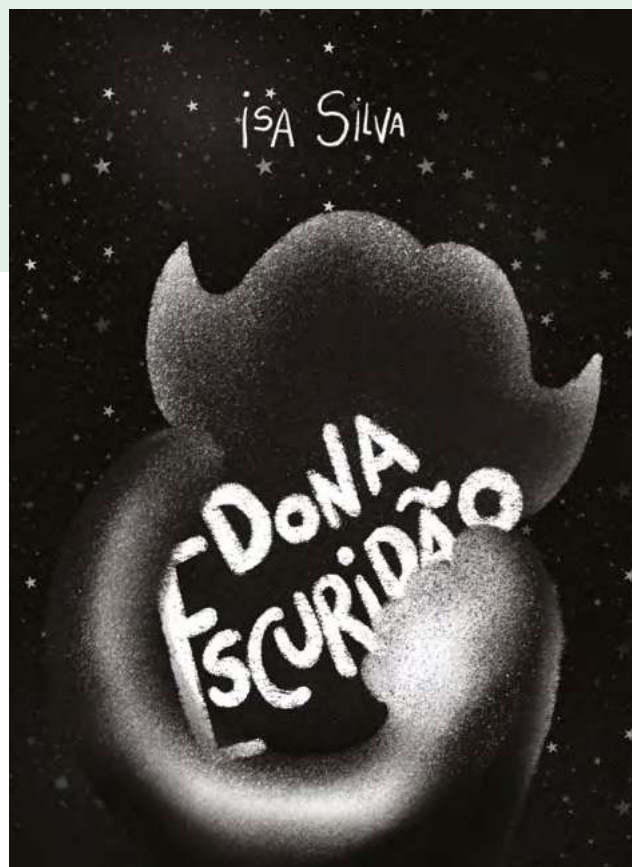
Longe vão os tempos em que a Literatura para a Infância era ignorada ou considerada uma espécie de literatura menor. Nos últimos anos, como expressão desse fenómeno cultural, a par de um inusitado interesse editorial, assiste-se no meio académico a uma acesa discussão sobre a natureza e lugar da Literatura para a Infância, no conjunto dos géneros literários. Em termos meramente quantitativos, veja-se o aumento do volume das edições, principalmente a partir dos anos 70 do séc. XX. Este género alcançou lugar de destaque nas livrarias, bibliotecas e editoras.

Recordemos que a Literatura para a Infância atingiu um maior crescimento no séc. XVIII, fora de Portugal, mas no nosso país só teve verdadeira expressão a partir dos meados do séc. XIX, com o aproveitamento da literatura de adultos para as crianças, com as fábulas, contos tradicionais ou até mesmo por intermédio de exemplos da História.

Nas últimas décadas do séc. XX, precisamente no período decorrente entre os finais dos anos 70 e os princípios de 90, a literatura infantojuvenil conhece maior evolução em Portugal. Renovam-se numerosas bibliotecas escolares; cria-se a disciplina de Literatura para a Infância, nos cursos de formação inicial de educadores de infância e de professores do ensino básico, nas escolas do magistério primário e, mais tarde, nas escolas superiores de educação; divulgam-se exposições, seminários, colóquios e ações de formação no âmbito dessa área da literatura; surgem publicações sobre o assunto; revistas manifestam-se sobre crítica literária e surge um conjunto de trabalhos de investigação, realizados no âmbito de mestrados.

A classificação etária dos livros é subjetiva e limitadora. Há obras que transcendem faixas etárias, como *O principzinho*, de Saint-Exupéry.

Dona Escuridão, de Isa Silva, é um destes exemplos.



Um livro para ser lido por crianças e provocar reflexões profundas nos adultos.

Nascido de uma perda e do grande sofrimento consequente, *Dona Escuridão* mostra que até dos momentos mais sombrios pode surgir algo bom. Este bellissimo objeto físico é disso prova. A autora, uma mulher das belas-artes-letras, oferece-nos um livro de qualidade excecional no respeitante à sua robustez, ao tipo de papel, à disposição gráfica das palavras — semeado de códigos semióticos facilmente aprendidos por crianças e adultos —, mas, sobretudo, às imagens. Como representar a escuridão visualmente? Isa Silva fá-lo com mestria. Como passar a mensagem da importância da escuridão? A autora não desdenha a noite, a melancolia, o breu, a sombra, o negrume, o abatimento, mas completa-as com fontes de beleza e luz: as estrelas, os pirilampos, o fogo-de-artifício, o néon...

«Diziam que habitava a nossa cabeça e a deixava sem vontades.»

Profissionalismo e sensibilidade. O binómio que torna este livro numa experiência de absoluto deleite literário.

O AMENTADOR DE XENDIVE

PORVENTURA
CORREIA

No segundo ano do curso de jornalismo, Lisboa, encetei o consolador sopro no cachimbo de arievilo. Não existia a voluptuosa Anieska nem a Serpente Verduga. A paixão habitava os montes cabreiros, nas cercanias de Pitões das Júnias, invisível a olhos humanos. Para poupar dinheiro, retornava à casa familiar a cada dois meses, e sempre ansiava pela amiga Usaganha nos recantos húmidos da serra.

Chegado a casa, cumprimentados progenitores e resumida a vida lisboeta, descalcei as botas e deitei cascos ao caminho, em veloz corrida de pé-de-cabra. Perto do sítio costumeiro, urros espantavam maruxinhos, que debandavam na minha direção. Um deles apelou à cautela e avisou-me que a Grande Usa estava enlouquecida. Ainda assim, avancei. Achei-a, pelagem esmeralda, grande como um castanheiro, debruçada sobre a filha, a minha amiga Usaganha. Rosnou quando me viu, ameaçadora como um Titã antigo, mas logo me reconheceu e consentiu a aproximação.

Temi o pior, mas compreendi que a Usaganha respirava, porém os olhos pintavam-se de cal branca. Sem palavras, a Usa reportou-me o sucedido: o Amentador de Xendive tentara dominar a vontade da filha e quase o alcançara, não fosse ela chegar no momento certo e sobre ele lançar poderosos feitiços. O bruxo retirou-se para lá da fronteira, mas a pobre ficara naquele estado vegetativo, nem possuía nem vivente. A Usa gastara os poderes para reverter os malefícios do celerado, contudo nada conseguira. Só o próprio poderia desfazer o mal, ou morrendo o malfeitor morria o mal.

Corri ao conselho da minha mãe e ela, impotente, alvitrou recorrer ao Careto de Pitões, o único na região que se elevava a par do Amentador. Para um pé-de-cabra como eu, ligeiro e farejador, não foi difícil alcançá-lo, pelas bandas da cascata. Montava o Touro de Miranda, tão amplos os cornos que

«Ante a insistência e reconhecendo o abuso do ataque contra a filha da Usa, soberana naquelas terras, arrancou um guizo metálico, amassou-o na mão e juntou aparas do chifre do Touro»

as pontas se afastavam seis braçadas, tão alto que media três de mim até à garupa. Ambos mascarados e ataviados de muitos guizos, chocalhos e borlas de lã colorida. De nada valeu a corrida. O insigne defensor da sobrenaturalidade da região, alegou não ter autoridade para atravessar a fronteira, imposição de convênios seculares.

Ante a insistência e reconhecendo o abuso do ataque contra a filha da Usa, soberana naquelas terras, arrancou um guizo metálico, amassou-o na mão e juntou aparas do chifre do Touro, raspadas a facalhão. Entre dedos surgiu uma bala cintilante. "É tua!", ofertou-me a voz enrugada.

Dia seguinte, alvorada, os meus cascos chispavam nas na terra e pedras. A tiracolo a espingarda. Fronteira atravessada. Araúxo, Prancibe, Reguengo, Siugrexa e, finalmente, Xendive. Meio-dia. A casa isolada emanava um zunido putrefacto. Na cavaliça resfolegava o Unicórnio Negro, montada alada que permitia chegadas e saídas rápidas pelas serras. Um homem todo de couro negro, capuz do albornoz pela cabeça, sai pela porta da frente e um estouro seco fende o ar do bosque.



POR QUE MUITOS ESCRITORES FICAM PELO CAMINHO

JAMES
MCSILL

Escriver é uma arte que atrai muitos, mas consagra poucos. A razão principal pela qual tantos autores amadores não alcançam o estatuto de profissionais não está na falta de habilidade gramatical, de um vocabulário vasto ou mesmo de criatividade. O verdadeiro obstáculo é a incapacidade de transmitir uma mensagem nas entrelinhas, de criar um subtexto que ressoe profundamente com o leitor. Na minha experiência de agora cinco décadas no mundo literário, raramente encontrei quem soubesse ensinar este aspecto fundamental. Muitos conseguem analisar textos; poucos sabem criar. E ainda menos conseguem ensinar a criar.

A diferença entre um autor profissional e um amador é comparável à que existe entre um músico e um virtuoso. O músico toca as notas; o virtuoso transcende a técnica e toca as emoções do público. No universo literário, essa diferença reside na capacidade de trabalhar o subtexto e aquilo que chamo de "moral sonora" — a fusão entre a mensagem ética e a musicalidade do texto.

Mas porque isto é tão desafiante? Porque, além de ser um conceito intrinsecamente complexo, não existe uma estrutura clara de ensino para desenvolvê-lo. O sistema educacional tende a priorizar o conteúdo explícito: gramática, sintaxe, estrutura. Contudo, pouco ou nada se explora sobre o impacto sensorial de um texto, sobre como os sons e os ritmos podem intensificar emoções e significados.

Aqui fica um convite à reflexão: está apenas a preencher páginas com palavras ou está a criar uma experiência sensorial para o seu leitor? Esta é a pergunta que separa o amador do profissional.

Antes, no entanto, de abordarmos como criar a "moral sonora", é essencial compreender o conceito. "Moral", neste contexto, não se limita a uma lição ética ou filosófica. Refere-se à mensagem subjacen-

te — a essência emocional ou reflexiva que pretende transmitir. O termo "sonora", por sua vez, remete à musicalidade do texto: o ritmo, a cadência, a melodia das palavras e das frases. Juntos, esses elementos criam uma experiência literária que transcende o conteúdo explícito, envolvendo o leitor de forma profunda e intuitiva.

Porquê "sonora"? Porque as palavras não são apenas sinais visuais; elas têm um impacto auditivo, mesmo quando lidas em silêncio. Um texto bem construído é como uma música que reverbera no coração do leitor, criando uma ressonância emocional que vai além do significado literal.

Considere a diferença entre estas duas frases:

1. "O vento soprou forte naquela noite."
2. "Naquela noite, o vento uivava, carregando segredos pelas frestas das janelas."

Numa rápida análise: A repetição do som "v" em vento e uivava reforça a ideia de algo fluido e etéreo, semelhante ao vento que sopra. A repetição do som "s" em *segredos, frestas, das e janelas* cria uma sonoridade sibilante, associada ao vento e ao mistério. Já o ritmo sonoro alterna entre frases curtas e palavras mais longas, criando uma sensação de movimento semelhante ao próprio vento. Há uma fluidez proporcionada pela variação entre vogais abertas e fechadas: *Naquela noite* (aberto e melódico, introduzindo a cena; ...o vento uivava* (sons repetitivos e ondulantes, como o vento que uiva); ...carregando segredos (mais grave e denso, carregado de significados); ...pe**lãs frestas das janélas* (sons suaves, fechando a frase com uma cadência lenta e contemplativa).

Ambas transmitem a ideia de um vento intenso, mas a segunda acrescenta uma sonoridade que amplifica a experiência. O "uivar" do vento carrega consi-



go uma carga emocional e sensorial que transforma a cena. E essa é a essência do que chamamos de moral sonora: usar o som e o ritmo das palavras para reforçar a mensagem subjacente, criando um texto que ressoe com profundidade, mas que, para tal, requer prática, intenção e a coragem de ir além do óbvio. É isso que transforma palavras numa verdadeira obra literária.

Nos seus textos, o ritmo está em sintonia com a emoção que deseja transmitir? Existem pausas naturais, uma fluidez que convida o leitor a sentir e não apenas a compreender? Este é o ponto de partida para dominar a técnica e começar a transformar a escrita. Lançar um romance é um objetivo louvável, mas inúmeros escritores iniciantes incorrem no equívoco de pensar que apenas redigir um texto basta. Ainda mais preocupante, existem editores que aprovam esses trabalhos ou consultores que os incentivam sem perceberem a relevância essencial do subtexto e da harmonia sonora. Essa falta de discernimento é a razão de tantos títulos fracassarem, seja por não envolverem os leitores, seja por não atingirem êxito no mercado. Produzir uma obra impactante requer mais do que habilidade técnica; exige profundidade, propósito e uma ligação emocional que reverbere no público.

Assim como uma melodia é capaz de evocar emoções sem palavras, a sonoridade literária carrega consigo um tom moral ou emocional que ultrapassa

«Aqui fica um convite à reflexão: está apenas a preencher páginas com palavras ou está a criar uma experiência sensorial para o seu leitor?»

o simples significado das frases. Este conceito distingue, repito, o amador do profissional. Saber criar essa conexão é o verdadeiro desafio.

Este é um assunto complexo? Com certeza! A realidade é clara: o amadorismo, frequentemente romantizado, é alvo de desprezo nos bastidores editoriais e jamais conduzirá a uma carreira sólida. Seja honesto consigo mesmo, comprometa-se com o trabalho árduo e crie algo que ressoe de verdade. O mundo precisa de histórias que não apenas preencham páginas, mas que toquem e transformem os seus leitores.

DIZ-ME O QUE OUVES

SANDRA
BARÃO NOBRE

Defendo que não existe biblioterapia sem diálogo — entre o leitor e a história que lê, ouve narrada ou vê dramatizada; do leitor consigo mesmo, num exercício de introspecção suscitado pela história; e entre o biblioterapeuta e todos os participantes no processo biblioterapêutico, para reflectir em conjunto sobre a história com a qual interagiram.

Por sua vez, o diálogo não existe sem ouvir o outro. Melhor ainda: o diálogo profícuo não existe sem ouvir com muita atenção o outro, isto é, sem escutá-lo activamente (abro um parêntesis para notar que, muitas vezes, confundimos monólogos à desgarrada com diálogos, e depois recebemos com choque a esterilidade do que, sem nos darmos conta, nunca foi um encontro). Só uma escuta activa garante diálogos eficazes; e em biblioterapia só uma escuta activa garante processos biblioterapêuticos eficazes.

No exercício da biblioterapia, o diálogo tem outra característica fundamental: constitui um espaço de respeito e de acolhimento recíprocos, onde não se fazem julgamentos, nem juízos de valor. Em biblioterapia, a relação com a dimensão emocional e psicológica das histórias é de carácter subjectivo e existencial, não havendo lugar para certos e errados no que cada um, à luz da sua experiência de vida, extrai das narrativas. Por isso, no diálogo, quando escutamos activamente os outros — as suas razões, justificações e argumentos —, acolhemos as suas in-

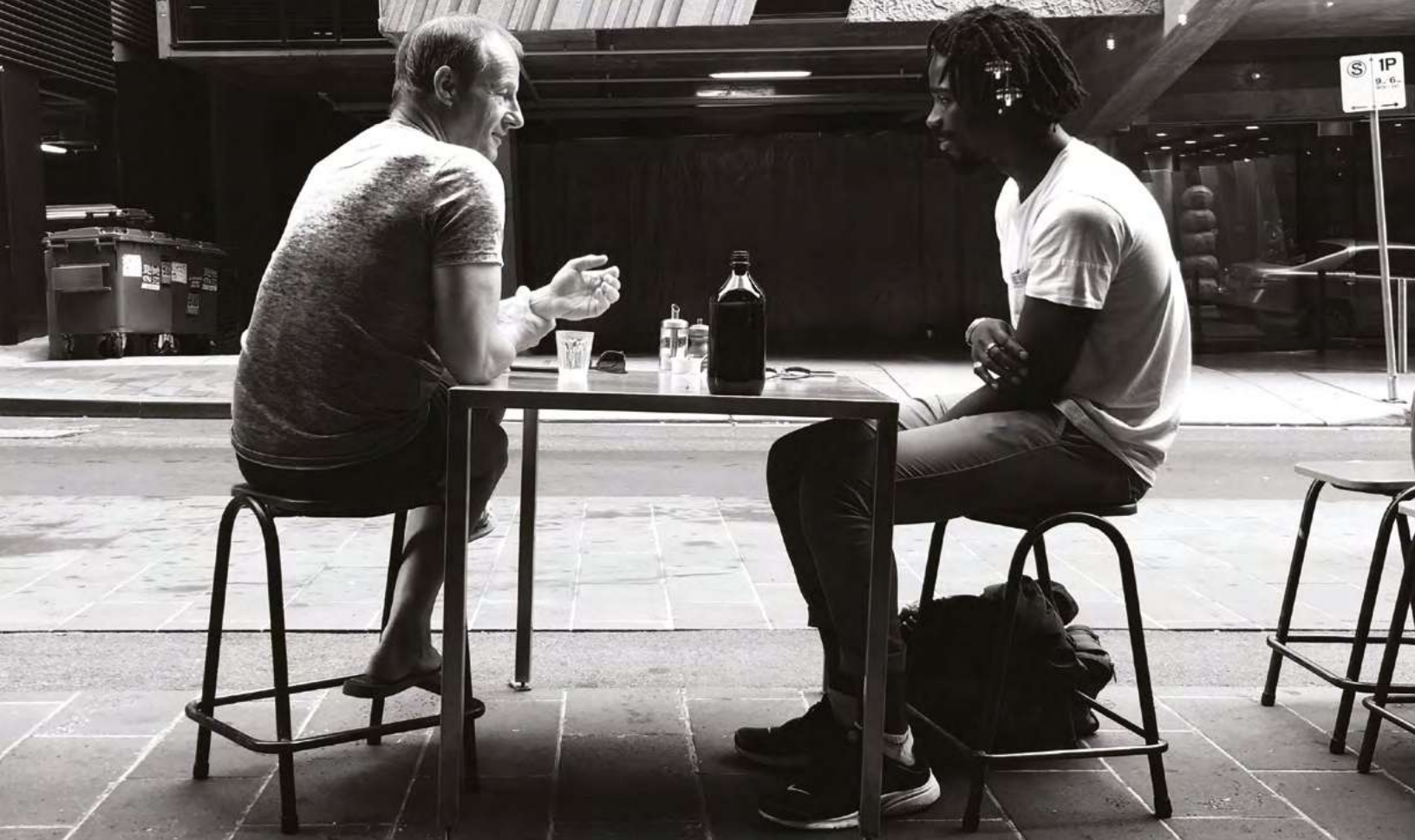
ferências na mesma medida em que as nossas também serão acolhidas.

No ensaio "A Crise da Narração", o filósofo Byung-Chul Han defende que "no meio do oceano de dados e de informação, andamos em busca de ancoradouros narrativos (...) As histórias criam laços entre as pessoas, uma vez que promovem a empatia (...) A comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos"¹. Em biblioterapia estes ouvintes atentos, ao aceitar as inferências dos outros (até aquelas com as quais não se identificam ou que lhes parecem absurdas), podem expor-se a revelações sobre si mesmos. O biblioterapeuta francês Marc-Alain Ouaknin defende que "devemos fazer um desvio (...) pela palavra do outro para escutar o eco das nossas próprias palavras. Não se trata da utilização do outro, mas da força do encontro e do diálogo. A narrativa do outro homem vem fracturar-me, abrir-me a outra dimensão do mundo e de mim mesmo. Encontrar a palavra do outro pode conduzir-me a mim mesmo."² É assim que, por exemplo, o diálogo biblioterapêutico derruba preconceitos.

Assim, dentro desta premissa de reciprocidade, escutar activamente, basear o diálogo nesta escuta atenta e acolher as perspectivas extraídas das histórias e expressas no diálogo, constitui um exercício de encontro, empatia e humildade, um investimento na humanização, em suma, um acto de cuidado e de promoção do desenvolvimento e do bem-estar individual e colectivo — o objectivo último da biblioterapia.

¹ Byung-Chul Han em "A Crise da Narração", Relógio d'Água, Portugal, 2014, ISBN 9789897834233, págs. 14-15

² "Bibliothérapie: Lire c'est guérir", de Marc-Alain Ouaknin, Éditions du Seuil, França, 1994, ISBN 9782757854242, Pág. 98



Mas, em biblioterapia a que damos ouvidos ao certo?

Na interacção com as histórias, damos sobretudo ouvidos às figuras de estilo e de retórica — às alegorias, às alusões, às metáforas, às comparações, à simbologia, etc. —, que ajudam a construir imagens na nossa mente; aos espaços vazios, que colmatamos com essas imagens e com a nossa experiência de vida;³ e ao grande número de impressões da vida que as histórias evidenciam, captam, coordenam e fixam em acontecimentos típicos ou universais.⁴ É nesta escuta atenta, que temos a oportunidade de viver processos reveladores de identificação e de introspecção, com potencial transformador, apaziguador e catártico.

Já no diálogo com o outro importa sublinhar que, para além de escutamos todas as palavras ditas — o tom, o ritmo, a ênfase colocada em cada uma —,

devemos também ouvir o que diz o seu corpo — o rosto, os olhos, as mãos, por exemplo. E quem se dispõe a escutar, deve fazê-lo com o corpo todo e não apenas com os ouvidos. A sua postura e expressão facial devem deixar claro que quem escuta se interessa pelo outro, interpreta correctamente, entende e aceita sem julgamentos o que está a ser partilhado.⁵

Neste domínio da escuta em biblioterapia, navegamos quase sempre num mar de subtilidades, e é de forma subtil, delicada, que o biblioterapeuta deve saber virar o seu corpo para sons por vezes quase inaudíveis. Esta capacidade para ouvir, para escutar com atenção e intenção, é uma característica imprescindível ao biblioterapeuta eficaz e é uma atitude que deve ser incentivada naqueles que participam em actividades biblioterapêuticas. É assim que a biblioterapia contribui tornar mais coeso e saudável um corpo social.

³ "Leitura e Terapia", de Clarice Caldin, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2009, Pág. 169

⁴ "Elogio da Literatura", de Northorp Frye, Edições 70, Portugal, 2022, ISBN9789724425597, pág.58

⁵ "Biblio/Poetry Therapy - The Interactive Process: a handbook, de Arleen Hynes e Mary Hynes-Berry, North Star Press, EUA,

CLUBE DE LEITURA



O clube de leitura «**O Prazer da Escrita**» tem como principal objetivo fomentar o convívio entre os amantes de livros, a democratização da cultura e o incentivo à leitura.

O encontro literário para discussão do livro escolhido acontece no último sábado de cada mês (ou no primeiro sábado, em função de eventuais festividades ou disponibilidade dos escritores convidados), das 21h30 às 22h30 (horário de Portugal Continental e Madeira).

Seguindo a dinâmica dos clubes de leitura das bibliotecas municipais, o acesso ao clube e a participação nos encontros através da plataforma Zoom é gratuita.

Se desejar aderir a este clube de leitura online, basta solicitar adesão em www.facebook.com/groups/EncontrosLiterariosOPrazerDaEscrita

PRÉMIO LITERÁRIO O PRAZER DA ESCRITA

O «Prémio Literário O Prazer da Escrita» terá a sua segunda edição em 2025. Este prémio literário é promovido pelo projeto «O Prazer da Escrita», em colaboração com a Editora Visgarolho. O seu principal objetivo é incentivar a escrita e a leitura de um género tão português como o conto, contribuindo, assim, para o surgimento de novos contistas nacionais. Ao autor premiado será oferecida a oportunidade de publicação através da Editora Visgarolho e um prémio monetário no valor de 500 €.

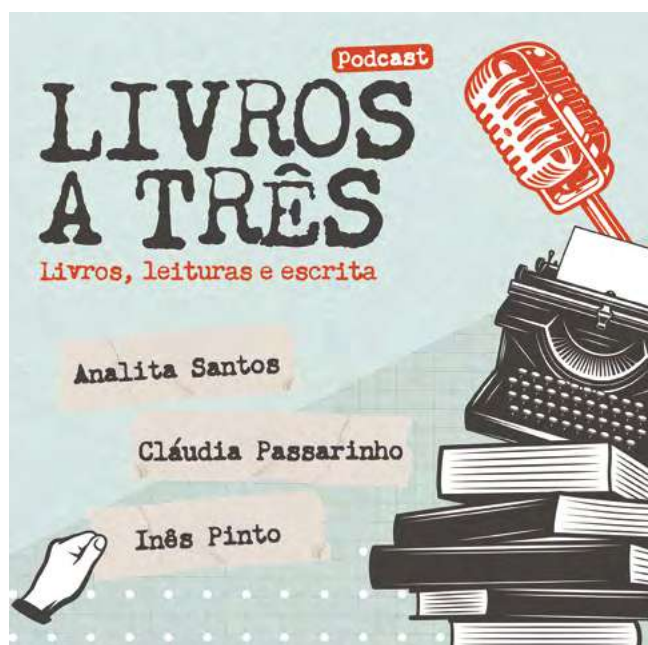
A 2.ª edição do «Prémio Literário O Prazer da Escrita» decorrerá entre as 00h00 de 21 de abril de 2025 e as 23h59 de 26 de maio de 2025.

Mais informações: info@oprazerdaescrita.com

2º **O
PRAZER
DA
ESCRITA**
PRÉMIO LITERÁRIO


VISCAROLHO

PODCAST



Disponível nos principais [agregadores de podcast](#)



AS – MARKETING E COMUNICAÇÃO PARA AUTORES



Na [AS – Agência de Marketing e Comunicação para Autores](#), acreditamos no poder das palavras para transformar vidas e conectar pessoas. Estamos aqui para ajudar a dar vida e visibilidade às suas palavras, seja um aspirante a escritor que quer construir uma carreira literária, um profissional que deseja promover o seu negócio através de um livro, uma editora, ou alguém que quer partilhar a sua história pessoal para inspirar outros.

Somos apaixonados por literatura e estamos comprometidos em dinamizar ainda mais o cenário literário em Portugal. A nossa agência é pioneira no país, oferecendo serviços especializados a escritores e profissionais que desejam destacar as suas obras e mensagens.

A nossa equipa é composta por profissionais experientes e apaixonados pelo mundo das letras. Com uma vasta experiência em edição, revisão, design editorial, marketing e comunicação, estamos preparados para ajudar os nossos clientes a atingir os seus objetivos literários e a promover as suas obras de forma rápida e eficaz.

Para quem quer escrever melhor e com mais confiança

Mais de 250 erros
e mal-entendidos
frequentes.

Mais de 90 palavras
de uso menos habitual
para aumentar o seu
vocabulário.

Um capítulo
especial dedicado
à pontuação.



Dez dicas muito
práticas para
escrever de forma
mais eficaz e
aprimorar a sua
escrita.

Doze sugestões de
livros para aprender
técnicas literárias.

Mais de 200 citações
provenientes de livros
de autores portugueses
(e não só), retiradas de
obras que já leu ou que
certamente desejará ler.

À venda nos locais habituais.



Ler e escrever é resistir



Analita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA®

